



FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

Design Editorial

Produção da revista científica digital

TPU - Território, Planeamento
e Urbanismo · *teoria e prática*

Inês Machado Pereira da Fonseca

orientação Doutora Teresa Olazabal Cabral
Doutor João Aranda Brandão

júri *Presidente* Doutor Pedro George
Vogal Doutora Elisabete Rolo

**Relatório de Estágio para a obtenção
do Grau de Mestre em Design de Comunicação
Documento Definitivo**

Lisboa, Dezembro de 2017



Design Editorial

Produção da revista científica digital

TPU - Território, Planeamento

e Urbanismo · *teoria e prática*

Inês Machado Pereira da Fonseca

orientação Doutora Teresa Olazabal Cabral
Doutor João Aranda Brandão

júri *Presidente* Doutor Pedro George
Vogal Doutora Elisabete Rolo

**Relatório de Estágio para a obtenção
do Grau de Mestre em Design de Comunicação
Documento Definitivo**

Lisboa, Dezembro de 2017

RESUMO

O presente projeto de investigação enquadra-se no âmbito do Design de Comunicação, mais especificamente no Design Editorial, como Estágio Académico de Natureza Profissional. O principal objetivo passa pela criação de uma revista científica digital dedicada à investigação na área do Urbanismo, intitulada **TPU: Território, Planeamento e Urbanismo · teoria e prática**. Trata-se de uma iniciativa de escolas portuguesas membros da *Association of European Schools of Planning* (AESOP) a publicar em versão digital e em *open access* (acesso livre), tendo como intenção a sua indexação.

O propósito deste trabalho centra-se na concepção de um projeto editorial, tendo como missão a transmissão e divulgação da mensagem científica no meio digital. Essencial será criar um espaço de comunicação e de reflexão numa área cuja designação é difícil de resumir em apenas uma palavra, daí o título da revista – Território, Planeamento e Urbanismo. Partiu-se de uma contextualização teórica, produto de uma crítica literária de várias áreas do conhecimento: o urbanismo, a revista científica e o design editorial. Completaram-se tais informações com um estudo de casos relevantes composto por revistas científicas no âmbito do território e do planeamento. Como resultado final a intenção passou por desenvolver um projeto editorial que primasse pela qualidade gráfica e coerência visual. O mesmo tenciona vir a ser um contributo de design de comunicação para a comunidade científica.

O estágio em questão permitiu criar uma ligação entre o universo académico e o profissional, proporcionando novas responsabilidades, partilhas e trocas de conhecimento entre os envolvidos.

PALAVRAS-CHAVE

Design Editorial · Comunicação Científica · Revista Científica
Publicação Digital · Urbanismo;

ABSTRACT

The present study fits in Communication Design, more specifically in Editorial Design, as an academic internship of professional nature. The main issue is to create a digital scientific magazine dedicated to research in the field of Urbanism, titled **TPU: Território, Planeamento e Urbanismo · teoria e prática**. This is an initiative of Portuguese schools that are members of the Association of European Schools of Planning (AESOP) to publish in digital version and in open access, with the purpose of indexing the magazine.

The project is dedicated to the creation of an editorial project, whose mission is to transmit and disseminate the scientific message in the digital environment. It is essential to create a space for communication and reflection in an area where it's designation is difficult to summarize in just one word, hence the title - Territory, Planning and Urbanism. It started from a theoretical contextualization, product of a literary critic about several areas of knowledge: urbanism, scientific magazine and editorial design. This information was completed with relevant study cases, based on the most prestigious scientific journals in the research area. As a final result the intention was to develop an editorial project that excels by the graphic quality and visual coherence, which aims to be a contribution of communication design to the scientific community

The internship allowed the creation of a link between the academic and professional worlds, entailing new responsibilities, sharing and exchanging knowledge among those involved.

KEYWORDS

Editorial Design · Scientific Communication · Scientific Magazine
Digital Publishing · Urbanism;

› Este documento foi escrito ao abrigo
do novo acordo ortográfico.

Aos meus avós

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Teresa Olazabal Cabral e ao Professor Doutor João Aranda Brandão pela dedicação, disponibilidade e apoio prestados ao longo desta investigação.

À Professora Doutora Sofia Morgado pela possibilidade de realização do estágio, pelo acompanhamento incansável e pela amizade.

A todos os membros do grupo de investigação MURBS e em especial ao Prof. Paulo Silva pelo apoio, disponibilidade e simpatia.

Ao Prof. Doutor Fernando Moreira da Silva, como presidente do Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design, e à Fundação para a Ciência e a Tecnologia por me terem proporcionado esta oportunidade e financiado a bolsa de investigação.

À Faculdade de Arquitectura - Universidade de Lisboa por me ter acomodado nas suas instalações e permitido adquirir novos conhecimentos nesta etapa de aquisição do grau mestre.

À Ordem dos Arquitectos e à Associação dos Urbanistas Portugueses pela disponibilidade e partilha de dados necessário a esta investigação.

À Carla pela amizade, apoio e motivação. Obrigada pela sinceridade e por todos os conselhos dados ao longo deste percurso.

A todos os amigos que sempre me ajudaram, deram força e que tornam a minha vida mais feliz e completa.

À família, em especial aos pais, irmãos e avós por serem o meu suporte e fonte de inspiração. **Obrigada pelo amor incondicional!**

**“ There is an art to science,
and a science in art;
the two are not enemies,
but different aspects
of the whole.”**

Isaac Asimov (1988)

T.L Existe uma arte para
a ciência, e uma ciência
na arte; os dois não são
inimigos, mas diferentes
aspectos de um todo.

ÍNDICE GERAL

III	Resumo · Palavras - Chaves
V	<i>Abstract · Keywords</i>
VII	Dedicatória
IX	Agradecimentos
XI	[EPÍGRAFE]
XVII	Índice de Figuras
XIX	Índice de Tabelas
XX	Acrónimos e Abreviaturas
1	1. INTRODUÇÃO
4	1.1. Título
4	1.2. Problemática
5	1.3. Tópico Investigativo
5	1.4. Objetivos
5	1.5. Argumento
6	1.6. Desenho de Investigação
7	1.7. Benefícios
9	2. O URBANISMO
11	2.1. Definição de cidade
14	2.2. O conceito de urbanismo
16	2.3. A evolução urbana: algumas datas relevantes para o urbanismo
19	2.4. O ensino e profissão

25	3. A REVISTA CIENTÍFICA
27	3.1. O que é?
28	3.1.1. Tipos de artigos e publicações
28	3.2. Breve história e evolução da revista científica
31	3.3. A adoção da publicação digital
33	3.4. Processo de publicação
34	3.4.1. Modelos de publicação
35	3.4.2. Políticas de publicação
35	3.5. A importância das revistas no sistema de comunicação da ciência
39	4. O DESIGN EDITORIAL
41	4.1. O que é?
42	4.2. A abordagem ao projeto editorial
44	4.3. O design de revistas
45	4.3.1. As revistas e a <i>web</i>
46	4.4. Elementos de um projeto editorial
46	4.4.1. Marca e identidade
48	4.4.2. Cor
51	4.4.3. Tipografia
52	<i>Classificação dos tipos</i>
53	<i>A tipografia e a web</i>
55	4.4.4. Capa
56	4.4.5. <i>Layout</i> e grelhas
59	5. CASOS DE ESTUDO
61	5.1. As Revistas Científicas
62	5.1.1. Finis terra – A Revista Portuguesa de Geografia
64	5.1.2. GOT - Geografia e Ordenamento do Território
66	5.1.3. RPER - Revista Portuguesa de Estudos Regionais
68	5.1.4. <i>Cities - The International Journal of Urban Policy and Planning</i>

70	5.1.5. <i>Regional Studies</i>
72	5.1.6. <i>Cell</i>
75	5.2. Conclusões
77	6. MURBS
80	6.1. Estrutura da Empresa
80	6.1.1. MURBS
80	6.1.2. Faculdade de Arquitetura - UL
81	6.1.3. CIAUD
83	6.1.4. Equipa
85	6.2. Atividades
89	7. ESTÁGIO
91	7.1. Tarefas Previstas
92	7.2. Cronograma dos Projetos
93	7.3. Revista TPU: Território, Planeamento e Urbanismo • teoria e prática
94	7.3.1. Estudos iniciais
96	7.3.2. Processo editorial
96	<i>Formato</i>
97	<i>Estrutura editorial</i>
99	<i>Cor</i>
100	<i>Grelhas</i>
102	<i>Tipografia</i>
113	<i>Marca gráfica</i>
120	<i>Imagens</i>
102	<i>Capa e contra-capa</i>
96	7.3.3. Ativação da Marca

139	8. CONCLUSÃO
141	8.1. Conclusões e Considerações Finais
143	8.2. Recomendações
145	9. ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS
147	9.1. Referências Bibliográficas
151	9.2. Bibliografia
157	9.3. Glossário
CD	9.4. Apêndices
	9.4.1. Revista TPU – Território, Planeamento e Urbanismo · <i>teoria e prática</i>
	9.4.2. Ativação da Marca

ÍNDICE DE FIGURAS

- 6** FIGURA 1 | Organograma do processo de investigação
- 14** FIGURA 2 | Barcelona. Plano de Extensão de Ildefonso Cerdà (1859)
- 27** FIGURA 3 | Contexto da publicação científica
- 29** FIGURA 4 | Capas das revistas: *Journal des Savants e Philosophical Transactions da Royal Society*
- 33** FIGURA 5 | Diagrama do processo de publicação
- 52** FIGURA 6 | Sistema de Classificação de Tipos segundo Ellen Lupton.
- 63** FIGURA 7 | A Finisterra, nº105, 2017 – capa
- 63** FIGURA 8 | A Finisterra, nº105, 2017 – análise de grelha e *layout*
- 65** FIGURA 9 | Pequena seleção de diversos números da revista GOT
- 65** FIGURA 10 | GOT n.º 9, 2016 – análise de grelha e *layout*
- 67** FIGURA 11 | Pequena seleção de diversos números da revista da Revista Portuguesa de Estudos Regionais
- 67** FIGURA 12 | A Revista Portuguesa de Estudos Regionais, nº45, 2017 – análise de grelha e *layout*
- 69** FIGURA 13 | *Cities*, nº72, 2017 – capa
- 69** FIGURA 14 | *Cities*, nº72, 2017 – análise da grelha e *layout*
- 71** FIGURA 15 | *Regional Studies*, nº 51, 2017 nº72, 2017 – capa
- 71** FIGURA 16 | *Regional Studies*, nº 51, 2017 nº72, 2017 – análise de grelha e *layout*
- 73** FIGURA 17 | Seleção de diferentes capas da revista *Cell*
- 74** FIGURA 18 | *Cell*, nº171, 2017 – análise da grelha e *layout*
- 92** FIGURA 19 | Cronograma do projeto
- 95** FIGURA 20 | Esboços iniciais
- 96** FIGURA 21 | Relação entre diferentes formatos
- 99** FIGURA 22 | Paleta cromática, Revista TPU
- 100** FIGURA 23 | Grelha de Construção, Revista TPU
- 101** FIGURA 24 | Guias, Revista TPU

- 101** FIGURA 25 | *Baseline grid*, Revista TPU
- 102** FIGURA 26 | Família Tipográfica - *Cambria*, Revista TPU
- 103** FIGURA 27 | Família Tipográfica - *Open Sans*, Revista TPU
- 103** FIGURA 28 | Hierarquias, Revista TPU
- 104** FIGURA 29 | Hierarquia dos elementos, Revista TPU
- 105** FIGURA 30 | Hierarquia dos elementos, Revista TPU
- 106** FIGURA 31 | Hierarquia dos elementos, Revista TPU
- 107** FIGURA 32 | Entrada de artigo (1:1), Revista TPU
- 108** FIGURA 33 | Hierarquia dos elementos, Revista TPU
- 109** FIGURA 34 | Número de página e título corrente
– proposta inicial, Revista TPU
- 109** FIGURA 35 | Número de página e título corrente
– proposta final, Revista TPU
- 110** FIGURA 36 | Hierarquia dos elementos, Revista TPU
- 111** FIGURA 37 | Hierarquia dos elementos, Revista TPU
- 112** FIGURA 38 | Hierarquia dos elementos, Revista TPU
- 114** FIGURA 39 | Prisma de Identidade, Revista TPU
- 115** FIGURA 40 | Imagem Robot da Marca TPU
- 116** FIGURA 41 | Esboços, Marca gráfica TPU
- 117** FIGURA 42 | Proposta 1, Marca gráfica TPU
- 117** FIGURA 43 | Proposta 4, Marca gráfica TPU
- 118** FIGURA 44 | Evolução, Marca gráfica TPU
- 118** FIGURA 45 | Estudo de conjugações entre símbolo
e logótipo, Marca gráfica TPU
- 119** FIGURA 46 | Cor, Marca gráfica TPU
- 120** FIGURA 47 | Ilustrações - primeiros esboços, Revista TPU
- 121** FIGURA 48 | Ilustração, Revista TPU
- 123** FIGURA 49 | Ilustrações, Revista TPU
- 124** FIGURA 50 | Fotografias originais, Revista TPU
- 124** FIGURA 51 | Fotografia após tratamento, Revista TPU
- 125** FIGURA 52 | Composição de uma página com fotografia, Revista TPU
- 126** FIGURA 53 | Capa e contra-capas, Revista TPU
- 127** FIGURA 54 | Futuras edições, Revista TPU

129	FIGURA 55 Página inicial, <i>website</i> TPU
129	FIGURA 56 Barra de menus, <i>website</i> TPU
130	FIGURA 57 Página "sobre", <i>website</i> TPU
130	FIGURA 58 Página "conselho editorial", <i>website</i> TPU
131	FIGURA 59 Página "publicações", <i>website</i> TPU
131	FIGURA 60 Página "notícias", <i>website</i> TPU
133	FIGURA 61 Página "notícias", <i>website</i> TPU
134	FIGURA 62 Página "publicações", <i>website</i> TPU
135	FIGURA 63 Cartaz e assinatura de <i>e-mail</i>
137	FIGURA 64 Manual de Normas Gráficas

ÍNDICE DE TABELAS

20	TABELA 1 Distribuição de cursos do Ensino Superior no âmbito do Urbanismo
21	TABELA 2 Dados estatísticos de candidaturas anteriores referentes ao curso de Arquitectura, na área de especialização em Urbanismo, na FA-UL
34	TABELA 3 Principais diferenças entre o modelo Tradicional e de Acesso Aberto

ACRÓNIMOS E ABREVIATURAS

AESOP	<i>Association of European Schools of Planning</i>
AML	Área Metropolitana de Lisboa
APDR	Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional
AUP	Associação dos Urbanistas Portugueses
CAU	Colégio de Arquitetos Urbanistas
CEGOT	Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território
GETCPI	Gabinete de Empreendedorismo, Transferência de Conhecimento e Propriedade Intelectual
CEMAT	Centro de Matemática e Aplicações
C.I.A.M	Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna
CIAUD	Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design
CITP	<i>Classification internationale type des professions</i>
Coord.	Coordenação
CMYK	Sistema de cores subtrativas formado por cian (<i>Cyan</i>), magenta (<i>Magenta</i>), amarelo (<i>Yellow</i>) e preto (<i>Key</i>)
CPP	Classificação Portuguesa das Profissões
CPS	Centro de Prestação de Serviços
DGES	Direção Geral do Ensino Superior
DOAJ	<i>Directory of Open Access Journals</i>
ed.	edição
EIONET	<i>National Reference Centre on Land Use and Spatial Planning</i>
ePub	<i>Electronic Publication</i>
ETSAB	<i>Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona</i>
FA-UL	Faculdade de Arquitetura – Universidade de Lisboa
FAUP	Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
FCT	Fundação para a Ciência e a Tecnologia
GENDERSTE	<i>Gender, Science, Technology and Environment</i>
GETCPI	Gabinete de Empreendedorismo, Transferência de Conhecimento e Propriedade Intelectual

GOT	Geografia e Ordenamento do Território
ISCO	<i>International Standard Classification of Occupations</i>
ISOCARP	<i>International Society of City and Planners Regional</i>
ISSN	<i>International Standard Serial Number</i>
Latindex	<i>Sistema Regional de Información em Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe y Portugal</i>
LCD	<i>Liquid Crystal Displays</i>
mm	milímetros
MURBS	Grupo de Estudos Metropolitanos e das Formas de Urbanização
n.º	número
NRC LUSP	Land Use and Spatial Planning
p.	página
PDF	<i>Portable Document Format</i>
PHP	<i>Hypertext Preprocessor</i>
pts	pontos
pp.	páginas
px	pixel
RGB	Sistema de cores aditivas formado por vermelho (<i>Red</i>), verde (<i>Green</i>) e azul (<i>Blue</i>)
RPER	Revista Portuguesa de Estudos Regionais
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
s.d.	<i>sine data</i> , sem data
SQL	<i>Structured Query Language</i>
T.L.	Tradução livre
TPU	Território, Planeamento e Urbanismo
UCP	Universidade Católica Portuguesa
UTL	Universidade Técnica de Lisboa
Vol.	Volume



1. INTRODUÇÃO

- 1.1. Título
- 1.2. Problemática
- 1.3. Tópico Investigativo
- 1.4. Objetivos
- 1.5. Argumento
- 1.6. Desenho de Investigação
- 1.7. Benefícios

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de investigação foi desenvolvido no âmbito do mestrado de Design de Comunicação, integrado como Estágio Académico de Natureza Profissional. A proposta de atividades, apresentada pelo grupo de investigação MURBS (local de estágio), consistiu na produção de uma revista científica digital, intitulada **TPU: Território, Planeamento e Urbanismo · teoria e prática**.

Esta publicação periódica de carácter científico destina-se a promover o progresso da ciência, abordando temas no âmbito do território e do urbanismo. Dada a diversidade de conteúdos abrangida pelo projeto, como o design editorial, o urbanismo e a investigação científica, foi essencial aprofundar conhecimentos relativos aos mesmos. Foi igualmente necessário realizar uma análise das revistas científicas mais prestigiadas a nível nacional e internacional, de forma a caracterizar a perspectiva de design inerente a este tipo de publicações. De entre os diversos elementos que constituem o sistema de comunicação científica, as revistas científicas têm sido as mais alteradas, em consequência dos avanços da tecnologia de informação ao longo dos tempos.

“No século XIX, a publicação de artigos em revistas científicas conquistou novos horizontes, mais dinâmicos e acessíveis. Por esta mesma razão, a produção aumentou significativamente, permitindo que esta fosse feita por editoras comerciais, por sociedades científicas e pelas universidades. Outro fator

que contribuiu para o aumento da produção foi o facto de posteriormente à II Guerra Mundial, se ter tornado pública muita informação que era confidencial, o número de investigadores ter aumentado exponencialmente, e consequentemente, o aumento de descobertas, inovações científicas e tecnológicas. É também nesta altura que se desenvolvem novas tendências de suporte, acesso e armazenamento da informação.” (ANTUNES, 2010, p. 10)

Posto isto, no universo atual, o investigador tem acesso a diversas formas de pesquisa de informação. A tecnologia digital é um meio facilitador da partilha de conhecimento e do acesso à informação científica. Esta nova era de partilha de conhecimento abriu ao campo do design editorial novas abordagens ao projeto, quer em termos de imagem, formato, texto e até mesmo conteúdo. A reflexão sobre os aspetos editoriais que podem contribuir para a criação de uma revista científica de qualidade foi o alicerce de todo o projeto.

1.1. Título

Design Editorial

Produção da revista científica digital – TPU:

Território, Planeamento e Urbanismo · *teoria e prática*

1.2. Problemática

A premissa estabelecida pelo grupo de investigação MURBS passou pela criação de um projeto editorial para o meio digital. No cerne desta questão encontram-se aspetos importantes como a identidade, a legibilidade, a imagem gráfica, a paginação, entre outros. Tais elementos devem ser trabalhados segundo o propósito, carácter e formato do projeto, neste caso, uma publicação científica periódica.

Escrita em língua portuguesa, a revista aborda temas no âmbito do território, planeamento e urbanismo. Pretende, assim, centrar-se

em diversos aspetos nestes domínios, mantendo o leitor atualizado, através da reflexão e discussão focadas em aspectos mais ou menos imateriais. Direcciona-se tanto a técnicos (arquitetos, engenheiros civis, geógrafos, planeadores do território, entre outros), como a académicos e investigadores que se preocupam com as temáticas em questão.

1.3. Tópico Investigativo

Produção de uma revista científica digital no âmbito do território e do urbanismo.

1.4. Objetivos

GERAIS

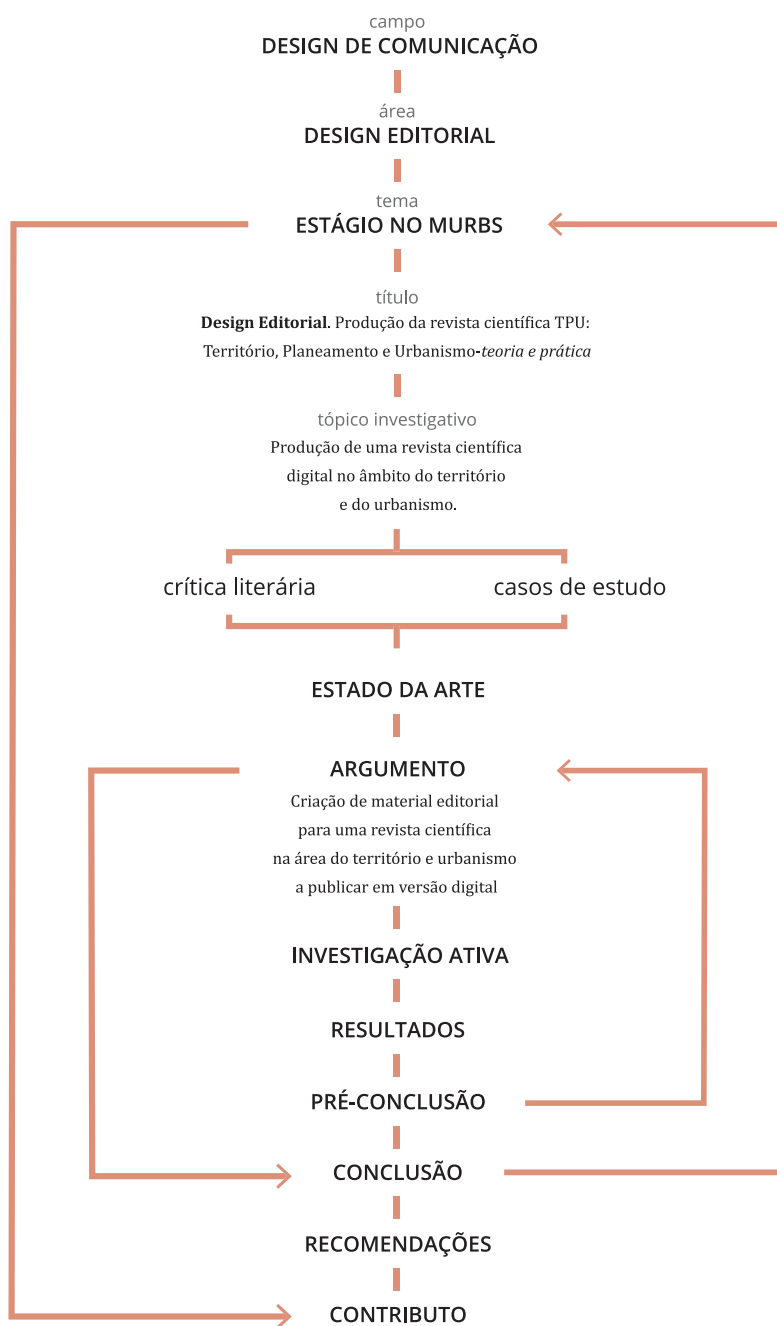
- › Desenvolver um projeto de design editorial através da criação de uma revista científica digital.

ESPECÍFICOS

- › Aprofundar os conceitos de território, urbanismo e comunicação científica.
- › Entender o papel da revista científica na sociedade atual.
- › Perceber de que forma o design de comunicação pode contribuir para a disseminação da mensagem científica.
- › Compreender quais os fatores essenciais de sucesso, de legibilidade e grafismo numa publicação periódica digital.
- › Contribuir para o crescimento a nível pessoal e profissional da mestranda.

1.5. Argumento

Criação de material editorial para uma revista científica na área do planeamento, território e urbanismo a publicar em versão digital.

**FIGURA 1**

Organograma do processo
de investigação.

Investigadora, 2017

1.6. Desenho de Investigação

Numa fase inicial foi adotada uma metodologia não intervencionista, de forma a obter uma recolha bibliográfica, crítica literária e uma recolha de casos de estudo e projetos de referência.

Seguiu-se a utilização de uma metodologia intervencionista, a investigação ativa. Nesta fase, procedeu-se ao desenvolvimento do projeto, através da realização do estágio profissional.

Uma vez terminada a fase anterior, o projeto, foram retiradas conclusões, a partir das quais surgiram recomendações, que contribuirão para a expansão do conhecimento na área. O processo descrito pode ser observado na **FIGURA 1**.

1.7. Benefícios

Os benefícios desta investigação e relatório de estágio acrescenta valor a nível pessoal e profissional, contribuindo para a comunidade envolvente. O projeto contribui tanto para a comunidade científica, como para o público-alvo do mesmo, providenciando uma investigação dentro da área do design editorial, do urbanismo e da comunicação científica.

Pretendeu-se, quer com a contextualização teórica e prática, quer com a criação da revista científica, descrever o processo de pensamento e ações que conduziram ao resultado final.

No que diz respeito aos benefícios pessoais, ofereu à mestranda uma experiência baseada num projeto de contexto profissional. Necessário foi gerir o período de planeamento, trabalho e reuniões durante os meses de estágio, providenciando um sentido de responsabilidade e organização. Além disso, trata-se de um projeto prático que será adicionado ao currículo da mestranda.

De uma forma geral, a investigação contribuiu para expandir os conhecimentos não só da investigadora, mas também de possíveis interessados na área editorial, do design para o meio digital e do urbanismo.



2. URBANISMO

- 2.1. Definição de cidade
- 2.2. O conceito de urbanismo
- 2.3. A evolução urbana: algumas
datas relevantes para o urbanismo
- 2.4. O ensino e profissão

2. O URBANISMO

2.1. Definição de cidade

A cidade é apontada como o principal objeto de estudo do Urbanismo e, segundo a definição encontrada no Dicionário Ilustrado (2004), a cidade define-se como:

- › O meio geográfico e social caracterizado por uma forte concentração populacional que cria uma rede orgânica de troca de serviços (administrativos, comerciais, profissionais, educativos e culturais; metrópole.
- › Tipo de vida e de hábitos socioculturais do meio urbano, por oposição ao campo.
- › Conjunto de habitantes de uma cidade.

A par desta definição, existem outras perspectivas em relação ao conceito de cidade. Pelo facto de ser um tema bastante vasto e sugestivo, e tendo em conta a quantidade de conhecimento que é necessário reunir para a sua compreensão e reflexão, a cidade pode ser estudada sob um número de ângulos infinito. A cidade engloba tudo, e, nada do que se refere ao ser humano lhe é estranho. A sua própria existência aloja-se, em grande parte no seio das cidades. Este é um facto que devemos ter em mente, visto muitas vezes confundirmo-nos e chegarmos a pensar que são as próprias cidades que vivem e respiram (GOITIA, 1982, p. 9).

Definir o que é uma cidade é uma tarefa bastante complexa. Muitas das definições existentes referem-se a conceitos de cidades completamente opostos, ou até a cidades que são constituídas de maneiras diferentes.

“A polis grega não tem nada que ver com a cidade medieval; uma vila cristã e uma medina muçulmana são distintas uma da outra, da mesma maneira que uma cidade-templo como Pequim e uma metrópole comercial como Nova Iorque.” (GOITIA, 1982, p. 10)

Segundo Aristóteles, a cidade pode definir-se como: “um certo número de cidadãos, pelo que devemos considerar a quem há que chamar cidadão e quem é o cidadão...”, “Chamamos, pois, cidadãos de uma cidade àqueles que possuem a faculdade de intervir nas funções deliberativa e judicial da mesma, e a cidade em geral ao número total destes cidadãos, bastante para as necessidades da vida” (Aristóteles apud GOITIA, 1982, p. 10). Tal definição está ligada a um conceito político da cidade, onde os problemas da cidade se transferem para os problemas do estado político dos seus cidadãos.

Afonso X¹ afirma que a cidade engloba todo o lugar cercado por muralhas, composto pelos arrabaldes e edifícios que as mesmas defendem, ou seja, uma cidade medieval.

Para Richard Cantillon, no século XVIII, um lugar pode converter-se numa cidade, quando um príncipe ou senhor se fixa num determinado local e arrasta consigo outros senhores, convivendo em sociedade. Esta definição de cidade entende-se como cidade barroca.

Segundo Orteya y Gasset “a cidade é uma tentativa de secessão feita pelo homem para viver fora e frente ao cosmos, do qual aproveita porções escolhidas e delimitadas” (GOITIA, 1982, p. 11). Para o autor a cidade clássica e mediterrânea são cidades por excelência, onde a praça é vista como o elemento fundamental.

Ernst Egli afirma que os elementos estruturais de uma cidade são os seguintes: a casa, a rua, a praça, os edifícios públicos e os limites que a definem dentro da sua localização no espaço.

¹ Afonso X, o Sábio ou o Astrólogo, foi rei de Castela e Leão de 1252 até à sua morte em 1284.

“Todos estes elementos (casa, rua, praça, monumentos, limites) obedecem a uma concepção unitária e, assim, não pode

existir uma rua mulçumana com casas góticas, nem uma catedral junto a uma ágora clássica, nem qualquer outra combinação de elementos heterogêneos. Casa estrutura urbana é essencialmente unitária.” (GOITIA, 1982, p. 15)

O autor François Ascher reconhece que as cidades se podem definir como uma aglomeração de população que não produz os seus próprios meios de subsistência alimentar.

“A existência das cidades supõe portanto, desde a sua origem, uma divisão técnica, social e espacial da produção e implica trocas de natureza diversa entre aqueles que produzem bens manufacturados (os artesãos), os bens simbólicos (os padres, os artistas, etc.), o poder e a protecção (os guerreiros) A dinâmica da urbanização está ligada ao potencial de interacções que as cidades oferecem à sua “urbanidade”, isto é, ao poder multiforme que gera o reagrupamento de grandes quantidades de população num mesmo lugar. (ASCHER, 2001, p. 21)

O desenvolvimento e crescimento das cidades está directamente relacionado com o desenvolvimento das técnicas de transporte e armazenamento de bens, de informações e de pessoas. Ou seja, a história das cidades acompanha o ritmo de evolução deste sistema de mobilidades.

“...este sistema de mobilidades está no centro das dinâmicas urbanas, da escrita à Internet, passando pela roda, a imprensa, o caminho-de-ferro, o telégrafo, o betão armado, a esterilização, a pasteurização e a refrigeração, o carro eléctrico, o elevador, o telefone, o automóvel, a telefonia etc.” (ASCHER, 2001, p. 22)

Tal como analisado, é bastante difícil resumir apenas numa única definição o conceito de cidade, visto predominar em cada um dos autores referenciados uma perspectiva distinta.

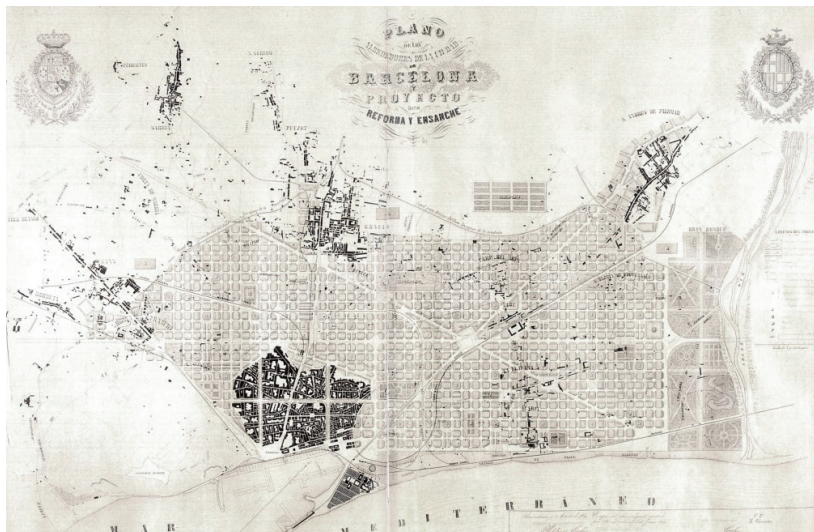
2.2. O conceito de Urbanismo

A análise da estrutura textual das teorias do urbanismo foi desenvolvida pela primeira vez numa obra paradigmática de Ildefonso Cerdà, a “Teoria Geral da Urbanização”. Publicada em 1867, a teoria tinha como objetivo fundar e justificar as opções de organização em relação ao seu Plano de Extensão de Barcelona (FIGURA 2). Cerdà reconheceu e anunciou a novidade do projecto: “Vou introduzir o leitor ao estudo de uma matéria completamente nova, intacta e virgem” (CERDÀ apud CHOAY, 2007, p. 252).

FIGURA 2

Barcelona. Plano de Extensão de Ildefonso Cerdà (1859).

Disponível em <<https://blogs.ethz.ch/prespecific/2013/05/01/cerda/>> acedido 24 de setembro de 2017



“Con Cerdà aparece el concepto de urbanismo como una visión científica integral de la construcción como médios para explicar los hechos sociales y garantizar una propuesta que sea fundamentalmente realizable alejándose de esta manera de la línea de los utópicos.” (ALARCÓN apud ULTRAMARI, 2009, p. 174)²

2 T.L “ Com Cerdà, aparece o conceito de urbanismo como uma visão científica integral da construção como um meio para explicar os fatos sociais, assim como garantir uma proposta que seja fundamentalmente realizável, afastando-se desta forma da linha utópica.”

Segundo Choay (2007, p. 252), Ildefonso Cerdà propôs a utilização do neologismo “urbanização” (de seu equivalente espanhol “urbanización”), o qual foi universalmente adaptado para “urbanismo”. Este termo tinha como especial intuito designar uma nova área científica e disciplinar dedicada à organização espacial das cidades. Seguidamente a justificar a adopção da raiz latina “urbs” que significa cidade ou aglomeração,

definiu a palavra “urbanização”. Esta “designa simultaneamente um facto concreto, o processo a que chamamos hoje urbanização, e a disciplina normativa que é o urbanismo” (CHOAY, 2007, p. 252).

O termo “urbanismo” surgiu da decorrência do neologismo anterior, contudo a autoria do termo não é atribuída a Cerdà. O próprio apenas cunhou o neologismo “urbanização” designando a ação sobre a “urbe”.

A ideia de que o urbanismo surgiu no princípio do século XX enquanto disciplina autónoma, encontra-se relativamente consolidada. Contudo, a sua origem evoca alguma controvérsia, devido à incerteza das fontes.

G. Bardet remonta a criação do termo “urbanismo” a 1910. A palavra foi utilizada pela primeira vez por Pierre Cleger, no contexto de um breve estudo sobre a evolução das cidades, no *Bulletin de la Société Géographique de Neufchatel* (CHOAY, 1965, p. 2).

F. Choay, afirma, anos mais tarde, que foi um grupo de arquitetos e urbanistas que, entre 1910 e 1914, deu cunho à disciplina de urbanismo, abordando-a enquanto técnica e ciência que trata da organização espacial dos estabelecimentos humanos, ou mais especificamente, do desenvolvimento das cidades e da organização do espaço.

Segundo Cerdà, no início do século XX, o urbanismo demonstrava-se como uma ciência capaz de elaborar críticas e propor soluções para o espaço urbano. A preocupação com a cidade, em termos de espaço construído a ser criado, corrigido ou refeito, era bastante evidenciada. (ULTRAMARI, 2009). Já mais tarde, nos anos 30, Alfred Agache apresenta o urbanismo como:

“Uma ciência, e uma arte e, sobretudo uma filosofia social, entende-se por urbanismo, o conjunto de regras aplicadas ao melhoramento das edificações, do arruamento, da circulação e do descongestionamento das artérias públicas. É a remodelação, extensão e o embelezamento de uma cidade, levados a efeito, mediante um estudo metódico da geografia humana e da topografia urbana sem descurar as soluções financeiras.” (AGACHE apud ULTRAMARI, 2009, p. 174)

Os conceitos de urbanismo e urbanização encontram-se atualmente definidos no Glossário do Desenvolvimento Territorial, produzido pela Conferência Europeia dos Ministros responsáveis pelo Ordenamento do Território do Conselho da Europa (CEMAT, 2007). O urbanismo é entendido como:

“disciplina do planeamento que lida com o desenvolvimento físico, social, económico e ambiental das regiões metropolitanas, dos municípios e dos bairros. O urbanismo concretiza-se através da elaboração de planos e da edificação. Historicamente (século XIX), o urbanismo foi influenciado pelas então recentemente formalizadas disciplinas da arquitectura e da engenharia civil, as quais começaram a codificar as perspectivas racionais e estilísticas para a resolução dos problemas das cidades através da concepção do espaço. Durante o século XX, o domínio do urbanismo foi alargado de forma a incluir o planeamento do desenvolvimento económico, social e ambiental.” (Glossário do Desenvolvimento Territorial, 2007)

No que diz respeito à definição do termo “urbanização”, esta é entendida como:

“um processo de longo prazo, caracterizado pelo aumento da percentagem de população a viver nas cidades e pela extensão geográfica das áreas urbanas.” (Glossário do Desenvolvimento Territorial, 2007)

2.3. A evolução urbana: algumas datas relevantes para o Urbanismo

O grande desenvolvimento das cidades e das formas de vida urbana é um dos fenómenos que melhor caracteriza a civilização contemporânea. A cidade não é um facto recente, sendo resultante de um processo histórico. A transformação ocorrida em termos de migração da população rural para as cidades tem modificado, ao longo dos tempos,

a distribuição da população mundial. (GOITIA, 1982, p.175) No período de 1800 a 1914, o volume da população europeia triplicou, ocorrendo uma concentração da população em aglomerações a serviço das indústrias. Este é o fenómeno da urbanização – a criação de novas cidades e transformação por completo das já existentes. Em consequência, surge uma nova realidade que necessita ser estudada, uma vez que os problemas urbanos são de extrema importância. Começara, assim, a surgir propostas para projetos e ações que procuravam resolver os problemas das cidades, sendo apresentados de seguida alguns dessas ideias e propostas.

A inexistência de um sistema de água, esgoto sanitário e de recolha de lixo, que se fazia sentir na cidade industrial na década de 1800, prejudicava toda a população como um todo. Como consequência, surge o urbanismo sanitário, destinado a melhorar as condições de salubridade nas cidades.

Em Londres verificou-se um grave problema de poluição no rio Tamisa. Para contornar o problema e evitar problemas de saúde pública, foi aprovada em 1848, a primeira lei sanitária – *Public Health Act*. (ABIKO, ALMEIDA e BARREIROS, 1995, p. 40)

Nos Estados Unidos observou-se um enorme crescimento industrial, que consequentemente impulsionou o desenvolvimento urbano. Em 1811 foi implementado um projeto de urbanização que se destinava a organizar o tal progresso urbano que crescia desordenado. Construiu-se assim, o *Central Park*, o qual é ainda hoje o melhor exemplo do urbanismo americano. Além disso, na ilha de Manhattan, foram rasgadas 12 avenidas no sentido longitudinal e 155 ruas perpendiculares a estas. (ABIKO, ALMEIDA e BARREIROS, 1995, p. 40)

Já em França, o pensamento urbano debruçou-se sobre outros assuntos. Haussman renovou o aspecto de Paris entre 1853 e 1870, através da abertura de grandes espaços urbanos e avenidas, transformando os antigos quarteirões medievais. Ou seja, a sua intenção foi a de criar uma nova rede de avenidas com edifícios de carácter monumental. (ABIKO, ALMEIDA e BARREIROS, 1995, p. 41)

Desenvolveram-se dois polos distintos, em termos de resolução dos problemas da cidade industrial: uns defendiam a necessidade de recomençar a construir, implementando novas formas de convivência baseadas somente na teoria; outros acreditavam ser necessário resolver os problemas isoladamente, sem existir uma relação entre eles. (ABIKO, ALMEIDA e BARREIROS, 1995, p. 41)

Com o aumento da população urbana na Europa, passou-se também a refletir sobre as consequências sociais, económicas e físicas do processo de industrialização. Tony Garnier, Walter Gropius e Hendrik Petrus Berlage foram urbanistas europeus progressistas e racionalistas, que procuravam construir cidades ordenadas através de um conjunto de soluções utilitárias e plásticas.

Em 1928, com a criação dos CIAM (Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna) consolidou-se o chamado pensamento progressista. No documento conhecido como a *Declaração de La Serraz* ficou explanado o conceito de Urbanismo:

"O Urbanismo é a disposição dos lugares e dos locais diversos que devem resguardar o desenvolvimento da vida material, sentimental e espiritual, em todas as suas manifestações individuais e coletivas. Ao Urbanismo interessam tanto as aglomerações urbanas como agrupamentos rurais. As três funções fundamentais do Urbanismo são: habitar, trabalhar e recrear, e os seus objectivos são: a ocupação do solo, a organização da circulação e a legislação" (Birkholz apud ABIKO, ALMEIDA e BARREIROS, 1995, p. 41)

Em 1933 decorreu a quarta reunião do CIAM, cujo tema foi a "Cidade Funcional". As conclusões deste encontro encontram-se reunidas na "Carta de Atenas". Neste, ficou estabelecido que o urbanismo é uma das chaves da mudança na vida humana. Concebeu-se a cidade como um organismo com quatro funções essenciais, que devem orientar o urbanismo: "habitar, trabalhar, circular e cultivar o corpo e o espírito; sendo os seus objetivos a ocupação do solo, a organização da circulação e a legislação." (ABIKO, ALMEIDA e BARREIROS, 1995, p. 41)

As ideias sobre o Urbanismo evoluíram após a elaboração da "Carta de Atenas", e em 1952 foram fixadas as novas dimensões do Planeamento Territorial, através da "Carta do Planeamento Territorial". Mais tarde, em 1958 foi constituído um documento sobre o Planeamento Territorial Contemporâneo, intitulado "Carta dos Andes".

"planeamento é um processo de ordenamento e previsão para conseguir, mediante a fixação de objectivos e por meios de uma ação racional, a utilização ótima dos recursos de uma sociedade em uma época determinada. O Planeamento é, portanto, um processo do pensamento, um método de trabalho e um meio para propiciar o melhor uso da inteligência e das capacidades potenciais do homem para benefício próprio e comum."

(Birkholz apud ABIKO, ALMEIDA e BARREIROS, 1995, p. 41)

Durante o século XX a ação urbana foi influenciada pelas diversas teorias que surgiram para explicar o fenómeno urbano. Entre elas podemos destacar a de Perroux, com o conceito de pólos de desenvolvimento, a de Christaller, com a teoria dos lugares centrais, a de Burgess, com a estrutura de círculos concêntricos de densidade decrescente e a de Von Thunen, com o papel da acessibilidade e do sistema de transportes.

2.4. O ensino e a profissão

Uma vez consolidado o termo urbanismo, sucederam-se outras datas importantes para o desenvolvimento da disciplina.

"A Sociedade francesa dos arquitectos-urbanistas foi fundada em 1914 sob a presidência de Eugène Hénard. O Instituto de urbanismo da Universidade de Paris foi criado em 1924. O urbanismo só é ensinado na Escola de Belas-Artes de Paris a partir de 1953, por A.Gutton, e só no "plano da teoria da arquitectura". O curso dado por A. Gutton tornou-se o tomo VI de suas *Conversations sur l'architecture*, sob o título *L'urbanisme au service de l'homme*, Vicent Fréal, Paris, 1962. (CHOAY, 1965, p. 2)

Iniciada em 1953, a formação no âmbito do urbanismo tem vindo a ser desenvolvida e reconhecida ao longo dos anos. A questão relativa à Formação Superior na área do Urbanismo é, hoje em dia, objeto de questionamento por parte das instituições de ensino superior, assim como por outras identidades relacionadas com a área. A procura de novos perfis profissionais no campo do urbanismo e a revisão de modelos de educação, estruturas e conteúdos são questões levantadas a nível mundial devido ao permanente crescimento das áreas urbanas e às migrações maciças de ordem económica. (Seminário RII 2016 | A Formação do Urbanista na Iberoamérica, 2016)

Em Portugal, a Formação Superior no âmbito do Urbanismo, distribui-se por três cursos: Arquitetura e Urbanismo; Arquitetura, na área de especialização em Urbanismo, e Urbanismo e Ordenamento do Território (TABELA 1).

Arquitetura e Urbanismo [Mestrado Integrado]

Escola Superior Gallaecia (Ensino Privado – Viana do Castelo)

Universidade Fernando Pessoa (Ensino Privado – Porto)

Arquitetura, na área de especialização em Urbanismo [Mestrado Integrado]

Universidade de Lisboa - Faculdade de Arquitetura (Ensino Público – Lisboa)

Urbanismo e Ordenamento do Território [Licenciatura -1º ciclo]

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (Ensino Privado – Lisboa)

TABELA 1

Distribuição de cursos do
Ensino Superior no âmbito
do Urbanismo.

Disponível em <<http://www.dges.gov.pt/pt>> acedido 6
de Maio de 2017

	2014		2015		2016	
	1.º Fase	2.º Fase	1.º Fase	2.º Fase	1.º Fase	2.º Fase
Vagas	75	44	75	42	75	67
Candidatos						
Candidatos	122	58	187	47	115	71
do Sexo Feminino	73	35	116	34	82	45
do Sexo Masculino	49	23	71	13	33	25
em 1.ª Opção	4	10	16	2	6	5
Candidatos						
Candidatos	32	38	37	22	122	44
do Sexo Feminino	24	26	16	17	73	27
do Sexo Masculino	8	12	21	5	49	17
em 1.ª Opção	4	10	16	2	4	5
Médias dos Colocados						
Nota de Candidatura	130,8	132,0	128,0	126,1	126,1	120,9
Provas de Ingresso	126,6	129,1	125,5	123,0	124,1	127,6
Notas do 12.º Ano	135,0	134,9	130,5	129,1	128,1	132,2
Notas do 11.º Ano	135,0	134,0	130,5	129,1	128,1	132,2
Nota de Candidatura do Último Colocado pelo Contingente Geral	116,3	113,5	103,5	115,3	104,8	117,0

TABELA 2

Dados estatísticos de candidaturas anteriores referentes ao curso de Arquitectura, na área de especialização em Urbanismo, na FA-UL.

Disponível em <<http://www.dges.gov.pt/pt>> acedido 6 de Maio de 2017

Segundo a análise dos dados estatísticos, disponibilizados pela Direção Geral do Ensino Superior (DGES) (TABELA 2), das candidaturas ao acesso do ensino superior relativamente ao Curso de Arquitectura, na área de especialização em Urbanismo, é possível concluir que o número de candidaturas tem reduzido ao longo dos anos, tal qual com a nota de candidatura. É possível supor a origem de tal decréscimo podendo estar relacionada com fatores como a preferência por outros cursos, a falta de conhecimento e interesse sobre a profissão ou até o facto de o curso em questão ser pouco divulgado.

Os urbanistas encontram-se representados na Ordem dos Arquitectos, uma associação pública portuguesa para a profissão de arquiteto e para a arquitetura. O seu objetivo passa por promover e defender

melhores condições para o exercício da profissão, procurando garantir uma melhor qualidade e sustentabilidade do ambiente construído em Portugal. Inseridos na ordem dos Arquitetos existem os chamados “colégios de especialidades”, que se organizam a partir de áreas no domínio da Arquitetura com características técnicas e científicas particulares. O Colégio de Arquitetos Urbanistas (CAU) é o grupo que se dedica à matéria de urbanismo. Segundo dados obtidos através da Ordem dos Arquitetos, o CAU em Portugal tem atualmente 70 membros. Relativamente ao número de arquitetos inscritos na ordem, é bastante mais considerável que o anterior, estando inscritos 24 743 arquitectos. Para além da O.A. existe outra entidade em Portugal que representa os urbanistas, a Associação dos Urbanistas Portugueses – AUP. Segundo os dados obtidos junto da associação, estão inscritos 121 membros estagiários e 245 membros ordinários. A sua missão reflete-se, essencialmente, na promoção e desenvolvimento do urbanismo, a nível teórico e prático, com vista a melhorar o ambiente e a qualidade de vida do ser humano. Além disso, tem o objetivo de defender os direitos e interesses dos seus membros, de promover a qualidade do ensino do urbanismo e, também, de cooperar com outras associações, contribuindo para o intercâmbio científico e técnico, a nível nacional e internacional

No que diz respeito aos números apresentados anteriormente, uma vez que é visível – a redução de candidaturas relativas ao curso de Urbanismo e o número reduzido de urbanistas presente na Ordem de Arquitetos, é possível observar que a revista TPU é um projeto de extrema importância. Tal ajudará a disseminar a profissão e a investigação, valorizando e prestigiando o Urbanismo em Portugal.

Segundo a classificação de Profissões (CPP2010), a qual está integrada no quadro internacional (CITP/ISCO/2008), as tarefas e funções do urbanista de cidade e tráfego compreendem-se em:

- › “Coordenar e colaborar na execução de estudos e planos que visam o ordenamento do território e os planeamentos físico, espacial, ambiental, urbano e rural;

- › Definir e executar, integrando equipas interdisciplinares, planos relacionados com fenómenos de urbanização e do desenvolvimento nas suas múltiplas vertentes (habitacional, industrial, comercial, rural, etc.);
- › Identificar situações, formular diagnósticos e propor soluções para a organização do espaço;
- › Estudar e conceber modelos ou possíveis soluções desenhadas, tendo em vista obter a integração funcional e estética em cada área do território considerado;
- › Coordenar a elaboração de planos urbanísticos, estudos complementares e acompanhar a sua implementação, divulgação e participação pública.” (Classificação Portuguesa das Profissões 2010, 2011, p. 140)



3. A REVISTA CIENTÍFICA

- 3.1. O que é?
- 3.2. Breve história e evolução da revista científica
- 3.3. A adoção da publicação digital
- 3.4. Processo de publicação
- 3.5. A importância das revistas no sistema de comunicação da ciência

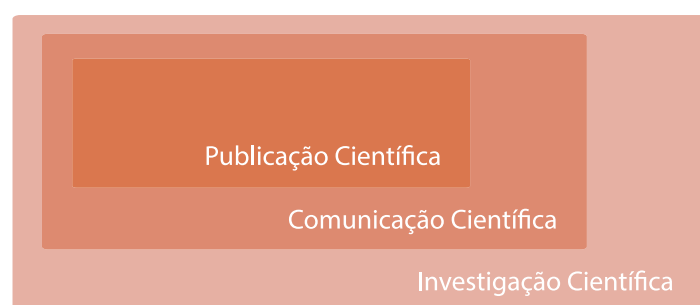
3. A REVISTA CIENTÍFICA

3.1. O que é?

As revistas científicas são publicações periódicas destinadas a comunicar e disseminar o conhecimento gerado a partir de pesquisas e estudos, promovendo, logicamente, o progresso da ciência. Ou seja, a publicação científica decorre da investigação científica, divulgando os resultados do trabalho de investigação de determinado autor.

Estas publicações enquadram-se no contexto da Comunicação Científica, que por sua vez se insere no campo da Investigação Científica (FIGURA 3). No âmbito deste sistema é possível encontrar várias identidades que desempenham diferentes papéis, entre elas destacam-se: os investigadores, as instituições que acolhem e fornecem as condições de trabalho aos investigadores, os financiadores, os editores que são responsáveis por gerir o controlo de qualidade, produção e distribuição,

FIGURA 3
Contexto da publicação
científica
Investigadora, 2017



os bibliotecários e a sociedade em geral, responsável pela valorização, divulgação e partilha do conhecimento.

3.1.1. Tipos de artigos e publicações

Existem diferentes tipos de artigos científicos, uns comunicam e apresentam resultados de investigação em primeira mão (originais), enquanto outros têm como objetivo a discussão de uma temática, apresentando o estado de conhecimento sobre certo tópico ao comentar outros artigos (artigos de revisão). É possível distinguir diferentes tipos de artigos como: *letters* (cartas) – descrições do projetos em desenvolvimento, cuja publicação é realizada num curto espaço de tempo após a submissão; cartas ao editor – texto de opinião sobre um artigo ou tema em discussão na comunidade científica; editorial – texto redigido pelo editor ou por um membro do Conselho Editorial, onde é apresentada de uma forma sumária a publicação; e *microarticles* – formato resumido de artigos (máximo duas páginas).

Todos estes artigos devem ser submetidos ao processo de “revisão por pares”, de forma a validar a sua qualidade. A estrutura de um artigo é composta por elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais. Os elementos pré-textuais são compostos pelo título e subtítulo (caso exista), nome do autor, resumo e *abstract*, tal como palavras-chave e *keywords*. Componentes como a introdução, desenvolvimento e conclusão podem ser encontrados nos elementos textuais dos artigos. Por fim, os elementos pós-textuais podem ser compostos pelas referências bibliográficas, o glossário, o apêndice e os anexos.

3.2. Breve história e evolução da revista científica

No século XVII, na Europa, começaram a surgir as primeiras revistas científicas, passando a desempenhar um papel importante no processo de comunicação da ciência. O seu surgimento deve-se à evolução do sistema de comunicação utilizado entre os investigadores, realizado através

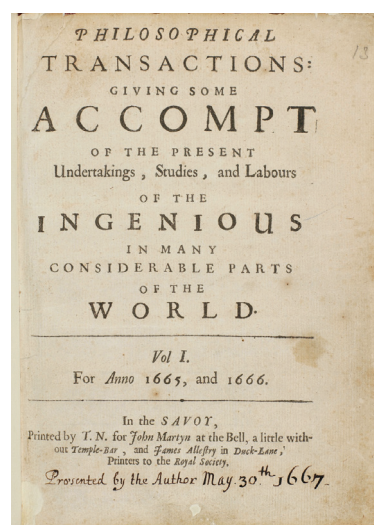
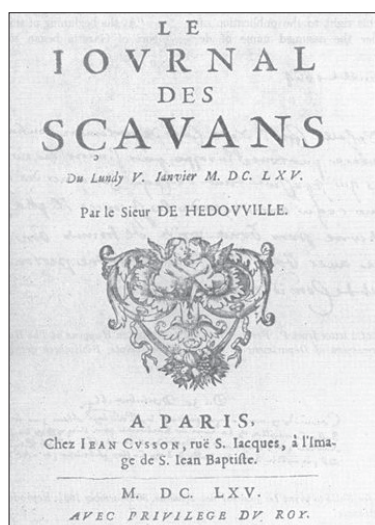
de cartas, atas ou memórias das reuniões científicas. Os cientistas utilizaram a correspondência pessoal, como meio para a transmissão das suas ideias, enviando cartas onde relatavam as suas descobertas. Pelo fato de serem muito pessoais e circularem, apenas, entre núcleos mais próximos (visto os autores não enviarem para aqueles que podiam contradizer e rejeitar os seus novos raciocínios) não foram reconhecidas como um meio ideal para a comunicação científica. As descobertas relatadas durante as reuniões de uma sociedade eram apontadas e impressas de uma forma resumida, servindo como meio de referência e consulta aos grupos. Estes documentos eram chamados atas ou memórias (STUMPF, 1996).

Estes meios de divulgação de ideias influenciaram o surgimento das revistas, passando a existir uma definição do papel de cada um:

“a correspondência tomou apenas um caráter de comunicação pessoal entre os cientistas, e as atas, também conhecidas como memórias ou anais, passaram a se constituir em um documento de registro dos trabalhos apresentados em reuniões científicas e profissionais.” (STUMPF, 1996)

Em 1665 surgiram as duas primeiras revistas científicas (FIGURA 4), o *Journal des Savants* e o *Philosophical Transactions da Royal Society*. A revista semanal francesa iniciou a sua publicação dia 6 de Janeiro desse mesmo ano, dando primazia a informações sobre ciência, nomeadamente relatos

FIGURA 4
Capas das revistas:
Journal des Savants
e *Philosophical Transactions*
da *Royal Society*.
Disponível em <<http://blog.scielo.org>> acedido 25
de Setembro de 2017



de experiências e observações no âmbito da física, química, anatomia e meteorologia. Dois meses mais tarde, a 6 de Março de 1665, começou a ser publicado o *Philosophical Transactions da Royal Society*, considerado como o protótipo das revistas científicas (MACK, 2015).

“O Journal des Sçavants e o Philosophical Transactions contribuíram como modelos distintos para a literatura científica: o primeiro influenciou o desenvolvimento das revistas dedicadas à ciência geral, sem comprometimento com uma área específica, e o segundo se tornou modelo das publicações das sociedades científicas, que apareceram em grande número na Europa, durante o século XVIII.” (STUMPF, 1996)

Após o nascimento destas revistas, os periódicos científicos começaram a alastrar-se por toda a Europa, aparecendo ainda no século XVII, revistas científicas especializadas em áreas específicas, nomeadamente no âmbito da física, química, biologia, agricultura e medicina (MACK, 2015). A partir do século XIX, as publicações científicas conquistaram novos mercados, mais dinâmicos e acessíveis, sendo que diferentes foram os fatores que contribuíram para o crescimento acentuado da produção de revistas. Segundo Stumpf, é possível destacar os seguintes:

- › Aumento do número de investigadores e consequentemente descobertas, inovações científicas e tecnológicas.
- › Avanços tecnológicos relativos à impressão e produção em série.
- › Publicação de revistas de resumo, as quais utilizavam os artigos das revistas científicas, mas condensados.

No século XX, as revistas começaram a ser publicadas por editores, comerciais, sociedades científicas e universidades, contribuindo para o crescimento exponencial da sua produção.

Na década de 60, devido ao avanço da tecnologia, ocorreu uma substituição da cópia em papel, pelo uso das microformas (micro reproduções de documentos para transmissão, armazenamento, leitura e impressão). Apesar das mais valias, redução do custo das assinaturas e da diminuição do espaço de armazenamento, esta alternativa não foi bem aceite pelos leitores (BOMFÁ e CASTRO, 2004, p. 40).

Segundo Stumpf, A qualidade e a rapidez da produção de revistas fez-se sentir depois dos anos 70, onde todas as etapas envolvidas nesse processo – submissão do trabalho, avaliação pelos pares, edição, impressão e até administração da revista – eram realizadas através de um suporte eletrônico. Contudo, foram encontrados problemas relacionados com a compatibilização dos equipamentos e processadores de texto. Tais dificuldades já foram superadas nos dias de hoje.

No decorrer dos anos 80, surgiu uma nova forma de consultar o artigo científico, aparecendo a possibilidade de obter online o texto indexado pelas bases de dados bibliográficas (BOMFÁ e CASTRO, 2004, p. 40). Na década seguinte, ocorreu a maior das mudanças:

“Os leitores, em seus próprios computadores pessoais, acoplados a um modem para utilização das linhas telefônicas, cessam rapidamente a home page da revista que querem consultar, a lista de autores, de artigos, os resumos e o texto integral, de acordo com suas necessidades” (STUMPF, 1996)

Esta é uma realidade com a qual nos deparamos nos dias de hoje, verificando-se uma transição das publicações científicas impressas para as publicações científicas digitais.

3.3. A adoção da publicação digital

No final dos anos 90, ocorreu a chamada “crise dos periódicos” devido à alteração do paradigma do consumo de informação científica. O baixo lucro obtido pelas editoras conjugado com os avanços tecnológicos de informação e comunicação, nomeadamente a *Internet*, conduziram à ocorrência de mudanças significativas na comunicação científica. (BERTIN E FORTALEZA, 2007, p. 87)

As publicações científicas iniciaram um movimento de adopção do formato digital, reduzindo tendencialmente a opção do até então tradicional, impresso. Este novo formato apresenta diversas vantagens, destacando-se as seguintes:

- › Reduzido custo de investimento e produção

- › Inexistência de custos relacionados com a produção, impressão e transporte
- › Possibilidade de utilização de recursos multimídia, como o áudio, vídeo e hiperligações)
- › Baixo custo de acesso por parte do leitor
- › Maior alcance e facilidade de acesso à publicação.

A par de todas estas vantagens, muitas revistas eletrónicas privilegiaram o acesso livre à informação científica. O movimento de apoio a esta ideia de acesso livre de informação iniciou-se em 2001, numa reunião promovida pela *Open Society Institute*, em Budapeste. Aqui ficaram definidos os primeiros princípios e estratégias para se assegurar o acesso livre à informação científica.

No que diz respeito ao aspecto geral de uma publicação eletrónica, esta recupera alguns elementos das publicações tradicionais, como a apresentação, a estrutura e a organização da informação, acrescentando novos recursos para seu gestão e acesso. A maioria deste tipo de publicações nasceu de publicações impressas, às quais foram adicionadas funcionalidades de hipertexto e multimédia. Tal acontecimento resulta numa diversificação na apresentação das revistas em formato digital e no contexto no qual estão sendo inseridas (MORENO e ARELLANO, 2015, p. 41).

“Para Targino (1999) a publicação científica electrónica é a transmissão de informações científicas através de meios electrónicos. Na opinião de Roes (1995), a noção de periódico electrónico sugere “algo novo, algo sinérgico, algo que tenha nascido da Internet”. Para Donald Hawkins (2001) um periódico científico electrónico contém um trabalho original, sujeito ao processo de revisão dos pares, publicado somente na Web e a custo zero. Outra diferença é que o formato electrónico permite um acesso maior e cada vez mais livre.” (ANTUNES, 2010, p. 80)

3.4. Processo de publicação

A publicação de um artigo processa-se segundo diversas fases e requer o envolvimento de diferentes atores. Primeiramente o investigador realiza a submissão do seu artigo, de seguida o artigo é avaliado pelo editor e mais tarde, caso seja aceite pelo mesmo, é submetido à revisão por pares (selecionados pelo editor segundo a área de especialização). Uma vez atualizado segundo a proposta de correção da fase anterior, o artigo é submetido e definitivamente publicado. (FIGURA 5)

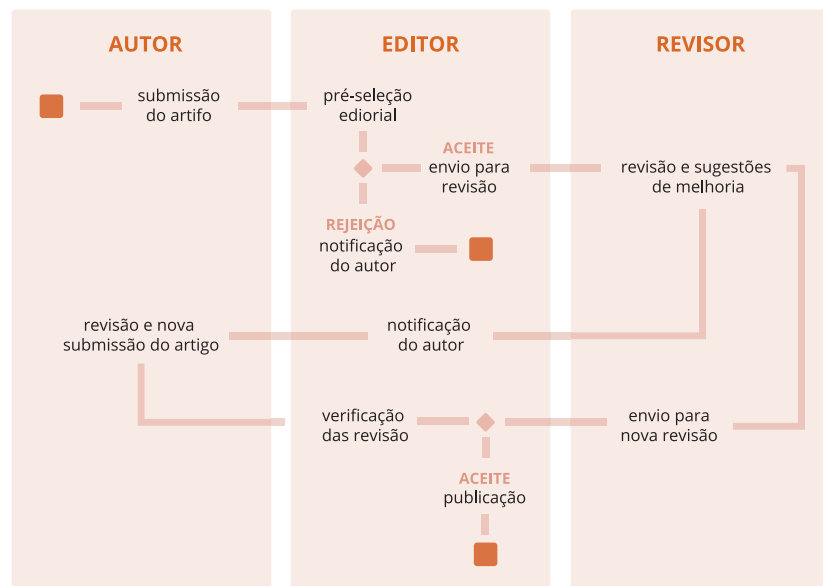


FIGURA 5
Diagramado processo
de publicação

Disponível em <<http://libguides.fe.up.pt/publicacao-cientifica/oque>> acedido 6 de Maio de 2017

3.4.1. Modelos de publicação

O modelo tradicional e o Acesso Aberto são os dois modelos principais das publicações científicas. O primeiro é um modelo que implica a venda ou subscrição da revista, ou seja, os utilizadores necessitam de pagar para ter acesso à informação. Este sistema é intitulado de “*subscriber-pays system*”. (ÖCHSNER, 2013, p. 26) Existe ainda uma variação deste modelo designado como sistema “*pay-per-view*”, o qual permite pagar por determinado artigo. Ou seja, em vez do utilizador pagar por todo o conteúdo de uma publicação, pode escolher especificamente os artigos que pretende adquirir.

Em relação às revistas de Acesso Aberto, tal como o nome indica o acesso à informação é livre, não implicando nenhum tipo de custo associado. Embora o princípio seja a eliminação de barreiras ao acesso da informação, o que acontece aqui, é que grande parte das revistas exige o pagamento de uma taxa aos autores que submetem os artigos.

A par destes dois modelos principais, existe ainda outro, o chamado modelo Híbrido. Este segue a base do modelo tradicional, contudo existe uma opção de publicação em Acesso Aberto. Na tabela seguinte (TABELA 3) é possível observar as principais diferenças entre os modelos.

TABELA 3
Principais diferenças entre
o modelo Tradicional
e de Acesso Aberto
Investigadora, 2017

	TRADICIONAL	ACESSO ABERTO
SUBMISSÃO DO ARTIGO	✓	✓
REVISÃO POR PARES	✓	✓
TAXA DE PUBLICAÇÃO	paga pelo editor	paga pelo autor (se aplicável)
ARQUIVO	papel e digital	digital
ACESSO E DISSEMINAÇÃO	acesso pago através de subscrição ou compra	acesso aberto, isento de custos, sem restrições

3.4.2. Políticas de Publicação

A estratégia para o desenvolvimento e implementação do Acesso Aberto tem vindo a ser estudada e definida pela Comissão Europeia desde 2008. Muito recentemente, no âmbito do Horizonte2020 – maior grupo de investigação e inovação da União Europeia (*The EU Framework Programme for Research and Innovation -2014-2020*) – estipulou-se que todos os beneficiários devem disponibilizar um modelo de Acesso Aberto a todas as publicações científicas (com revisão por pares) através do seu depósito num repositório.

Tal política requer o cumprimento de certos requisitos, como: o depósito de uma versão final, com revisão final e aceite para publicação pelo editor e caso o editor rejeite a publicação, deverá ser depositada a versão *post-print* (rascunho), com revisão por pares; os investigadores devem inserir as publicações num repositório à escolha; a data do depósito deverá ser realizada o mais tardar no dia de publicação da revista, ou após um período de embargo, caso exista.

3.5. A importância das Revistas no sistema de comunicação da ciência

A ciência está intrinsecamente ligada ao saber partilhado: uma informação só é ciência se for aceite, reconhecida e validada por uma comunidade científica. (BORGES apud ANTUNES, 2010, p. 4) A ciência influencia o modo como vemos o mundo, determinando as diversas exigências técnicas, económicas e sociais:

“Cada época cria e organiza os saberes em função do contexto social sobre o qual se apoiam, desde a circularidade medieval, centrado no conceito de um espaço central e finito, à árvore da ciência da modernidade em cujo tronco se situava a filosofia, à construção piramidal que emergiu no séc. XIX com o mecanicismo e positivismo, ela própria expressão da hierarquia de saberes, que se mantém incontestada até aos anos 60 (século passado)”. (BORGES apud ANTUNES, 2010, p. 4)

Muitos autores defendem a importância da comunicação científica como um elemento fundamental à existência da própria ciência e, obviamente, ao conhecimento científico.

“A comunicação científica é indispensável à atividade científica, pois permite somar os esforços individuais dos membros das comunidades científicas. Eles trocam continuamente informações com seus pares, emitindo-as para seus sucessores e/ou adquirindo-as de seus predecessores. É a comunicação científica que favorece ao produto (produção científica) e aos produtores (pesquisadores) a necessária visibilidade e possível credibilidade no meio social em que o produto e produtores se inserem. (CRESPO e CARAGNATO apud ANTUNES, 2010, p. 4)

O verdadeiro factor responsável pelo avanço da ciência são os recursos humanos, possuidores de conhecimento e responsáveis pela inovação. As infraestruturas não passam de meros objetos que contribuem para a globalização e tratamento da informação, como é o caso do computador e da rede *Web*.

Em suma, conforme afirma Borges (2006), as revistas científicas são veículos essenciais da comunicação científica detendo, sobretudo, três funções distintas:

- › São autênticos arquivos da ciência, visto serem um suporte permanente das descobertas e avanços científicos.
- › São meios de divulgação e comunicação do saber, pois é através das revistas científicas que o conhecimento passa a estar disponível à sociedade.
- › São possuidoras de prestígio, trazendo reconhecimento aos autores.

Hoje em dia, este tipo de publicações constitui o principal canal formal de comunicação, de disseminação da ciência e de legitimação da autoria das descobertas científicas. Através das mesmas, os investigadores tornam públicas as suas pesquisas, comunicando os resultados a um público específico. O artigo da revista científica é um dos mais valorizados recursos informacionais.



4. O DESIGN EDITORIAL

- 4.1. O que é?
- 4.2. A abordagem ao projeto editorial
- 4.3. O design de revistas
- 4.4. Elementos de um projeto editorial

4. O DESIGN EDITORIAL

4.1. O que é?

O design editorial é uma disciplina do design de comunicação que engloba a concepção e a paginação de publicações impressas ou digitais para diferentes suportes. Visa, assim, organizar o texto e a imagem não só para livros, como também para revistas, jornais e muitos outros formatos. É usual existir diferentes perspectivas sobre o que é o design editorial numa publicação, muito embora tendam a ser de uma mesma linha de pensamento.

“O design editorial é a estrutura por meio da qual uma determinada história é lida e interpretada. Ele consiste tanto na arquitetura geral da publicação (e a estrutura lógica que isso implica como no tratamento específico da história (à medida que ela força ou mesmo desafia essa própria lógica)”. (VENEZKY

apud CALDWELL e ZAPPATERRA, 2014, p. 10)

Uma publicação editorial tem no seu cerne a ideia de “entreter, informar, instruir, comunicar, educar ou ser uma combinação dessas coisas” (CALDWELL e ZAPPATERRA, 2014, p. 8) O design editorial é responsável pela ligação entre a informação e o leitor. A ideia de contar uma história através da organização e apresentação de palavras e elementos visuais de forma eficiente é um dos objetivos dos conteúdos editoriais, quer se trate de uma revista ou de uma publicação digital.

Diferentes são as funções cumpridas pelo design editorial, entre elas destacam-se as seguintes: dar expressão e individualidade ao conteúdo; atrair os leitores; estruturar a informação de forma clara, entre outras. De forma a obter um projeto coeso e útil, estas funções necessitam de estar em harmonia e trabalhar em conjunto.

4.2. Abordagem ao projeto editorial

Numa primeira aproximação à produção de uma peça gráfica será essencial analisar as diversas abordagens ao projeto. Em seguida, analisar as informações relativas ao mesmo e, logo depois, identificar a natureza e os componentes do seu conteúdo.

Segundo Andrew Haslam (2010) existem quatro fases fundamentais num processo de design editorial: em primeiro lugar uma fase de “documentação”, onde se recolhe o material em causa; em segundo lugar analisa-se essa documentação, para logo a seguir se identificar a natureza e os componentes do seu conteúdo. Por fim elabora-se um conceito e define-se uma expressão que darão origem ao projeto final.

O design é uma mistura de decisões racionais e conscientes que podem ser analisadas e decisões subconscientes que não podem ser deliberadas tão prontamente, uma vez que derivam da experiência e da criatividade do designer. (HASLAM, 2010, p. 23)

O subconsciente tem influência sobre o *layout* de uma página, sendo que o designer posiciona os elementos, com base na sua experiência ou instinto, em vez de o fazer apenas a partir de uma decisão técnica.

“O processo de design é uma mistura de acções intuitivas e intencionais” (LUPTON, 2012, p. 5)

Deste modo, há algo que se torna parte da memória cinética do designer e que o faz tomar decisões sem que delas tenha consciência. Certas capacidades, desenvolvidas por intermédio da prática, tornam-se tão intuitivas que dificilmente se tem consciência delas como parte do processo. Contudo, os quatro pontos racionais mencionados anteriormente pretendem

oferecer uma percepção das características do processo de design, as quais por meio de prática podem ser implementadas.

O trabalho de documentação é o ponto de partida do design gráfico. “A documentação está na raiz da escrita e da imagem” (HASLAM, 2010, p. 23). No seu estado mais puro, a documentação é o guião que será manipulado, reunido e organizado, podendo também ser utilizado como uma abordagem ao projeto editorial.

O pensamento analítico está presente no trabalho dos designers, como tentativa de quebrar a totalidade do conteúdo em várias unidades mais pequenas. O designer procura descobrir um padrão de modo a classificar e hierarquizar os vários elementos.

“A hierarquia visual controla a transmissão e o impacto da mensagem. Sem hierarquia a comunicação gráfica fica confusa e dificulta a navegação”. (LUPTON e PHILLIPS, 2008, p. 115)

Conforme constata Andrew Haslam, a visualização das emoções do autor, ou do designer, incentivam a abordagem expressiva no processo do design, tentando reposicionar emocionalmente o leitor por meio da cor e do simbolismo. Enquanto o leitor retém o conteúdo, vai captando, em simultâneo, a posição emocional que o design integra.

“A cor pode exprimir uma atmosfera, descrever uma realidade ou codificar uma informação. Palavras como “sombrio”, pardo e brulhante trazem à mente um clima de cores e uma paleta de relações.” (LUPTON e PHILLIPS, 2008, p. 70)

No que diz respeito à abordagem conceptual, esta busca a “grande ideia”, ou seja, o conceito-base que contém em si a mensagem. Muitas vezes é intitulada de “ideia gráfica”, sendo definida por um pensamento sumário, onde ideias complexas são remetidas em visuais simples.

“Normalmente é arguta, inteligente e divertida, mas precisa ser transmitida com precisão, na medida em que conta com que o designer e o público-alvo compartilhem de uma sutil compreensão da imagem e do jogo de palavras.” (HASLAM, 2010, p. 27)

4.3. O design de revistas

“As revistas desempenham um papel fundamental na nossa cultura visual. Com um formato único, representam um meio de informação que alia elementos essenciais – portabilidade, tactibilidade, repetitividade e uma combinação de texto e imagens – que lhes permite serem renováveis e relevantes. Estes factores, aliados a desenvolvimentos recentes nos métodos de produção e à influência dos novos meios de informação, permitem que as revistas conservem a sua posição de vanguarda da comunicação moderna e sejam uma fonte de inspiração para os designers gráficos.” (LESLIE, 2003, p. 6)

A revista não tem qualquer antecedente em termos de impressão pré-industrial, visto ser uma invenção da revolução industrial. Como tal, ocorreu uma relação de dependência mútua relativamente ao movimento moderno no design gráfico.

"The history of magazine design is one of a struggle to relinquish traditional book and newspaper typography and create a new synthesis of text and pictures." (OWEN, 1991, p. 12)³

O texto e a imagem são os elementos básicos de uma revista, resultantes de um processo de colaboração entre diretores e designers, sendo a “química” entre ambos um componente decisivo do processo. Aliados a esta problemática encontram-se os elementos específicos do design, como o tamanho da página, a grelha, os tipos de letra e os pormenores, ou seja, tudo aquilo que contribui para a identidade visual de uma revista.

“Uma revista é um projeto orgânico contínuo. Esta circunstância facilita a realização de mudanças estilísticas graduais em vez da execução de redesigns completos”. (LESLIE, 2003, p. 6)

3 T.L "A história do design de revistas consiste numa luta de renúncia do livro tradicional e do jornal tipográfico, com o objetivo de criar uma nova síntese de texto e imagem."

Tal capacidade de ir desenvolvendo e mudando pequenos aspectos visuais, sem alterar a natureza nuclear da revista, é um componente essencial do bom design de uma revista. O objetivo de criar uma identidade única e especial para uma revista conduziu à necessidade

de implementar um design de qualidade. Algo que joga a favor dos designers é a natureza repetitiva da revista, uma vez que esta “continuidade dá às revistas a capacidade, tanto de refletir, como de inaugurar tendências gráficas”. (LESLIE, 2003, p. 7)

“A cada edição, a identidade visual deve ser revista de modo que seja mantida fresca e vibrante, conservando os valores e a identidade da marca principal, sem simplesmente adoptar uma abordagem estereotipada” (CALDWELL e ZAPPATERRA, 2014, p. 42)

2.3.1 As revistas e a web

“Lembram-se da explosão do <<ponto com>>”? De repente, toda a gente queria ter uma página web. Porquê, não tinham bem a certeza, mas sabiam que não podiam ficar postos de lado na rampa de lançamento da auto-estrada da informação. Convencidos das oportunidades da *web* e apavorados com a ideia de que os seus concorrentes as explorassem primeiro, os editores lançaram-se na corrida para a web, com resultados muito variados.” (LESLIE, 2003, p. 18)

A *World Wide Web* é um meio de informação global, fazendo com que seja muito mais fácil alcançar uma audiência internacional em comparação com uma revista impressa que tem uma distribuição limitada: “(...) com uma página *web*, uma revista pode chegar a todo o mundo sem ter de sair de casa.” (LESLIE, 2003, p. 18)

Uma vez que os diretores de arte já sabem como usar a qualidade do papel da reprografia e da impressão, o ritmo dos *layouts*, a escolha das tipografias e capas favoráveis aos valores da revista, coloca-se, agora, uma nova questão: como traduzir todos estes valores das revistas impressas para o universo *online*?

Segundo Patrick Burgoyne (2003) a tatibilidade do produto impresso pode refletir-se através dos elementos do design de um site, por exemplo, na forma como o botão reage, na velocidade da ligação ou na maneira como estes elementos se comportam no ecrã.

“Se uma revista tem um aspecto juvenil e divertido, pode conseguir-se isso mesmo mediante efeitos de som adequados, animações, áudio e cores.” (LESLIE, 2003, p. 19)

O desafio dos designers passa então por agarrarem estes novos desafios e criarem produtos úteis e apelativos aos leitores, tal como acontecia com as publicações impressas.

As publicações digitais estão em constante progresso e desenvolvimento, tendo no ano de 2010, com a criação do *tablet*, alcançado um elevado prestígio no âmbito do design editorial.

A nova família digital consiste em sites, telemóveis, *tablets Android* e *iPad*. “Os aplicativos estão permitindo que os designers adicionem animação e interatividade a jornais e revistas digitais” (CALDWELL e ZAPPATERRA, 2014, p. 23).

O lançamento do *iPad*, em 2010, tal com mencionado anteriormente, “provocou uma corrida para fazer versões de revistas impressas na forma de aplicativos na esperança de que esses fosse a resposta para monetizar o conteúdo digital” (CALDWELL e ZAPPATERRA, 2014, p. 226). Assim, foram desenvolvidos rapidamente pela *Adobe*, *WoodWing*, *Mag+* e várias outras identidades, *plug-ins* para o programa *Adobe InDesign* (software da *Adobe Systems* desenvolvido para paginação). Este novo processo de produção, em que se adicionaram elementos interativos (animação, vídeo e áudio) fez com o leque das habilidades dos designers alargasse, aumentando a sua lista de responsabilidade (CALDWELL e ZAPPATERRA, 2014, p. 226).

4.4 Elementos de um projeto editorial

4.4.1 Marca e identidade

A mensagem da marca, a expressão e a sensação da publicação são conceitos que devem ser definidos numa fase inicial do projeto de uma revista. A criação da identidade de uma marca requer a conjugação de diferentes elementos, tais como: marca gráfica, paleta de cores, grelha e *layout*, tipografia, fotografia e ilustração. A união entre tais elementos

forma a identidade visual que representa uma determinada marca, a qual deverá ser mantida não só dentro de uma publicação, mas também entre edições. (LESLIE, 2003, p. 42).

Essencial será, assim, abordar o tema relativo à identidade corporativa. Segundo Raposo (RAPOSO, 2008, p. 19) a Identidade Corporativa é o conjunto de características assumidas como próprias pela organização, as quais constituem o discurso da mesma. Tais atributos devem ser interpretados, compreendidos e expressados pelo designer de forma gráfica e simbólica. O mesmo autor, Daniel Raposo (2008) aponta três fatores que interligam em termos simbólicos e factuais a ação com a identidade e por sua vez a comunicação corporativa:

- › O que é a empresa? (estatuto legal, histórico e desenvolvimento estratégico, estrutura interna, posses e designação social)
- › O que faz? (atividade principal, organização e produção)
- › O que diz ser? (por meio de mensagens, informações, promessas, entre outros)

Segundo estes parâmetros é viável construir uma identidade visual corporativa, simbolizando-a através de signos visuais, como a marca e todos os elementos gráficos. Tais elementos constituem o sistema de Identidade Corporativa, representativos de uma determinada instituição, produto ou serviço. Ou seja, o conjunto de elementos gráficos (ilustrações, fotografias, símbolos, logótipos, cores, formatos, tipos de letra, *layouts* e padrões gráficos) criados pelo designer é considerado a Identidade Visual Corporativa.

O processo de desenvolvimento de uma Identidade Visual Corporativa engloba diversas fases, sendo possível distinguir as seguintes:

- › Pesquisa – investigação referente ao caráter, personalidade, objetivo e estratégia da organização.
- › Análise do ambiente – estudo do meio onde a organização está envolvida, tal como público-alvo e posição no mercado
- › Definição do conceito – desenvolvidos e criados conceitos, segundo a informação anteriormente recolhida.

- › Desenvolvimento – processo de desenvolvimento do conceito selecionado.
- › Apresentação – primeira apresentação ao cliente.
- › Correções – realizadas correções e melhoramentos solicitadas pelo cliente após a primeira apresentação.
- › Apresentação final – última fase do processo de criação da identidade visual, caso seja aprovado pelo cliente.

Em suma, e conforme salienta Raposo (2008, p.133), “para que o sistema de Identidade Visual Corporativa funcione, é necessário que este esteja coerente com os valores corporativos expressos na missão e no posicionamento, e as manifestações visuais devem ajustar-se entre elas”.

4.4.2 Cor

“Color must have a purpose within any project, and one’s choice of color is the primary method of conveying one’s message. Color can reflect mood, emotion, and time frame, and provide the symbolism. These aspects work in conjunction with the principles and elements of design, color interactions, and illumination to impart what the artist, architect, or designer wishes the viewer to see and feel.” (FEISNER apud GAMITO, 2005, p. 123)⁴

4 T.L A cor deve ter um propósito em qualquer projeto, e a escolha da cor é o método fundamental de transmitir a mensagem. A cor pode transmitir um estado de espírito, uma emoção, um período de tempo, e proporciona o simbolismo. Estes aspetos atuam em conjunto com os princípios e elementos do design, interações da cor, e iluminação para expressar o que o artista, arquiteto ou designer deseja que o observador veja e sinta.

A cor desperta emoções e contribui para estimular o interesse visual de uma composição. Segundo afirma White (2006) a cor deve ser usada com habilidade, devendo ser “reveladora para a mente”, ou seja, deve possuir um sentido mais amplo associado ao significado. Acrescenta também que a cor não é apenas um mero recurso estético, mas sim uma técnica racional, a qual deve ser aplicada segundo objetivos funcionais: “identificação... ênfase... associação... organização... persuasão... e também, às vezes para criar beleza intencionalmente, mas em geral como consequência derivada”. (WHITE, 2006, p. 201)

A escolha da cor ou cores é um aspecto importante para a identificação de um determinado projeto editorial, conferindo-lhe personalidade

e simbolismo. Cumprir as regras de harmonia e contraste, estabelecer noções de ritmo, equilíbrio, escala e proporção torna-se essencial para a comunicar as intenções do designer, atuando corretamente sobre o público-alvo. Segundo Lupton e Phillips (2008, p. 70) a cor pode transmitir uma atmosfera, enquadrar e contar uma realidade ou até codificar determinada informação.

“Lembre-se que qualquer cor pode ser usada para enfatizar e destacar, e cores específicas podem ser usadas simbolicamente ou provocar emoções e lembranças, mas é improvável que funcione tentar usar a cor para vender uma publicação, principalmente porque a cor é muito pessoal e as associações que provocam dependem de muito diferentes fatores.” (CALDWELL e ZAPPATERRA, 2014, p. 72)

Essencial será analisar o que se entende sobre a cor. Esta é visível pelo olho e interpretada pelo cérebro, sendo o resultado de uma interação entre a luz e um determinado objeto ou material. Ou seja, a cor é uma percepção visual provocada pela ação de um feixe de fótons sobre células especializadas da retina, que transmitem, através de informação pré-processada, no nervo óptico, impressões para o sistema nervoso. A sua constituição distribui-se por três dimensões: a tonalidade (atributo que permite distinguir tons, por exemplo azul ou vermelho); a luminosidade ou brilho (caráter claro ou escuro da cor); e a intensidade (representa vivacidade ou o esmaecimento de uma cor).

No processo de escolha da cor diferentes são os fatores que a influenciam. Existem fatores individuais e sociais que advêm de associações ou experiências vividas no passado. A preferência por umas em detrimento de outras é subjetiva, variando com a cultura e tradição de cada indivíduo. Assim o ser humano pode ser influenciado tanto a nível fisiológico como psicológico, criando diferentes juízos, pensamentos e emoções. As cores podem produzir sensações, impressões e reflexos sensoriais, sendo que cada uma delas possui um determinado efeito nos sentidos do ser humano. Nesse seguimento, a cor dever ser escolhida de forma

cuidada e adequada segundo os requerimentos psicológicos e culturais do público que se pretende atingir.

Importante será salientar a existência de diferentes tipos de cores: as subtrativas (produzidas segundo a reflexão da luz) e as aditivas (criadas através da emissão de luz). O sistema subtrativo CMYK, é utilizado no sistema de impressão. O azul cian, o amarelo, o magenta e o preto constituem o conjunto de cores utilizado pelas impressoras, ideal para reproduzir a gama de cores encontradas nas fotografias coloridas. C (cian), M (magenta), Y (amarelo) e K (preto) são designadas como *process colors*, e a impressão colorida de quadricromia. (LUPTON e PHILLIPS, 2008, p. 77)

O sistema aditivo, designado por sistema RGB é utilizado para reproduzir imagem no ecrã. Toda a imagem da tecnologia digital é reproduzida através de uma malha de pontos, designados por pixels.

“A camada de fósforo que cobre a tela gera a cor correspondente a um feixe de cor definido em função da intensidade da corrente eléctrica, sendo que cada ponto luminoso apenas apresenta uma cor em casa instantane. “ (BRANDÃO, 2012, p. 141)

Nos monitores de televisão e de computador o modelo adoptado é o RGB, um sistema formado por vermelho (*Red*), verde (*Green*) e azul (*Blue*). A cada conjunto de três pontos RGB designa-se por tríade ou luminóforo. Este processo aditivo baseia-se no conjunto de frequências de duas ou três fontes luminosas de cores diferentes, sendo criada uma nova cor na interseção, uma vez que o olho humano não consegue distinguir as componentes. “O sistema visual humano é tricromático⁵, uma vez que, possuindo três tipos de cones diferentes, reage e distingue estas três cores (vermelho, verde e azul) (BRANDÃO, 2012, p. 141).

⁵ Tricromacia é a capacidade de interpretar três tonalidades distintas de cores: azul, verde e vermelho.

4.4.3 A Tipografia

“Qualquer publicação deve criar uma experiência agradável, acessível e adequada para o seu leitor, e uma grande parte disso é determinada pelo uso da tipografia.” (CALDWELL e ZAPPATERRA, 2014, p. 173)

A tipografia é um elemento indispensável que influencia toda a publicação. Aspectos como a escolha do formato, a legibilidade, a escolha do tipo de letra, o tratamento tipográfico do texto e a hierarquização da informação devem ser tidos em conta para a produção de um projeto. Aliado a estes fatores, segundo Bringhurst (2005), um designer deve, antes de iniciar o trabalho tipográfico, ler, entender e analisar bem o texto e toda a sua linguagem.

A relação entre a tipografia e os outros elementos de informação (fotografias, legendas, ilustrações, entre outros) presentes numa publicação, influencia o modo como o leitor compreende o texto, ajudando-o a situar-se na página e a encontrar a informação que precisa (BRINGHURST, 2005). Outro fator que, segundo Lupton (2006), ajuda o leitor a localizar-se no texto é a hierarquia tipográfica, assumindo-se como um sistema de organização textual.

A apresentação do texto influencia a legibilidade e caracteriza o ritmo da publicação, logo, no tratamento tipográfico do texto, é necessário ter em consideração o espacejamento, a entrelinha, o alinhamento, a justificação e hifenização do texto (LUPTON, 2006). Além disso, e de forma a criar uma boa experiência de leitura, os designers devem manipular o tamanho, o contraste, o peso, a cor, o ritmo, a textura e a hierarquia das letras (LUPTON, 2015, p. 49).

Concluindo, e conforme as afirmações de Bringhurst (2005) a tipografia deve refletir o caráter do texto, relacionando-se com o assunto em questão, deve cativar o leitor, estruturar o texto de forma clara e apelativa, ligar o texto com os restantes elementos informativos, guiar o leitor pela publicação e, por fim, na escolha de um tipo de letra, deve ser tido em conta a finalidade para a qual a mesma foi criada.

Classificação dos Tipos

No século XIX, os impressores realizaram analogias entre a história de arte e o seu ofício, a fim de desenvolver um sistema básico de classificação de tipos (LUPTON, 2006, p. 42).

No que diz respeito à classificação dos tipos, e segundo a classificação de Ellen Lupton, podemos distinguir as seguintes fontes: letras humanistas, "intimamente ligadas à caligrafia e ao movimento da mão" (LUPTON, 2006, p. 42), fontes transicionais e modernas "mais abstratas e menos orgânicas" (LUPTON, 2006, p. 42). Estes três grupos principais correspondem aproximadamente aos períodos renascentista, barroco e iluminista na arte e na literatura. Desde aí, têm vindo a ser propostos novos esquemas de classificação, procurando capturar a grande diversidade das letras existentes. Na FIGURA 6 podemos observar a classificação de Ellen Lupton.



FIGURA 6
Sistema de Classificação de
Tipos segundo Ellen Lupton.
Adaptado de Ellen Lupton
(2006, p. 42).

A Tipografia e a *Web*

A leitura é uma experiência desigual para todos os leitores, tanto pode ser rápida, como lenta, pública ou privada, assim como impressa ou digital. Esta nova forma de ler – a digital – mudou o modo como o leitor interage com o conteúdo – nada linear e imprevisível. O designer Craig Mod descreveu a forma como a leitura digital transformou os livros de objetos fixos em sistemas abertos. A leitura digital pode assumir diferentes formatos, desde *ePubs* (formato padrão para representar e codificar conteúdo digital num único arquivo), páginas *web*, PDFs e aplicativos personalizados enriquecidos com conteúdo multimédia. (LUPTON, 2015, p. 80)

“Hoje em dia, as letras têm que ser legíveis numa ampla variedade de suportes: “ecrãs de cinema, monitores de televisão e de computador, ou em aparelhos móveis, como portáteis (notebooks), os ultraportáteis (netbooks), os computadores de bolso (PDA-Personal Digital assistant) e as pranchas de ecrã tátil (Tablet PC), os telefones móveis inteligentes com funcionalidades que incluem a escrita e a leitura (smartphones)”.

(BRANDÃO, 2012, p. 130)

Esta mudança de paradigma levantou questões em relação à tipografia no âmbito da *Web*. Oliver Reichenstei com o artigo “*Web Design is 95% Typography*” adiantou o problema das fontes para a *Web*, mesmo antes de as mesmas mudarem o mundo do design. Acreditava que os *Web* designers deveriam ter uma maior consideração pelo texto, pelo facto de a *Web* ser composta maioritariamente por letras. (LUPTON, 2015, p. 11)

Segundo Ellen Lupton, esta paisagem gráfica tem-se expandido radicalmente ao longo dos anos. Inicialmente, os *Web* designers dispunham apenas de um número reduzido de estilos tipográficos, no entanto, hoje em dia a realidade é bem diferente: o número de tipos para a *Web* é virtualmente infindável.

“A aparência de uma fonte na tela costumava ser apenas uma questão de representação; o processo de impressão era responsável por

5 T.L. Claro que o conteúdo é a chave, mas sem uma boa capa para atrair a sua atenção à primeira, os leitores nunca vão saber o que estava lá dentro.

melhorar a sua aparência” (LUPTON, 2015, p. 14) No entanto, nos dias de hoje, o ecrã é muitas vezes a saída final, tendo certos produtos de design de interação de funcionar em diversas plataformas, tanto navegadores como dispositivos. Existem, assim, diferentes tipos de formatos, como o *PostScript*, o *TrueType* e o *OpenType*.

“As fontes *PostScript* permitem que o sistema operacional descubra a melhor forma de traduzir o contorno vetorial preciso de um caractere para o grid mais bruto da tela. As fontes *PostScript* possuem uma boa aparência em qualquer sistema que sejam exibidas; à medida que os rasterizadores ficam melhores, as fontes acompanham. Por outro lado, uma fonte *TrueType* contém suas próprias instruções para fazer a transição do contorno para o rasterizador. Essas instruções – chamadas de hinting – exigem muitas horas de trabalho especializado e representam um obstáculo persistente na busca por uma tipografia universal da Web.” (LUPTON, 2015, p. 14)

A partir dos formatos *PostScript* e *TrueType* desenvolveu-se um novo formato escalável, o *OpenType*, que apresentava certas melhorias em relação aos anteriores. Foi desenvolvida pela *Microsoft* com a colaboração da *Adobe Systems* tendo o objetivo de substituir as anteriores. As fontes deste sistema possuem várias vantagens em relação aos restantes formatos: incorporam uma extensão enorme do conjunto básico de caracteres; suportam mais idiomas, e são nítidas e legíveis a qualquer escala, podendo ser enviadas para qualquer dispositivo de saída.

O avanço tecnológico tem sido realizado no sentido de otimizar a renderização e a visualização das fontes, ao mesmo tempo que se definem conjuntos de boas práticas, no domínio do design gráfico, para que a tipografia de ecrã possua uma legibilidade e apresentação eficazes (BRANDÃO, 2012, p. 173).

Por norma, as fontes digitais devem possuir formas simples e sólidas, suprimindo os detalhes extremamente finos. “Uma fonte de qualidade deve apresentar caixas de baixo contraste, corpo grande, olho da letra ou espaço oco bem aberto e as terminações sólidas, sem patilhas ou com

patilhas curtas. Em comparação com as fontes analógicas, procede-se ao aumento de todos os componentes e elementos de ligação, incluindo os espaços vazados: altura *x*, largura, espaçamento entre pares de fontes (*kerning*), espaçamento entre linhas (*leading*) (BRANDÃO, 2012, p. 173).

O tamanho da fonte, o espaço entre pares de letras (*kerning*), espaço entre letras (*tracking*) e a entrelinha (*leading*) são os principais fatores que influenciam a legibilidade de um texto e consequentemente modificam o aspecto de um conjunto.

Em suma, o conjunto de características que determinam a qualidade das fontes de ecrã são as seguintes: morfologia com menos curvas e diagonais; altura *x* elevada; pouco contraste entre traços finos e grossos.

“(...) o designer deve escolher as fontes com cuidado e saber a diferença entre uma fonte projetada para tela e uma fonte projetada para impressão.” (CALDWELL e ZAPPATERRA, 2014, p. 91)

2.4.4 Capa

"Of course, content is the key, but without a good cover to attract their attention in first place, readers will never know what was inside." (FOGES, 2000, p.18) ⁵

O local mais importante onde deverá ser comunicada a marca e os valores de uma revista é na capa. Numa revista impressa, este é o elemento com o qual o leitor toma contato em primeiro lugar. Deste modo, deve ser marcante e destacar-se das demais numa banca de revistas, como também, após a compra, continuar a transmitir os valores da marca numa escala mais íntima.

"The cover is critical in persuading the reader to pick up one magazine instead of another from the rack. Even when the magazine is not a high-profile, mass-market glossy (...) the cover must still compete for the readers attention with everything around it." (FOGES 2000, pp.18-19) ⁶

Nas edições digitais, a capa auxilia a reforçar a marca, atuando, também como um ponto de entrada para o conteúdo. “A mesma imagem

5 T.L. Claro que o conteúdo é a chave, mas sem uma boa capa para atrair a sua atenção à primeira, os leitores nunca vão saber o que estava lá dentro.

6 T.L. A capa é fundamental, esta consegue persuadir o leitor a segurar uma revista em vez de outra da prateleira. Mesmo quando a revista não é famosa, ou impressa em suporte apelativo a capa deve, ainda assim, competir pela atenção dos leitores com tudo ao seu redor.

da capa aparecerá na edição impressa, no site, para o *tablet* e qualquer aplicativo, dependendo dos formatos preferidos” (CALDWELL e ZAPPATERRA, 2014, p. 44).

A capa deve expressar o conceito e carácter da revista. No caso de ser periódica, deve transmitir uma linha coerente e, sobretudo, ser familiar aos leitores regulares. Segundo Caldwell e Zappaterra (2014, p.44) a capa digital deve ser projetada segundo os mesmos princípios básicos de uma capa impressa: utilização de uma imagem marcante e icônica, e emprego de tipografia de capa que atraia o leitor. Um aspecto importante é o de funcionar em miniatura, visto ser possível aparecer no *facebook* ou *blog*.

As abordagens ao projeto de uma capa podem variar bastante. Contudo, podemos distinguir e categorizá-las em três formas: figurativa, abstrata e baseada em texto.

“O logo é o cartão de visita de uma publicação” (CALDWELL e ZAPPATERRA, 2014, p. 70). Ele é o primeiro elemento e muitas vezes o mais importante da capa, devendo transmitir a personalidade e postura da publicação. Uma vez que poderá ser exibido em diferentes formatos e plataformas (edição impressa e digital, site, entre outros materiais promocionais) todos estes usos devem ser tidos em conta ao projetar a marca gráfica.

2.4.5 *Layout* e Grelhas

“O uso de grelhas como um sistema de organização espacial é a expressão de uma postura mental – mostra que o designer concebe os seus trabalhos em termos construtivos, orientados para o futuro” (MULLER-BROCKMANN, 2014, p. 10)

A grelha é um método utilizado para organizar de forma clara o texto numa página, composta por linhas verticais e horizontais que se cruzam em intervalos regulares. (KANE, 2012, p. 178)

“Outra maneira de descrever um grid é visualizando-o como um sistema que proporciona uma articulação distinta às diferentes vozes expressas dentro do texto por meio da cor e da posição na página.” (KANE, 2012, p. 178)

O sistema de grelhas é uma ferramenta fundamental na estruturação das páginas de uma publicação, visto auxiliar o designer a organizar texto, imagens e outros elementos gráficos. Diversos são os componentes existentes numa grelha, sendo possível distinguir os seguintes: mancha de texto, margens, número das páginas, títulos correntes (podem mostrar informações como o título do livro ou título do capítulo) e títulos. Além destes, existem ainda outros termos que se relacionam exclusivamente com a construção da grelha, como os campos e as entrecolunas (verticais e horizontais).

Segundo Haslam, a disposição dos elementos na página, ou seja, o *layout*, e as divisões demarcadas pela grelha são componentes que conferem coerência à publicação.

“O grid oferece um ponto de partida racional para casa composição, convertendo uma área vazia num campo estruturado” (LUPTON E PHILLIPS, 2008, p. 175)

Tal como acontece nas publicações impressas, a grelha é uma ferramenta fundamental para os formatos digitais. Essencial será conhecer os seus princípios, e adaptá-los segundo o formato desejado, neste caso o digital. A grelha funciona como uma interface gráfica que orienta o leitor, facilitando a interação entre o objeto e o seu leitor.

“Trata-se de adaptar o que você faz à mídia. Assim, o tipo de grade de um jornal não é o tipo de grade na *Web* ou no aplicativo. Basicamente, você pode ter uma abordagem e uma filosofia sobre como usá-las e aplicar isso a uma mídia diferente. Você não pode simplesmente se adoptar das grades” (CALDWELL E ZAPPATERRA, 2014, p. 160)



5. CASOS DE ESTUDO

5.1. As Revistas Científicas

5.2. Conclusões

5. CASOS DE ESTUDO

5.1. As Revistas Científicas

Durante o processo de recolha e análise de informações, considerámos ser importante pesquisar sobre publicações científicas nacionais e internacionais. A seleção das revistas sujeitas a análise, foi realizada segundo critérios de prestígio e reconhecimento na área do Território e do Planeamento, tendo sido fornecida à investigadora, pelo grupo de investigação MURBS, uma lista de revistas científicas a ter em consideração para o projeto.

De entre as revistas recolhidas, iremos destacar aquelas que incidem, e que estão, de certa forma, mais relacionadas com o nosso foco de investigação: Finisterra – A revista Portuguesa de Geografia; GOT – Geografia e Ordenamento do Território; RPER – Revista Portuguesa de Estudos Regionais; *Cities: The International Journal of Urban Policy and Planning* e a *Regional Studies*.

Houve ainda a necessidade, de acrescentar a esta análise, uma revista fora do âmbito do Território, que primasse pela qualidade e coerência gráfica. Assim, foi adicionada à lista a revista *Cell*, uma revista prestigiada no âmbito da biologia.

5.1.1. Finisterra – A Revista Portuguesa de Geografia

A Finisterra é a revista científica portuguesa mais antiga e conceituada a nível nacional no âmbito da Geografia. Editada em 1966 pelo Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, mantém desde então edição regular e ininterrupta. Publica textos originais dedicados à investigação em diversas vertentes da Geografia, abordando a geografia física e humana, recursos e riscos ambientais, planeamento regional e local, ordenamento do território, desenvolvimento regional e local, sistemas de Informação Geográfica, entre outros temas.

Publica artigos não só em português, como também em Inglês, Francês e Espanhol. É, desde 2016, publicada três vezes por ano. A revista oferece acesso livre e imediato ao seu conteúdo, sendo uma plataforma privilegiada para jovens, investigadores sêniores, estudantes universitários e planeadores.

A principal divulgação da revista impressa é feita em Portugal, contudo existem permutas e assinaturas de bibliotecas estrangeiras, como é o caso de Espanha, França e Alemanha. A difusão mais ampla da revista registou-se aquando a sua indexação em diversas plataformas, portais de informação, bases de dados e índices.

A nível estrutural e gráfico a revista apresenta um *layout* simples, composto por uma coluna de texto, inserindo grandes quantidades de texto por página. A hierarquização entre títulos, subtítulos e texto não é clara, o que dificulta a leitura dos artigos. Utiliza apenas uma fonte com serifas, a qual segundo a classificação de Ellen Lupton, se designa por uma fonte Transicional. Caracteriza-se segundo um tom sério e institucional, sendo a coerência gráfica visível ao longo dos números. No que diz respeito à capa, é notória uma evolução desde o primeiro número até ao atual, nomeadamente em termos de ilustração. Contudo, apesar da transformação, o elemento representado manteve-se sempre o mesmo, a esfera armilar. Na capa é apresentado o logotipo, uma ilustração, a identidade a que pertence a revista, volume, número e data.



FIGURA 7

A Finisterra, n.º105, 2017

– capa

Disponível em <[https://](https://dialnet.unirioja.es/servlet/)dialnet.unirioja.es/servlet/[revista?codigo=1760](https://dialnet.unirioja.es/servlet/revista?codigo=1760)> acedido 22

de Março de 2017

FIGURA 8

A Finisterra, n.º105, 2017

– análise de grelha e layout

Disponível em <[https://](https://dialnet.unirioja.es/servlet/)dialnet.unirioja.es/servlet/[revista?codigo=1760](https://dialnet.unirioja.es/servlet/revista?codigo=1760)> acedido 22

de Março de 2017

 Centro de Estudos Geográficos	Finisterra, LII, 105, 2017, pp. 7-27 doi: 10.18055/Finisterra1054
	<p align="center">ENTRE SUBSÍDIOS E TURISMO: INSTITUIÇÕES E PODER NA GESTÃO DOS BALDIOS DO PARQUE NACIONAL DA PENEDA-GERES</p> <p align="right">Ana Luísa Lobo</p> <p>RESUMO – Os baldios são terras comunitárias historicamente geridas para pastagem e recolha de recursos associados à subsistência das populações de montanha, constituindo-se igualmente como base dos sistemas agrícolas de subsistência. Em Portugal localizam-se hoje sobretudo nas montanhas do norte do país. A modernização tecnológica da agricultura, a Bonificação pelo Estado Novo (1938-1968), a emigração nos anos 1950-1960 e o decréscimo declínio da actividade agrícola, criaram uma nova conjuntura económica e social para os baldios. Em 1986 a adesão de Portugal à União Europeia (UE) e a submissão à Política Agrícola Comum (PAC) reflectiu-se também nestes espaços e respectivas instituições. Entrevistas semi-estruturadas, efectuadas nos trinta baldios existentes no Parque Nacional da Peneda-Gerês (PNPG), permitiram analisar o tipo de uso e de utilização e as estratégias de gestão implementadas nos baldios desta região. Sobretudo nos áreas protegidas e adaptando-se à directiva da UE, o baldio começa a assumir um papel relevante na conservação da natureza e do património cultural. Ao mesmo tempo o turismo apresenta-se cada vez mais como uma alternativa para as dificuldades do mundo rural. Nos baldios do PNPG, embora o turismo tenha presença e os subsídios europeus a manutenção dos espaços naturais e culturais, verifica-se que o baldio não se dá a contemporâneas grandes por sua procura, ainda que alguns membros das comunidades dele beneficiem directamente. Até que ponto o turismo constitui uma alternativa eficaz à produção agrícola (e dependente em grande parte da vontade dos proprietários e da capacidade regional dos órgãos gestores dos baldios).</p> <p>Palavras-chave: Baldios; turismo; propriedade; Parque Nacional da Peneda-Gerês; PAC.</p> <p>ABSTRACT – BETWEEN TOURISM AND SUBSIDIES: INSTITUTIONS AND POWER GOVERNING THE BALDIOS OF THE PENEDA-GERES NATIONAL PARK. Baldios are lands usually integrated in subsistence farming systems and historically</p>
Recebido: setembro 2016. Aceite: janeiro 2017 © Universidade do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, Instituto de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa, Avenida de Berna, 26-C 1000-033 Lisboa, Portugal. E-mail: iscs@ueg.ualg.pt	

8	Ana Luísa Lobo
	<p>managed by the local communities for pasture and collection of livelihoods. In Portugal, today, these common lands are located mainly in the country's northern mountain ranges. Multiple events such as the technological modernization of agriculture, the afforestation by the dictatorial Estado Novo (1938-1968), the massive emigration in the 1950-1960's and the consequent decline of the agricultural sector, created a new economic and social conjuncture with consequences over the use of the common lands. In 1986 Portugal's adherence to the European Union (EU) and submission to the Common Agricultural Policy (CAP) also influenced the use of the common lands and the functioning of its institutions. Semi-structured interviews were performed on the thirty baldio units located in the Peneda-Gerês National Park (PNPG) in order to perceive their usage and its subjects, as well as the management strategies implemented in those common lands. As an adaptation to the EU's directives, the baldios are starting to assume a relevant role on the conservation of nature and maintenance of the cultural heritage, especially in protected areas. Simultaneously, tourism is increasingly accepted as a presence for some of the problems of rural areas. In the baldios of the PNPG, although tourism is present and subsidies from the EU help to maintain the natural and cultural spaces, it is found that the baldios do not benefit from the revenue generated by touristic activities, even though members of the communities benefit indirectly from them. The extent to which tourism is an effective alternative to agriculture production is largely dependent on the communities' will and on the negotiating skills of the baldios managing bodies.</p> <p>Keywords: Common lands; tourism; property; Peneda-Gerês National Park; CAP.</p> <p>RÉSUMÉ – LES SUBSIDES ET LE TOURISME: INSTITUTIONS ET POUVOIR DANS LA GESTION DES COMMUNAUX (BALDIOS) DU PARC NATIONAL DE LA PENEDA-GERES. Les communaux sont des espaces communautaires traditionnellement consacrés au pâturage, à la production de ressources essentielles pour les montagnes et servant aussi de base aux systèmes agricoles de subsistance. Au Portugal, ils se localisent aujourd'hui surtout dans les montagnes du Nord. La modernisation technique de l'agriculture, le réajustement effectué par l'Estado Novo (1938-68), l'émigration des années 1950 et 1960 et le déclin des activités agricoles ont donné aux communaux un nouveau cadre économique et social. L'adhésion du Portugal à l'Union Européenne (UE) en 1986, son acceptation de la Politique Agricole Commune (PAC), marquent aussi ces espaces et leurs institutions. Les entretiens effectués dans les 30 communaux gérés par le Parc (PNPG) ont permis d'analyser leurs types d'usage et d'utilitaires, ainsi que leurs stratégies de gestion. Selon les directives de l'UE, et surtout dans les aires protégées, les communaux commencent à être un efficace instrument de conservation de la Nature et du Patrimoine culturel. Le tourisme est, lui aussi, et de façon croissante, un remède aux difficultés du monde rural. Mais, relativement au PNPG et en dépit du tourisme et des subvendes visant à la conservation des espaces naturels et culturels, les communaux, qui y sont situés ne jouissent pas eux-mêmes de ces avantages, bien que les communautés d'habitants en bénéficient indirectement. Jusqu'à quel point le tourisme constitue-t-il une alternative efficace à la production agricole, c'est ce qui dépend surtout du choix des habitants et de la capacité d'adaptation des organes de gestion des communaux.</p> <p>Mots clés: Communaux; tourisme; propriété; Parc National Peneda-Gerês; PAC.</p>

5.1.2. GOT, Revista de Geografia e Ordenamento do Território

A GOT, Revista de Geografia e Ordenamento do Território é uma publicação semestral fundada em 2012 pelo CEGOT – Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, tendo sido publicado o primeiro número dia 30 de Junho do mesmo ano.

A revista procura divulgar a investigação científica, promover o debate científico, a criação de redes de cooperação, auxiliar a ligação entre ciência fundamental e o planeamento e gestão do território, e estimular a investigação.

Publica artigos associados à investigação fundamental e aplicada, notícias, comentários e resenhas bibliográficas de atualidade editorial. Tais artigos estão, obviamente, relacionados com a Geografia e Ordenamento do Território, focando-se nas suas várias dimensões e dando especial destaque aos temas associados às linhas de investigação no CEGOT, como por exemplo: natureza e dinâmicas ambientais; cidades, competitividade e bem-estar; paisagens culturais, turismo e desenvolvimento.

A GOT encontra-se indexada em diversas plataformas científicas, entre elas: *Latindex* – Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, *el Caribe*, SciELO Portugal, DOAJ – *Directory of Open Access Journals* e QUALIS Periódicos.

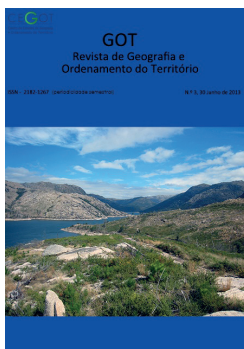
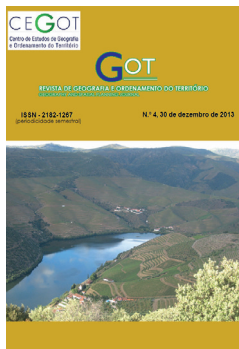
No que diz respeito às características gráficas da revista, esta apresenta algumas carências a nível de qualidade gráfica, nomeadamente na capa. De formato A4, são apresentados nas capas dos vários números existentes fotografias, que padecem de tratamento gráfico. O logótipo nem sempre está localizado no mesmo local e os contrastes entre o mesmo e a cor do fundo muitas vezes não resultam, dificultando a sua legibilidade. Em relação à tipografia utiliza-se uma fonte sem serifas para todo o texto da revista, classificada segundo Ellen Lupton como sem serifas Transicionais. O texto é estruturado a uma coluna com poucos apontamentos fotográficos. A legibilidade é um dos pontos positivos a salientar, sendo otimizada pela correta hierarquização da tipografia.

FIGURA 9
Pequena
seleção de diversos
números da revista GOT.

Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_issues&pid=2182-1267&lng=pt&nrm=i> acedido 22 de Março de 2017

FIGURA 10
GOT, n.º 9, 2016
– análise de grelha e *layout*

Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_issues&pid=2182-1267&lng=pt&nrm=i> acedido 22 de Março de 2017



<p>CEGOT Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território</p> <p>GOT Revista de Geografia e Ordenamento do Território</p> <p>ISSN - 2182-1267 (publicação semestral)</p> <p>N.º 4, 30 de dezembro de 2013</p>	
<p>Repercussões das hidrelétricas binacionais na região das Missões Jesuíticas</p> <p>Reverberations of the binational hydroelectric power stations in the region of the Jesuit reductions</p> <p>Referência: Carneiro, Carilo et al. (2010). Repercussões das hidrelétricas binacionais na região das Missões Jesuíticas. Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT), n.º 9 (junho). Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, p. 23-38. doi.org/10.17127/got/2010.9.002</p> <p>RESUMO</p> <p>Na América do Sul, historicamente, os projetos de integração regional são acompanhados de discursos desenvolvimentistas que defendem o crescimento econômico. A zona transfronteiriça entre Brasil, Argentina e Paraguai, a região histórica das Missões Jesuíticas, vem sofrendo as consequências de projetos de integração energética que ocorrem desde a década de 1970. No início do século XXI, o advento de IRISA-COSPLAN abriu um novo mercado a grandes empresas envolvidas nos projetos de integração de infraestrutura na América do Sul. Não obstante, obras em nome da integração energética geram efeitos negativos, como danos ambientais, remoções, gentrificação e exclusão social. Na defesa de seus direitos, populações atingidas pelas novas hidrelétricas de Panambi e Garabi precisam se organizar por meio de movimentos sociais, como o MAB.</p> <p>Palavras-chave: Missões Jesuíticas; hidrelétricas; Yaciretá; IRISA-COSPLAN.</p>	
21	

<p>CEGOT Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território</p> <p>GOT Revista de Geografia e Ordenamento do Território</p> <p>ISSN - 2182-1267 (publicação semestral)</p> <p>N.º 5, 30 de junho de 2014</p>	
<p>ABSTRACT</p> <p>In South American history, regional integration projects are commonly followed by developmental speeches advocating economic growth. The Tri-Border Area between Brazil, Argentina and Paraguay, the historical region of the Jesuit reductions, has been suffering the consequences of energy integration projects that take place since the 1970s. The emergence of IRISA-COSPLAN initiative in the beginning of the 21st century has opened a new market for large companies involved in integration projects of infrastructure. The current energy integration projects have negative effects, such as environmental damage, removal, gentrification and social exclusion. People affected by projects as the new hydroelectric power stations Panambi and Garabi have been fighting on behalf of their rights. In this struggle they need to organize themselves in social movements, such as MAB.</p> <p>Keywords: Jesuit reductions; hydroelectric power stations; Yaciretá; IRISA-COSPLAN.</p> <p>1. Introdução</p> <p>Os grandes projetos de infraestrutura que visam à integração de Estados fronteiriços impactam de diversas formas as localidades onde são implementados. Tais impactos são perceptíveis nos campos econômico, social e ambiental. Na América do Sul, desde a década de 1970, a histórica região transnacional das Missões Jesuíticas vem sofrendo os efeitos da construção de grandes usinas hidrelétricas, sendo as principais delas: Itaipu e Yaciretá. A primeira, uma parceria entre Brasil e Paraguai, teve o início das obras em 1975 e a inauguração em 1984; a segunda, um empreendimento argentino-paraguai, começou a ser construída em 1983 e foi inaugurada em 1998. As obras custaram vultuosos montantes de recursos aos países envolvidos. No caso de Itaipu, os recursos captados para a construção, incluindo as reagens financeiras, totalizaram US\$ 27 bilhões. Por sua vez, Yaciretá custou US\$ 15 bilhões aos cohes de Paraguai e Argentina. As obras das duas usinas foram envolvidas em uma série de denúncias de corrupção; não obstante, os governos de Brasil, Argentina e Paraguai levaram a cabo os projetos das hidrelétricas pautando-se em discursos desenvolvimentistas, de interesse nacional e segurança energética.</p> <p>No final dos anos 70, o governo militar brasileiro, em parceria com o capital internacional, implementou a construção de três grandes hidrelétricas no país – Sobradinho, Tucuruí e a maior delas, Itaipu – e expulso milhares de agricultores e suas famílias de suas terras. Uma</p>	
22	

5.1.3. RPER, Revista Portuguesa de Estudos Regionais

A Revista Portuguesa de Estudos Regionais é uma publicação periódica, cuja responsabilidade recai sobre a Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional (APDR).

A missão da revista visa divulgar a investigação sobre a realidade portuguesa na área interdisciplinar dos estudos regionais, locais e urbanos.

O seu primeiro número foi lançado em 2003, verificando-se ser um meio privilegiado de comunicação, informação e partilha de experiências. Tal deve-se ao facto de existir em Portugal diversos profissionais que se dedicam a esta área, nomeadamente nas instituições de ensino superior e nos organismos regionais e locais da administração pública.

A revista dirige-se, sobretudo, a economistas, urbanistas, sociólogos, juristas, entre outros, ou seja, profissões onde é relevante a questão do espaço e do território. A mesma, está indexada internacionalmente no *EconLit* e na *Scopus*.

A nível gráfico é visível uma evolução ao longo dos números, quer no interior, quer na capa da revista. É possível destacar quatro diferentes composições de capas. Inicialmente a fotografia era o elemento com maior destaque. Contudo, esta foi perdendo força até ser totalmente substituída por um fundo de cor sólido. O logótipo também foi acompanhando as transformações, tendo sido alterado diversas vezes. A evolução analisada, caracteriza-se por uma tentativa de simplificar a identidade da marca, comunicando com o leitor de uma forma mais objetiva. Nas versões mais recentes é visível o uso de cores fortes e chamativas, como, o vermelho, o azul e o verde. O texto é estruturado a duas colunas com poucos apontamentos de figuras, estrutura essa que se manteve intocável.



FIGURA 11

Pequena
seleção de diversos
números da Revista
Portuguesa de Estudos
Regionais.

Disponível em <<http://www.apdr.pt/siteRPER/PT/revista.html>>
acedido 26 de Março de 2017

FIGURA 12

A Revista
Portuguesa de Estudos
Regionais, n.º45, 2017
– análise de grelha e layout

Disponível em <<http://www.apdr.pt/siteRPER/PT/revista.html>>
acedido 26 de Março de 2017

<p>Smart specialization and entrepreneurial discovery: Theory and reality</p> <p>Especialização Inteligente e Descoberta Empreendedora: Teoria e Realidade</p> <p>Jaime del Castillo Hermosa infyde@infyde.eu University of the Basque Country UPV-EHU</p> <p>Jonathan Paine Elderday jonastempden@infyde.eu Información y Desarrollo - INFYDE</p> <p>Ruben Herrero Egua rubenherrero@infyde.eu Información y Desarrollo - INFYDE</p> <p>Abstract/Resumo</p> <p>Smart specialization appears as key element not only in relation to the programming of EU funds for 2014-2020, but as an opportunity to generate wealth and jobs through the phenomenon known as entrepreneurial discovery. Therefore, it is essential for regions identifying and supporting entrepreneurial discovery processes and initiatives. Thus, the aim of this paper is twofold. First, making advances in clarifying the concept of entrepreneurial discovery both in theoretical and practical terms. Secondly, establishing a set of recommendations on the role of entrepreneurial discovery within a smart specialization strategy and more specifically, the requirements for policies in order to be able to identify and support initiatives and processes of this nature.</p> <p>Keywords: smart specialization, entrepreneurial discovery, RDS3</p> <p>JEL Codes: O31</p>	<p>Smart specialization and entrepreneurial discovery: Theory and reality</p> <p>Especialização Inteligente e Descoberta Empreendedora: Teoria e Realidade</p> <p>Jaime del Castillo Hermosa infyde@infyde.eu University of the Basque Country UPV-EHU</p> <p>Jonathan Paine Elderday jonastempden@infyde.eu Información y Desarrollo - INFYDE</p> <p>Ruben Herrero Egua rubenherrero@infyde.eu Información y Desarrollo - INFYDE</p> <p>Abstract/Resumo</p> <p>A especialização inteligente aparece como elemento fundamental não só em relação à programação dos fundos da UE para 2014-2020, mas também, como uma oportunidade para gerar riqueza e emprego através do fenómeno conhecido como descoberta empreendedora. Portanto, é essencial para as regiões identificar e apoiar processos e iniciativas de descoberta empreendedora. Assim, o objetivo deste artigo é duplo. Em primeiro lugar, contribuir para o entendimento do conceito de descoberta empreendedora, tanto em termos teóricos como práticos. Em segundo lugar, estabelecer um conjunto de recomendações sobre o papel da descoberta empreendedora dentro de uma estratégia de especialização inteligente e, mais especificamente, sobre os requisitos das políticas adequadas, capazes de identificar e apoiar os processos desta natureza.</p> <p>Palavras-chave: especialização inteligente, descoberta empreendedora, RDS3</p> <p>Códigos JEL: O31</p>
--	--

5.1.4. *Cities: The International Journal of Urban Policy and Planning*

Cities é uma publicação bimestral fundada em 1983 sob a responsabilidade da editora *Elsevier*. Publica artigos sobre diferentes tópicos do planeamento urbano e política. Distingue-se das restantes, por fornecer uma plataforma internacional e interdisciplinar onde se partilham e trocam ideias no âmbito das mais variadas disciplinas entre planeadores, políticos, analistas e urbanistas.

A missão desta revista periódica é, essencialmente, analisar e avaliar o desenvolvimento da cidade, do presente e do passado, como uma reflexão de políticas de planeamento efetivas, ineficazes e inexistentes. Tenciona também, promover a implementação de políticas urbanas apropriadas, tanto para um mundo desenvolvido, assim como em desenvolvimento.

Diversos são os tópicos abordados nesta revista, estando incluídos: a adaptação urbana em relação às mudanças climáticas, a gentrificação¹ e habitação, a gestão urbana, a cooperação do sector público-privado, os problemas de desenvolvimento e planeamento, a regeneração urbana, a imigração e migração laboral internacional, a política urbana, a teoria urbana, a governação urbana, as cidades e regiões “inteligentes”, as infraestruturas, a habitualidade e qualidade de vida e as complexidades da criação de cidades sustentáveis.

A par de todos estes temas, são publicados, também, artigos de natureza mais reduzida e sumária, oferecendo um argumento particular cuja potencialidade poderá gerar debates entre estudantes e profissionais da área.

Cada número da revista *Cities* apresenta um ou mais “Perfis de Cidade”, onde é incluída uma breve descrição do desenvolvimento histórico da cidade, um relato das condições e problemas e uma revisão crítica das medidas políticas adoptadas.

A nível gráfico a revista caracteriza-se por uma enorme coerência gráfica, tratando-se de uma revista harmoniosa. No que diz respeito às suas dimensões, possui um formato com as mesmas proporções de

¹ Fenômeno que afeta uma região ou bairro pela alteração das dinâmicas da composição do local

5.1.5. *Regional Studies*

Regional Studies é uma revista mensal internacional cuja missão passa por cobrir o desenvolvimento de teorias e conceitos, análises empíricas e debates políticos na área de estudos regionais. É uma publicação oficial da Associação Regional de Estudos, publicada pela primeira vez em 1967 pela *Routledge*.

Publica pesquisas originais, as quais abrangem dimensões económicas, sociais, políticas e ambientais em relação às mudanças urbanas e regionais. A revista é vista como um fórum pluralista, o qual apresenta diversas perspectivas e técnicas analíticas.

O principal objetivo desta publicação é interligar conhecimentos entre diferentes disciplinas, de uma forma sistemática e fundamentada, tendo como propósito final a resposta à pergunta: Como e porquê que as cidades e regiões evoluem?

Investigações que espelham os processos e resultados, quer políticos, quer económicos, das circunstâncias regionais e locais, são das pesquisas mais importantes desta revista.

A revista *Regional Studies* apresenta um tom sério e formal, tendo vindo ao longo dos tempos a adoptar uma postura mais moderna. A nível gráfico caracteriza-se pela utilização constante da mesma cor na capa, o vermelho. Recentemente sofreu algumas alterações ao nível de composição: alterou-se o logótipo e adicionou-se uma ilustração (mapa mundo). O texto estrutura-se através de uma ou duas colunas, sendo utilizada uma fonte com serifa Humanistas – Estilo Antigo (*Oldstyle*). Já nos títulos, subtítulos, notas de rodapé e textos introdutórios a escolha recaiu numa fonte sem serifa humanistas. Observou-se uma abundante utilização de mapas, tabelas e gráficos, o que torna a leitura menos monótona. A cor existente no interior da revista, nomeadamente nos títulos e subtítulos, ajuda na dinâmica da página e facilita a leitura.



FIGURA 15
Regional Studies, n.º 51,
2017 – capa
Disponível em <[http://www.
regionalstudies.org](http://www.regionalstudies.org)>
acedido 27 de Abril de 2017

FIGURA 16
Regional Studies, n.º 51,
2017 – análise de grelha
e layout

Disponível em <<http://www.regionalstudies.org>>
acedido 27 de Abril de 2017

RESEARCH ARTICLE
DOI: 10.1080/13602011.2012.673209
http://www.informaworld.com

Routledge
Taylor & Francis Group

Taylor & Francis
Taylor & Francis Group

Analysing the regional geography of poverty, austerity and inequality in Europe: a human cartographic perspective

Dimitris Ballas^a, Danny Dorling^b and Benjamin Hogg^c

ABSTRACT

Analysing the regional geography of poverty, austerity and inequality in Europe: a human cartographic perspective. Regional Studies. This paper presents a human cartographic approach to the analysis of the impact of austerity and inequality on the regional crisis across Europe's regions. It reflects on past insights and debates on the analysis and mapping of poverty and wealth, and the effects of austerity in particular. It then presents a wide range of cartographic highlighting social and spatial inequalities across Europe. Finally the paper highlights the increasingly important role of the field of regional studies in current debates about the future of the European project and of the possibility of a Europe of regions rather than a Europe of nation-states.

KEYWORDS

austerity; economic crisis; poverty; inequality; Europe; cartography

背景

分析歐洲的貧困、財政緊縮與不平等區域地理：人類學的地圖。Regional Studies。本文呈現一個分析歐洲各區域經濟危機與貧困及不平等的人類學方法。本文透過對分析社會與經濟及貧富不均、貧富不均與財政緊縮的關係。本文亦呈現一廣泛的歐洲地圖，以及其區域地理。最後，本文強調區域地理學在當前歐洲前途與歐洲聯盟之重要性。

關鍵詞

財政緊縮、貧困、不平等、不平等、歐洲

Introduction

Analysing the regional geography of poverty, austerity and inequality in Europe: a human cartographic perspective. Regional Studies. This paper presents a human cartographic approach to the analysis of the impact of austerity and inequality on the regional crisis across Europe's regions. It reflects on past insights and debates on the analysis and mapping of poverty and wealth, and the effects of austerity in particular. It then presents a wide range of cartographic highlighting social and spatial inequalities across Europe. Finally the paper highlights the increasingly important role of the field of regional studies in current debates about the future of the European project and of the possibility of a Europe of regions rather than a Europe of nation-states.

KEYWORDS

austerity; economic crisis; poverty; inequality; Europe; cartography

ЗАКЛУЧАТЕЛЬНЫЕ СЛОВА

Анализ региональной географии нищеты, АUSTERITY и неРавенства в Европе: человеческий картографический

CONTACT

*Corresponding author. Email: d.ballas@sheff.ac.uk

Department of Geography, University of Sheffield, Sheffield, UK

Department of Geography, University of Sheffield, Sheffield, UK

School of Geography and the Environment, University of Oxford, Oxford, UK

Faculty of the Environment, School of Geography and Earth Sciences, University of Bristol, Bristol, UK

Faculty of the Environment, School of Geography and Earth Sciences, University of Bristol, Bristol, UK

© 2012 Taylor & Francis Ltd

[illegible]

5.1.6. *Cell*

Cell é uma revista científica quinzenal, cujo lançamento ocorreu em Janeiro de 1974. Fundada por Benjamin Lewin, a revista permanece na vanguarda da investigação no âmbito da biologia. Inclui artigos que englobam uma ampla gama de disciplinas: biologia molecular, bioquímica, biologia de sistemas, biologia do desenvolvimento, genética, imunologia, biologia estrutural, microbiologia, virologia, fisiologia biofísica, biologia computacional, entre outras. É possível encontrar artigos de revisão, onde cientistas notáveis discutem o progresso atual em todas as áreas da ciência da vida. Publica ainda, comentários, revisões de reuniões, cartas ao editor e revisões de livros, bem como listas de conferências e cursos em vigor.

No que diz respeito às características gráficas da revista, é possível afirmar que a revista *Cell* é uma publicação dinâmica, cheia de personalidade e ritmo. No que diz respeito às suas dimensões, possui um formato com as mesmas proporções de um ecrã *iPad* (768x1024px). Utiliza capas figurativas e abstratas, assim como diferentes tipos de imagens, desde de fotografias a ilustrações (abstratas e realistas). Apesar desta variedade de imagens existentes ao longo das capas, consegue manter uma coerência gráfica. Tal deve-se ao fato do logótipo ser inserido sempre no mesmo local (parte superior esquerda da página) ocupando uma posição de destaque. A sua cor adapta-se consoante o fundo existente, possuindo uma grande variedade de opções. O texto é estruturado entre duas a três colunas, variando consoante a seção. A legibilidade é otimizada pela adequação da tipografia, uma fonte sem serifas humanistas com um corpo e entrelinha confortáveis para a leitura deste tipo de publicação. Ao longo do texto são apresentadas variadas imagens e infografias, estando bem enquadradas em relação à composição das páginas. Concluindo, a *Cell* trata-se de uma publicação bem estruturada e com um elevado nível de qualidade gráfica.

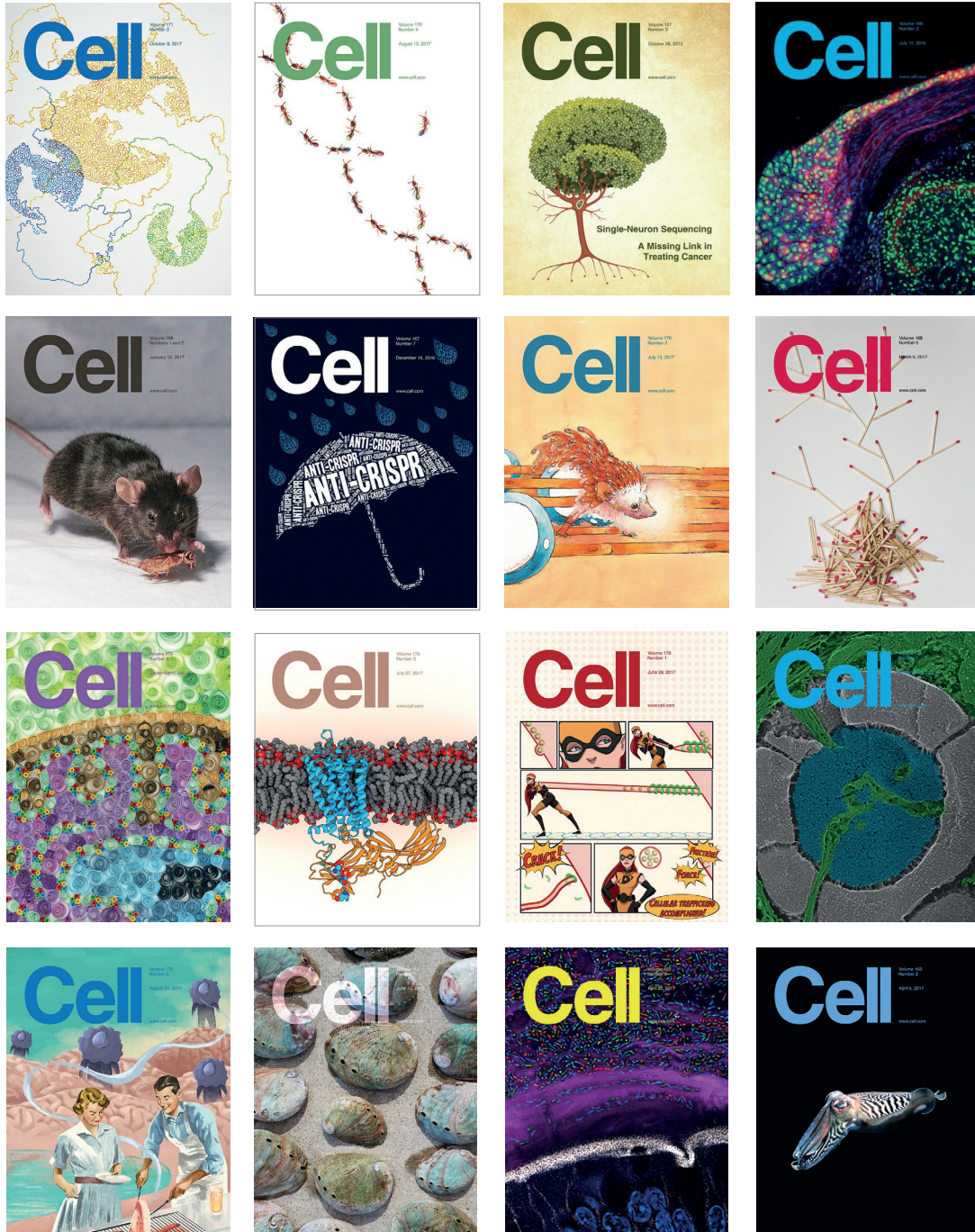


FIGURA 17
 Seleção de diferentes capas
 da revista *Cell*
 Disponível em <<http://www.cell.com/cell/home>>
 acedido 28 de Maio de 2017



FIGURA 18
Cell, n.º 171, 2017 – análise de grelha e layout
 Disponível em <<http://www.cell.com/cell/home>>
 acedido 28 de Maio de 2017

5.2. Conclusões

A escolha destes casos de estudo surgiu como um interesse da investigadora em analisar e refletir sobre as opções gráficas selecionadas para revistas científicas destinadas na sua maioria ao urbanismo.

No que diz respeito às capas das revistas analisadas, verificou-se que a composição se mantém sempre a mesma ao longo dos números, sendo que a maior parte das vezes, o elemento que se altera é a imagem utilizada e a cor de fundo presente na capa. A paisagem urbana é a palavra de ordem, sendo este conceito o mais explorado nas capas de revistas.

Em todos os casos observados, o logótipo é a escolha consensual, ou seja, utiliza-se apenas tipografia para representar a marca, rejeitando-se o símbolo. A simplicidade, é de facto, a característica que melhor define estes logótipos. Este elemento é colocado sempre na mesma posição, alternando-se a cor conforme a composição utilizada no fundo da página.

Em relação ao interior das revistas, é possível confirmar a utilização de uma ou duas colunas, sendo que o texto se apresenta na maioria das vezes justificado. A composição gráfica é dominada por uma certa geometria central. Os títulos e hierarquias, são pouco destacados, sendo o uso das fontes limitado a uma, máximo duas em toda a composição gráfica. Domina o preto/branco com pequenos apontamentos de cor. As fotografias, tabelas e gráficos são utilizados como material auxiliar de informação.

Em suma, a nível gráfico as revistas mostram-se como um projeto pouco rico. Tal fator deve-se ao uso de grandes blocos de texto que tornam a leitura difícil e pouco interessante, à pouca variedade de fontes e também à ausência de cor no interior das revistas. Tais aspetos serão tidos em conta aquando a realização do projeto, de forma a criar uma publicação que prime pela qualidade gráfica.



6. MURBS

6.1. Estrutura da Empresa

6.2. Atividades

6. MURBS

O MURBS – Grupo de Estudos Metropolitanos e das Formas de Urbanização é um grupo de investigação da Faculdade de Arquitetura. Este, tem como principal objetivo o desenvolvimento de atividades de investigação no âmbito disciplinar do urbanismo. O foco de trabalho relaciona-se especificamente com questões metropolitanas e do espaço urbano, incluindo o estudo das suas morfologias, génese e processos de transformação, planeamento e projeto urbano.

O grupo de investigação foi criado “informalmente” por volta do ano de 2000, tendo sido oficializado apenas em 2010.

O trabalho desenvolvido pela equipa permitiu criar uma rede alargada de debates de diferentes abordagens. As suas atividades abrangem desde trabalho de campo a oficinas de trabalho, a publicações científicas, ao desenvolvimento de relações com diversas equipas em diferentes universidades, tal como parcerias com autoridades municipais e de governo central, e ainda a Equipas dentro da AESOP e ISOCARP.

As atividades multidisciplinares do grupo MURBS proporcionam uma oportunidade de construir um conhecimento inovador através da contextualização da realidade, sendo vista como uma fenómeno mais amplo.

6.1. Estrutura da Instituição

6.1.1. MURBS

Um grupo de investigação é composto por um grupo de professores, investigadores, alunos e outros membros que colaboram ativamente no desenvolvimento de investigação numa área determinada do conhecimento. Tal, como acontece no MURBS, estes grupos possuem um historial expressivo de projetos de investigação e publicações na área a nível nacional e internacional.

A equipa do MURBS é composta por docentes e investigadores com experiência de investigação nas temáticas referidas, especialmente em termos da Área Metropolitana de Lisboa (AML) e estudos comparativos de fenómenos associados à urbanização de várias cidades. O grupo permite potenciar o desenvolvimento de novos contributos para a comunidade científica nestes âmbitos de trabalho, uma vez que dá continuidade a diversas atividades de investigação dos seus membros.

O MURBS articula-se com os cursos de mestrado e doutoramento da Faculdade de Arquitetura, o Centro de Investigação em Arquitetura e Design (CIAUD), assim como o Centro de Prestação de Serviços (CPS). A relação de cooperação com grupos congéneres de outras universidades nacionais e estrangeiras é de extrema importância e relevância, alargando o espetro do conhecimento.

6.1.2. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

A Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (FA-UL) pertence à Universidade de Lisboa (ULisboa), que resultou de uma fusão entre a Universidade de Lisboa e a Universidade Técnica de Lisboa. Localiza-se no Campus da Ajuda, sendo umas das três faculdades aí situadas.

A oferta de cursos conducentes é vasta, apresentando cursos nas áreas da Arquitetura, Urbanismo e Design ao nível de Licenciatura, Mestrado e Doutoramento. Além destes, apresenta ainda cursos não conducentes, proporcionando uma formação complementar a profissionais que pretendem obter conhecimentos mais aprofundados.

No âmbito da arquitetura, esta faculdade é frequentemente mencionada como a “Escola de Lisboa”. É considerada a maior e mais diversificada escola do país, no que diz respeito às suas áreas de formação. Além disso, é também a mais antiga, tendo raízes que datam ao século XVI. A FA-UL foi criada em 1979, aquando da transformação da secção de Arquitetura da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. O professor Catedrático Doutor Augusto Artur Silva Pereira Brandão foi o responsável pelo projeto do edifício.

A formação através do Projeto no 1.º e 2.º ciclo, é umas das principais características desta escola, onde são desenvolvidos e aplicados conhecimentos relacionados com a concepção de objetos a todas as escalas, desde a mão ao território.

No que diz respeito à formação no 3º ciclo, tal dirige-se à investigação avançada nas áreas disciplinares em questão, Arquitetura, Urbanismo e Design, sendo enquadrada pelo Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design (CIAUD).

Em suma, a FA-UL é considerada uma instituição de referência não só na formação profissional de arquitetos, urbanistas e designers, mas também, na produção de investigação especializada e interdisciplinar socialmente reconhecida.

6.1.3. CIAUD

O Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design foi criado em Maio de 2006 pelo Conselho Científico da FA-UL. A sua missão destina-se à promoção e estímulo da criação, e ao desenvolvimento do conhecimento científico, artístico e tecnológico nos domínios da Arquitetura, do Urbanismo, do Design e da Ergonomia. Além destas áreas, possui também o objetivo de promover a interação com diferentes áreas do conhecimento, contribuindo assim para a melhoria da educação e da qualidade de vida do ser humano.

Os principais objetivos deste centro de investigação são os seguintes:

- › Propiciar a relação entre diversas áreas científicas, de forma a alcançar um ensino de vanguarda e contribuir para o desenvolvimento económico e social.
- › Promover parcerias com entidades públicas e privadas, nacionais e estrangeiras, assim como empresas, centros de investigação, laboratórios, fundações, instituições do Estado, autárquicas e organizações não governamentais. As quais são constituídas em atividades de investigação, de formação e de divulgação (conferências, seminários, exposições, entre outras.)
- › Apoiar os mestrandos, doutorandos e pós-doutorandos no desenvolvimento dos seus projetos de investigação, estimulando as suas atividades e alargando os seus territórios de investigação, quer integrando-os em projetos coletivos, quer supervisionando as suas investigações individuais.

A parte executiva do CIAUD centra-se na Comissão, sendo formada pelo Presidente e pelos Coordenadores dos seus quatro Núcleos.

O CIAUD agrega também o Centro Editorial da FA-UL, articulando estritamente com o Centro de Prestações de Serviços (CPS), o Gabinete de Empreendedorismo, Transferência de Conhecimento e Propriedade Intelectual (GETCPI) e a Incubadora da FA.

Este centro de investigação possui cerca 340 membros, entre eles membros permanentes e colaboradores. As suas atividades e projetos de investigação são financiados pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), assim como outros organismos e instituições, individuais ou em equipa, enquadrados em três núcleos de investigação principais – Arquitetura, Urbanismo e Design.

O Gabinete Editorial da FA-UL está também integrado no CIAUD e serve com editora universitária da FA-UL. Composto por docentes, funcionários e alunos da FA-UL, o principal objetivo do gabinete passa pela publicação e divulgação de revistas, livros e outras publicações nos diversos domínios da Arquitetura, do Urbanismo e do Design.

6.1.2. Equipa

A equipa é constituída por docentes e investigadores: Sofia Morgado (coordenadora), Pedro George, Inês Moreira, Cristina Cavaco, José Vargas e Inês Fonseca (bolseira e estagiária).

SOFIA MORGADO

Coordenadora do Grupo de Investigação

Arquiteta e Mestre em Cultura Arquitetónica Contemporânea e Construção da Sociedade Moderna (FA-UL), 1992 e 1998 respetivamente), Doutora em Urbanismo (ETSAB-UPC, Barcelona, 2005), com Agregação em Urbanismo (FA-UL, 2013). Leciona Projeto/Urbanismo desde 1997 na FA-UL. A sua atividade inclui contributos para livros, periódicos, arbitragem científica, envolvendo-se em projetos de investigação nacionais e internacionais. Recebeu em 2010 o Prémio Científico UTL/Santander.

PEDRO GEORGE

Bacharel em Arquitetura, Planeamento e Estudos Ambientais e Mestre em Planeamento Urbano (*Bartlett School/University College London*), Doutor em Planeamento Urbano (FA-UL).

Dedica-se, desde 1976, à atividade profissional nos campos do planeamento regional e urbano, desenho urbano, gestão urbanística e arquitetura como profissional, docente urbano, funcionário público e investigador.

Leciona, desde 1980 até aos dias de hoje, na FA-UL, na área de projeto de Urbanismo. Exerceu também outros cargos nesta mesma escola: Presidente do Conselho de Escola (2009-2012), membro do Conselho Científico (2012-2014), coordenador do Curso de Doutoramento em Urbanismo (2010-2012), Diretor do Departamento de Projeto de Arquitetura e Design (2012-2014).

Além desta faculdade lecionou também na Universidade Lusófona (professor e coordenador do Curso de Licenciatura em Urbanismo de 1996 a 2000) e pela Faculdade de Engenharia da Universidade Católica Portuguesa (professor e coordenado do Curso de Mestrado em Qualificação da Cidade de 2002 a 2004)

INÊS MOREIRA

Licenciada em Arquitetura (FAUP Porto, 2001), Mestre em Teoria da Arquitetura e Cultura Urbana (UCP Barcelona, 2003), Doutora em “Curatorial Knowledge” (*Goldsmiths College*, Universidade de Londres, 2014). Neste último, teve o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia (*PhD Dissertation Scholarships*).

Arquiteta, Investigadora e Curadora, Inês Moreira experimenta na sua pesquisa/prática diferentes colaborações entre arquitetura, arte, dispositivo expositivo, e investigação transversal sobre cultura contemporânea.

CRISTINA CAVACO

Licenciada em Arquitetura (FA-UL, 1996), Mestre em Cultura Arquitetónica Contemporânea e Construção da Sociedade Moderna (FA-UL, 2001), Doutorada em Arquitetura.

Atualmente desempenha a função de professora Auxiliar na FA-UL, sendo também um membro do CIAUD, onde desenvolve investigação nas áreas de urbanismo, política urbana e ordenamento do território. Tem vindo a integrar e coordenar diversos projetos de investigação, os quais são financiados por diferentes identidades, pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, pela Fundação Calouste Gulbenkian, e pelas EEA Grants.

Desempenhou funções de Subdiretora-Geral do Território (Ministério do Ambiente), entre 2012 e 2016. Coordenou a elaboração de um conjunto de projetos e documentos de política e participou também na reforma do quadro legal da política de ordenamento do território. Foi ainda representante de Portugal nos Comitês de Monitorização dos Programas de Cooperação Territorial da Comissão Europeia, membro do EIONET – *National Reference Centre on Land Use and Spatial Planning* (NRC LUSP) e perita da Comissão Europeia no *Expert Group of Territorial Cohesion and Urban Matters* (EC).

JOSÉ VARGAS

Durante os 1991 e 1993 frequentou o 1.º e o 2.º anos do curso de Engenharia Civil no Instituto Superior de Engenharia de Lisboa.

Licenciado em Arquitetura (Cooperativa de Ensino Universidade Lusíada, 2005), Doutor em Urbanismo (FA-UL, 2010).

INÊS FONSECA

Licenciada em Design (FA-UL, 2015). Ocupa a função de designer do grupo de investigação e auxilia em quaisquer tarefas necessárias.

6.2. Atividades

O MURBS permite criar uma continuidade aos trabalhos de investigação dos seus membros, utilizando a complementaridade dos seus estudos académicos prévios. Tal permite estimular o desenvolvimento de novas contribuições para o conhecimento científico nas áreas em questão.

Diversos foram os trabalhos desenvolvidos pelo grupo, tendo sido várias as parcerias estabelecidas com entidades nacionais e internacionais. Vários foram também os financiamentos obtidos para as investigações realizadas e em curso.

De entre os diversos projetos de investigação que contaram a participação dos membros do MURBS destacamos os seguintes:

- › Dinâmicas de uso e ocupação do solo da área metropolitana de Lisboa 1940-2001.
- › A explosão da cidade Ferrara, Veneza, Genova, Milão, Nápoles, Valência, Donostia-baiona, Vallès-barcelona, Lisboa, Porto, montpellier, Marselha.
- › O potencial do espaço desocupado na formação e planeamento da metropolitana Lisboa.
- › Super cidades sustentáveis com solo de uso político para cidades resilientes.
- › Projetar a ausência de espaço desocupado como base para a morfologia e para os projetos urbanos em Lisboa.
- › Compreender e projetar a cidade pós-industrial: metrópole, renovação urbana e espaço público.

No que diz respeito aos projetos mais recentes é possível destinguir os seguintes:

RECURSOS MÍNIMOS (MINIMAL RESOURCES) 2013-2016

O projeto visa desenvolver uma compreensão sobre a evolução dos territórios metropolitanos, antes de uma conjuntura de recursos mínimos, entre eles recursos financeiros, ideológicos, humanos, culturais e ambientais.

A pesquisa direciona-se especificamente a culturas urbanas e planeamento da paisagem. O projeto pretende contribuir regionalmente através da oferta de uma perspectiva da dinâmica urbana nacional em termos funcionais, económicos e humanos. Além disso, visa estabelecer uma relação entre estes fatores e a maneira como afetam os tecidos urbanos e metropolitanos, no âmbito mais vasto da Europa.

A equipa desta investigação reuniu não só os membros do Grupo MURBS, mas também quatro estudantes de Doutoramento.

GENDERSTE – Gender, Science, Technology and Environment

(Género, Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente) 2013 - 2016

GenderSTE é a primeira rede direcionada aprovada pelo Comité de Sêniors Oficiais (*Committee of Senior Officials*). Esta é uma nova iniciativa que tenciona desenvolver o estado da arte na implementação de conhecimento e políticas em género, ciência, tecnologia e engenharia, através da criação de uma rede de formuladores de políticas e especialistas em género, ciência e tecnologia.

O principal objetivo passa por promover uma melhor integração das dimensões de género em ciência e tecnologia em três níveis principais:

- › Mudanças Estrutural – promover a carreira das mulheres na área das ciências e tecnologia por meio de mudanças estruturais das instituições (conforme recomendado pela Comissão Europeia) através da divulgação de pesquisas e práticas existentes.
- › Inovação e “*Task Force*” - promover uma melhor integração de género no conteúdo da ciência, pesquisa e tecnologia, através da divulgação de pesquisas existentes sobre o tema.

- › Cidades – identificar as dimensões de género relevantes relacionados com o meio ambiente, *“Hozizon2020 Grand Chanllenges”* e *“JPI Urban Europe”*.

FORMAS METROPOLITANAS DE PRODUÇÃO ESPACIAL EM LISBOA (1940-2011) “METROPOLITAN FORMS OF SPATIAL PRODUCTION IN LISBON” 2011-2013

A par da vasta pesquisa da área metropolitana de Lisboa e do Prémio UTL 2010 recebido pelo Grupo de investigação proporcionou-se uma oportunidade para atualizar dados e cartografia, fornecendo uma sequência desafiadora da participação anterior na “Explosão da Cidade”.

Os resultados obtidos contribuíram para outros projetos de investigação e teses de doutoramento, desenvolvidos pelos membros da equipa deste mesmo projeto. Simultaneamente, a participação em projetos de alcance internacional permitiu a identificação desta matéria como um interesse para a comunidade científica, especialmente no contexto do urbanismo europeu.

O projeto é visto como uma oportunidade de pesquisa renovada, a par das mudanças já ocorridas. Antecipa novos dados de recenseamento e permite a revisão de vários instrumentos de gestão territorial.

the information science community. The first is the *Journal of the American Society for Information Science* (JASIS), which was founded in 1950 and is published by the American Society for Information Science (ASIS).

The second is the *Journal of the American Society for Library Science* (JASL), which was founded in 1950 and is published by the American Society for Library Science (ASLS).

The third is the *Journal of the American Society for Documental Science* (JASD), which was founded in 1950 and is published by the American Society for Documental Science (ASDS).

The fourth is the *Journal of the American Society for Information Science and Technology* (JASIST), which was founded in 1950 and is published by the American Society for Information Science and Technology (ASIST).

The fifth is the *Journal of the American Society for Library Science and Technology* (JASLST), which was founded in 1950 and is published by the American Society for Library Science and Technology (ASLST).

The sixth is the *Journal of the American Society for Documental Science and Technology* (JASDST), which was founded in 1950 and is published by the American Society for Documental Science and Technology (ASDST).

The seventh is the *Journal of the American Society for Information Science and Library Science* (JASISL), which was founded in 1950 and is published by the American Society for Information Science and Library Science (ASISL).

The eighth is the *Journal of the American Society for Information Science and Documental Science* (JASISD), which was founded in 1950 and is published by the American Society for Information Science and Documental Science (ASISD).

The ninth is the *Journal of the American Society for Information Science and Library Science and Technology* (JASISLST), which was founded in 1950 and is published by the American Society for Information Science and Library Science and Technology (ASISLST).

The tenth is the *Journal of the American Society for Information Science and Documental Science and Technology* (JASISDST), which was founded in 1950 and is published by the American Society for Information Science and Documental Science and Technology (ASISDST).

The eleventh is the *Journal of the American Society for Information Science and Library Science and Documental Science* (JASISLSD), which was founded in 1950 and is published by the American Society for Information Science and Library Science and Documental Science (ASISLSD).

The twelfth is the *Journal of the American Society for Information Science and Library Science and Documental Science and Technology* (JASISLSDST), which was founded in 1950 and is published by the American Society for Information Science and Library Science and Documental Science and Technology (ASISLSDST).

The thirteenth is the *Journal of the American Society for Information Science and Library Science and Documental Science and Technology and Information Science* (JASISLSDSTIS), which was founded in 1950 and is published by the American Society for Information Science and Library Science and Documental Science and Technology and Information Science (ASISLSDSTIS).

The fourteenth is the *Journal of the American Society for Information Science and Library Science and Documental Science and Technology and Information Science and Library Science* (JASISLSDSTISL), which was founded in 1950 and is published by the American Society for Information Science and Library Science and Documental Science and Technology and Information Science and Library Science (ASISLSDSTISL).

The fifteenth is the *Journal of the American Society for Information Science and Library Science and Documental Science and Technology and Information Science and Library Science and Documental Science* (JASISLSDSTISLSD), which was founded in 1950 and is published by the American Society for Information Science and Library Science and Documental Science and Technology and Information Science and Library Science and Documental Science (ASISLSDSTISLSD).

The sixteenth is the *Journal of the American Society for Information Science and Library Science and Documental Science and Technology and Information Science and Library Science and Documental Science and Technology* (JASISLSDSTISLSDST), which was founded in 1950 and is published by the American Society for Information Science and Library Science and Documental Science and Technology and Information Science and Library Science and Documental Science and Technology (ASISLSDSTISLSDST).

The seventeenth is the *Journal of the American Society for Information Science and Library Science and Documental Science and Technology and Information Science and Library Science and Documental Science and Technology and Information Science* (JASISLSDSTISLSDSTIS), which was founded in 1950 and is published by the American Society for Information Science and Library Science and Documental Science and Technology and Information Science and Library Science and Documental Science and Technology and Information Science (ASISLSDSTISLSDSTIS).

The eighteenth is the *Journal of the American Society for Information Science and Library Science and Documental Science and Technology and Information Science and Library Science and Documental Science and Technology and Information Science and Library Science* (JASISLSDSTISLSDSTISL), which was founded in 1950 and is published by the American Society for Information Science and Library Science and Documental Science and Technology and Information Science and Library Science and Documental Science and Technology and Information Science and Library Science (ASISLSDSTISLSDSTISL).

7. ESTÁGIO

- 7.1. Tarefas Previstas
- 7.2. Cronograma do Projeto
- 7.3. Revista TPU - Território, Planeamento
e Urbanismo • *teoria e prática*

7. ESTÁGIO

Estágio Académico de Natureza Profissional realizado no Grupo de Investigação MURBS, localizado na FA-UL. Obtido através da candidatura a uma bolsa de investigação do CIAUD com o apoio financeiro da FCT, da qual a investigadora saiu vencedora.

O grupo MURBS centraliza a sua investigação na área do Desenvolvimento Regional, da Metrópoles e da Paisagem, o que possibilitou explorar e aprofundar os conhecimentos sobre o Urbanismo, criando, de certa forma, uma ligação entre o mesmo e o Design de Comunicação.

DURAÇÃO

Seis meses

De 6 de Fevereiro a 31 de Agosto

HORÁRIO

Das 9h às 17h

Segunda a Sexta-feira

7.1. Tarefas Previstas

O plano de trabalho previsto passou pela produção de uma revista científica digital, assim como o auxílio em outros projetos pontuais.

O principal objetivo destinou-se à criação de uma publicação periódica em língua portuguesa de carácter científico, no domínio do urbanismo: TPU – Território, Planeamento e Urbanismo · *teoria e prática*.

No decorrer do estágio existiram diversas reuniões com a coordenadora científica, Sofia Morgado, de forma a acompanhar o desenvolvimento do trabalho, realizando críticas e sugestões sobre o projeto. Todo o processo foi também acompanhado pelo coordenador da revista Paulo Silva. Esta troca de impressões proporcionou alterações de ideias/propostas ao longo do processo criativo.

7.2. Cronograma do Projeto

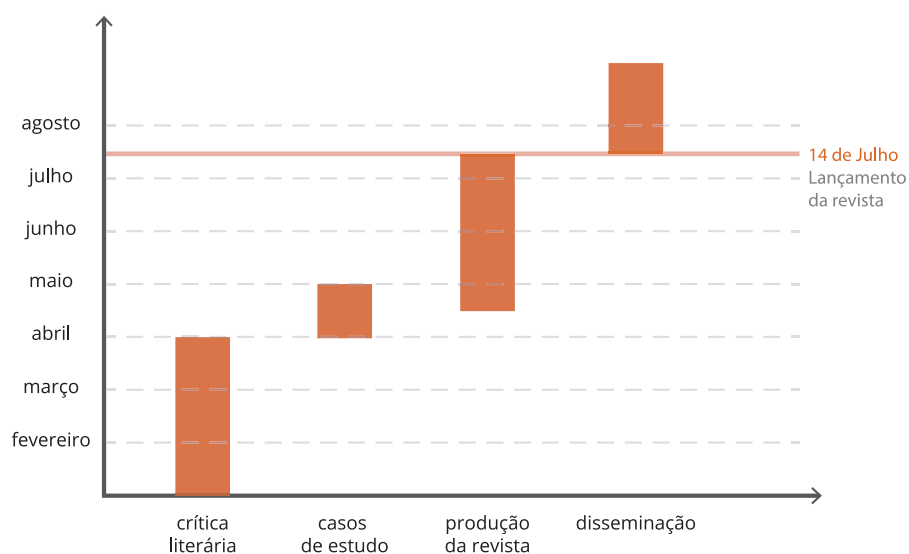


FIGURA 17
Cronograma do projeto
Investigadora, 2017

7.3. Revista TPU: Território, Planeamento e Urbanismo – teoria e prática

A revista TPU: Território, Planeamento e Urbanismo · *teoria e prática* traduz-se num projeto editorial cujo a missão passa por abordar questões de ordenamento nas suas mais diferentes dimensões, incorporando partes importantes da identidade de cada uma das escolas fundadoras do projeto.

Trata-se de uma iniciativa de escolas portuguesas membros da AESOP) a publicar em versão digital, em *open access* (acesso livre) e tendo como propósito a indexação da revista.

Este grupo de escolas iniciadoras da revista TPU é composto pela Universidade de Aveiro através do Departamento de Ciências Sociais, Políticas e do Território (Paulo Silva e Artur Rosa Pires); pela Universidade de Lisboa, através da Faculdade de Arquitetura (Sofia Morgado), do Instituto de Ciências Sociais (José Mourato), do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (Eduarda Marques da Costa) e do Instituto Superior Técnico (José Antunes Ferreira); pela Universidade do Porto através das Faculdades de Arquitetura (Teresa Calix) e de Engenharia (Isabel Breda Vázquez) e pela Universidade Nova de Lisboa através da FCT Nova - Departamento de Ciências e Engenharia do Ambiente (Lia Vasconcelos).

O objetivo deste projeto editorial científico consiste em promover o debate e divulgação de questões que alimentem uma agenda de políticas, planos e projetos de ordenamento e desenvolvimento territorial, de forma a preencher um espaço ainda inocupado até ao momento. A aproximação entre comunidades científicas, estudantes académicos e profissionais é também uma das finalidades desta revista. No fundo, tenciona-se que o leitor se sinta inspirado e que a revista represente um convite ao debate em torno do território, ao nível da política, do plano e do projeto.

7.3.1. Estudos Iniciais

No decorrer do desenvolvimento do projeto foi tido em conta um fator importantíssimo: todas as decisões tomadas previamente pela mes-tranda afetariam não só o primeiro número, como toda a linha edito-rial. Posto isto, foi essencial desenvolver uma linha condutora que fosse sentida e refletida em futuros números da revista.

Numa primeira fase, foi imprescindível realizar uma análise do material que iria compor a revista, de forma entender quais as caracte-rísticas da publicação, nomeadamente o tipo de linguagem, mensagem e público-alvo. Foram analisados diversos aspetos acerca dos artigos presentes na revista, nomeadamente: qual a quantidade e tamanho dos mesmos, sobre a existência de títulos e subtítulos, se possui citações e referências bibliográficas, se integra imagens, ilustrações ou infogra-fias, entre outros aspetos relevantes.

ANÁLISE DO CONTEÚDO DA REVISTA

- › Caráter científico
- › Mensagem: transmissão de conhecimento e progresso no âmbito do urbanismo.
- › Público alvo engloba todos os profissionais envolvidos na área do urbanismo, desde arquitetos a engenheiros civis, passando por geógrafos e planeadores do território. Direciona-se também a estudantes e investigadores, assim como a qualquer cidadão com interesse pela área.
- › Índice, nota introdutória, 7 artigos compostos por: resumo/abstract; desenvolvimento do tema (3 níveis de títulos); citações; referências bibliográficas.
- › Número reduzido de imagens, apenas onze ao longo de toda a revista com média/baixa qualidade de resolução e existência de um esquema.
- › Sete artigos científicos, cujos autores espelham a diversidade de leituras e abordagens do território enquanto resultado de ações concentradas ao nível do planeamento e urbanismo,

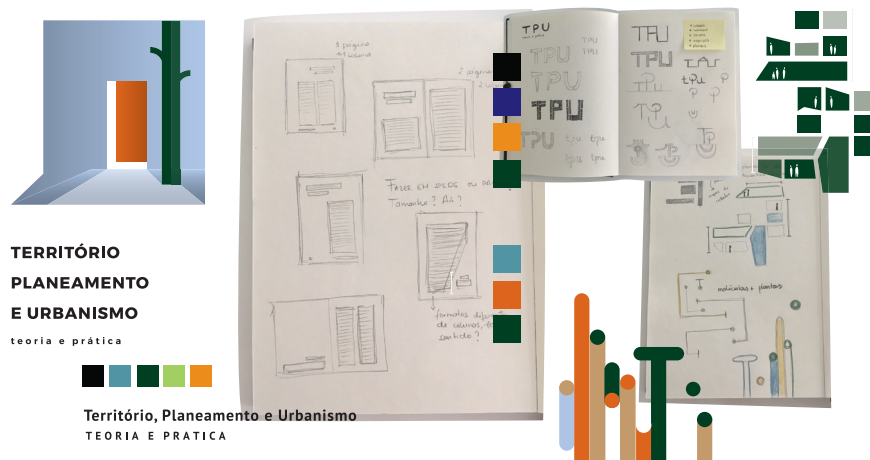
expondo de forma crítica congestionamentos (artigo de Álvaro Domingo), heranças e formas de lidar com as mesmas (artigo de Ricardo Cardoso), questões de método (artigo de Pedro George), articulações dos territórios contemporâneos com políticas públicas de urbanismo (artigo de Cristina Cavaco) e financeiras (artigo de Margarida Pereira), experimentação de soluções ao nível do espaço (artigo de Fernando Brandão Alves), e articulação de níveis de planeamento (artigo de Teresa Fidélis).

Uma vez analisadas e apreendidas as características da publicação, houve a necessidade de estipular os objetivos e parâmetros que definem a publicação, tais como:

- › Caráter científico de aspecto confiável e fidedigno.
- › Valores de progresso, construção e transmissão de conhecimento
- › Legibilidade, obtida através da correta utilização da tipografia, cor, grelhas e hierarquização dos elementos.
- › Leitura fluida e ritmada.

Concluída a fase anterior iniciou-se a etapa destinada à realização de esboços. Foi essencial desenhar várias opções de layout, tendo sido experimentadas diferentes grelhas, tipos e tamanhos de letra, cores, ilustrações, entre outros.

FIGURA 20
Esboços iniciais
Investigadora, 2017



7.3.2. Processo Editorial

Formato

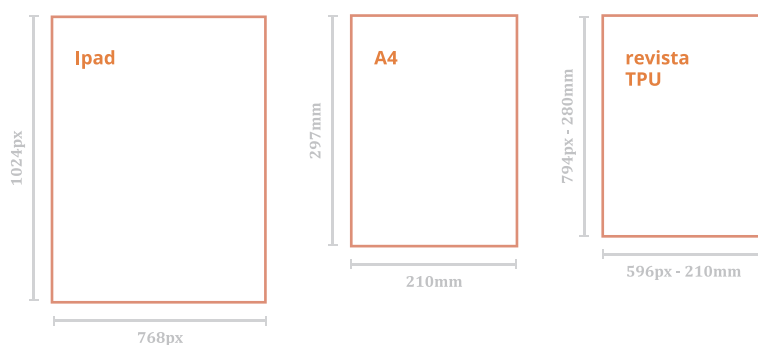
A opção de um formato digital para a revista TPU, foi tomada previamente pelo grupo de investigação, MURBS. Desde o início do projeto que tal estava definido pelos coordenadores, Sofia Morgado e Paulo Silva, devido aos custos associados à impressão e à tendência, de hoje em dia, as publicações científicas impressas se converterem para um formato digital.

Uma vez que a publicação estará disponível num repositório *online* de acesso livre, optou-se pela execução de um ficheiro em formato PDF, visto estas plataformas apenas publicarem e aceitarem este tipo de documentos. Todo o projeto foi desenvolvido no programa *Adobe InDesign*, tendo sido pedido, pela coordenadora do mesmo, a criação de um documento word semelhante ao ficheiro *InDesign*.

No que diz respeito às dimensões da página, entendeu-se, primeiramente, que o formato A4 (210x297mm) seria o ideal, visto ser o formato mais utilizado em revistas científicas e claro, pela facilidade em termos de impressão (caso o leitor assim o deseje fazer).

Contudo, com o advento das novas tecnologias e formatos digitais verificou-se que o formato escolhido não era o mais indicado para tais suportes, devido à sua extrema verticalidade. Optou-se, assim, por um formato mais ergonómico em termos de leitura digital, tendo como referência o formato de um ecrã Ipad (768x1024px). Conjugadas as dimensões entre o A4 e o formato *Ipad*, a revista assumiu a dimensão de 596x794px, ou seja, em milímetros, 210x280mm. Uma das mais valias deste formato é que se adequa ao seu propósito digital, assim como poderá facilmente ser impresso pelo leitor, uma vez que está bastante ajustado ao formato A4.

FIGURA 21
Relação entre
diferentes formatos
Investigadora, 2017



Estrutura Editorial

A estrutura organizacional da revista, a posição de cada artigo, foi estabelecido pelo conselho editorial da mesma, organizando-se da seguinte forma:

- › Índice
- › Nota Introdutória
- › Editorial
- › Artigos Científicos

Território, planeamento e outras ficções

Álvaro Domingues

Desenraizar o Ordenamento território, planeamento e urbanismo na pós-colonialidade portuguesa

Ricardo Cardoso

Questões de método

Pedro George

Urbanismo como política pública que mudanças de azimute?

Cristina Cavaco

A rua de ontem na cidade de hoje

Fernando Brandão Alves

Financeirização na cidade como como gerir necessidades locais e interesses dos mercados globais?

Margarida Pereira

Reflexão crítica a propósito da articulação entre planeamento territorial e planeamento sectorial - o exemplo dos recursos hídricos

Teresa Fidélis

A tentativa de criar um ritmo de leitura dinâmico foi uma preocupação tida em conta. Uma vez que a estrutura editorial já estava previamente estabelecida, não houve a possibilidade intercalar artigos de maior extensão com os de menor e distribuir livremente as imagens fotográficas pela publicação, conferindo à revista um ritmo vibrante e não

monótono. Tal acontecimento, originou a necessidade de criar elementos que traduzissem essa intenção, tais como: separadores que antecedem os artigos, divisão dos artigos em partes diferentes (resumo e *abstract*, desenvolvimento e referências), destaque das citações presentes no texto, utilização de diferentes números de colunas por página, entre outros elementos.

Na presente revista apresenta-se como elementos de navegação o índice, os números de página, nome da publicação e artigo (título corrente), os separadores e a ficha técnica. Estes elementos permitem orientar o leitor, guiando-o dentro da publicação.

O índice encontra-se no início da revista, sendo apresentado o nome de cada artigo, o seu autor e o número da página em que se localiza. Aqui adicionou-se um botão interativo, ou seja, clicando nos números de página presentes no índice somos direcionados para a página pretendida. Procurou-se dispor a informação de uma forma clara e perceptível, de forma a facilitar a leitura.

O cabeçalho está reservado para os números de página, enquanto na lateral se apresenta o nome da publicação e o nome do artigo (título corrente).

Os separadores localizam-se antes de cada artigo, contendo o título do mesmo e respetivo autor. Estes ajudam a criar um ritmo dinâmico à revista, uma vez que as suas cores vão-se alterando, variando entre um fundo azul e cor-de-laranja.

A identificação do conselho editorial, conselho científico, design gráfico e ISSN da revista são informações apresentadas na ficha técnica, localizada nas primeiras páginas do projeto.

A navegação foi um fator importante e decisivo para a obtenção de uma boa legibilidade, tal qual como para promover a interação entre o leitor e objeto.

Cor

A cor é um elemento importante em qualquer identidade, sendo que a escolha cromática se reveste de extrema importância para comunicar um produto. Um fator de extrema relevância, o qual foi tido em conta, relaciona-se com o modo como a cor pode influenciar o comportamento do leitor, assim como marcar a diferença perante marcas concorrentes. Após um estudo intensivo de cores, tendo sido testadas várias tonalidades e diferentes conjuntos de paletas cromáticas, a escolha recaiu sobre um conjunto de três cores distintas: o verde, o laranja e o azul.

Numa primeira fase tendo como ponto de partida o objeto de estudo do urbanismo - a cidade, começou por se identificar alguns dos seus elementos, tais como: natureza, terreno e edifícios. A estes componentes foram associadas e extraídos tons, visto que seria importante criar uma relação entre as cores e o significado das mesmas segundo o público-alvo em questão, os urbanistas.

Nesta tentativa de ajustar a cor aos requerimentos do público, foi também tido em conta a conjugação e mistura entre tons, optando-se por duas cores mais intensas e outra mais neutra e esmaecida. A paleta escolhida é pautada por um enorme equilíbrio, existindo umas mais excitantes e contrastantes que despertam interesse pela sua vivacidade e outras menos saturadas esmaecidas que pautam pela tranquilidade. Tal balanço permite produzir uma publicação coesa e harmoniosa, a qual não extenua os olhos do leitor.

FIGURA 22
Paleta cromática,
Revista TPU.
Investigadora, 2017

cor directa	quadricromia	RGB	web hex
Pantone 3435 C	C100 M50 Y100 K50	R0 G64 B35	004022
Pantone 717 C	C0 M70 Y110 K10	R218 G95 B6	DA5F06
Pantone 644 C	C40 M15 Y0 K20	R140 G129 B199	8CA9C7
Pantone 5585 C	C35 M15 Y30 K0	R169 G190 B178	A9BEB2

Grelhas

Sabendo que as grelhas são um elemento crucial para a criação de um produto editorial de qualidade e harmonioso foi desenvolvido um sistema simples e eficaz, capaz de servir os propósitos da revista científica digital.

Antes de se iniciar a construção da mesma foi essencial analisar diferentes aspetos, como: a quantidade e relação entre texto e imagem; a variedade de texto e imagem; a importância e níveis de texto; entre outros. Além de todos estes fatores, foi tido em conta o conceito da publicação, ritmo, público alvo, legibilidade e formato.

Começou a equacionar-se a solução do problema através da realização de pequenos esboços, visto segundo Muller Brockman os esboços em escala reduzida facilitarem a visão global daquilo que será a paginação. Optou-se pela construção de uma grelha simples, contudo, completa, permitindo tratar diferentes tipos de texto e imagem. A grelha, criada numa página mestre, apresenta-se com margens superiores (46mm), inferiores (24mm), externas e internas (27mm) e com colunas (8 com espaço de 6,5 mm entre elas).

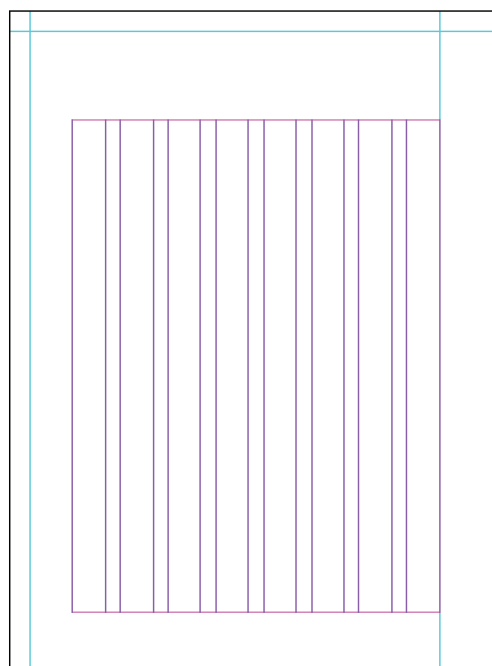


FIGURA 23
Grelha de Construção,
Revista TPU
Investigadora, 2017

7 T.L As grelhas mais complexas, contudo, são geralmente aquelas utilizados por revistas, onde é habitual terem oito ou 12 colunas na grelha de construção, com as caixas de texto posicionadas em duas ou três colunas dentro dessa estrutura.

“The most complex grids, however, are usually those used by magazines, where it is routine to have eight or 12 columns in a grid, with the text boxes positioned in two or three columns within that structure (Klanten, R et al. 2010, p.59)⁷

Devido à grande dimensão da revista, pode optar-se por margens largas, conferindo à publicação um aspeto “limpo” e permitindo que o texto “respire”, já que a quantidade de texto por página é elevada. Foi ainda necessário colocar linhas guias horizontais a 8mm do topo, e verticais a 5mm da margem exterior esquerda e a 27mm da margem exterior direita, demarcando a localização do número de página e do título corrente.

Por fim, definiu-se a linha de base da tipografia (*baseline grid*) com a finalidade de ajustar a linha de base dos textos a uma estrutura fixa. A medida do intervalo entre cada linha tem 4 pontos de distância.

FIGURA 24
Guias, Revista TPU
Investigadora, 2017

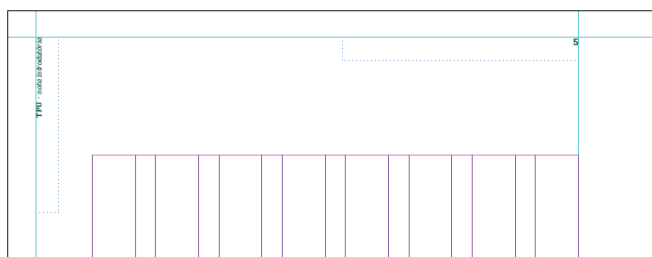
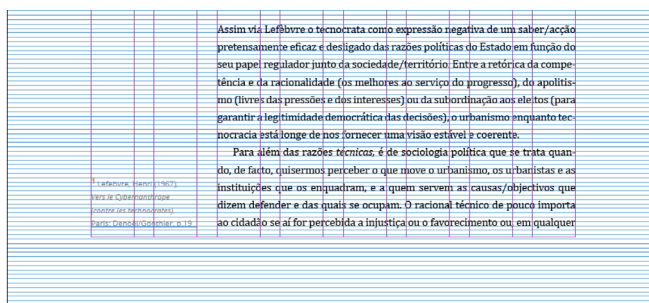


FIGURA 25
Baseline grid, Revista TPU
Investigadora, 2017



Tipografia

Para a escolha tipográfica da revista, optou-se pelo uso de duas famílias tipográficas, nomeadamente, a *Cambria* e a *Open Sans*. Diversos foram os tipos de letra testados, sendo que o conjunto que melhor servia as características de um projeto digital recaiu sobre os tipos desenhados para o meio digital.

A *Cambria* é uma família tipográfica com serifas transicionais desenhada por Jelle Bosma em 2004, que contou com a colaboração de Steve Matteson e de Robin Nicholas. A origem da sua encomenda é da responsabilidade da *Microsoft*, sendo distribuída com o *Windows* e *Office*.

Este tipo de letra faz parte da *ClearType Font Collection*, um conjunto de fontes desenhadas para operar com o sistema de renderização de texto *ClearType* da *Microsoft*. Este consiste num mecanismo de renderização de texto, melhorando a legibilidade do mesmo em *LCDs* (*Liquid Crystal Displays*). As restantes fontes que fazem parte deste grupo são as seguintes: *Calibri*, *Candara*, *Consolas*, *Constantia* e *Corbel*.

Em suma, a *Cambria*, de proporções e espaçamentos muito cuidadosos, é indicada para textos impressos, de corpo reduzido e para a leitura em ecrã, adequando-se perfeitamente a documentos empresariais, correio electrónico e web design. Devido às suas características de conforto e legibilidade em textos longos, quer no âmbito digital, quer impresso, esta família tipográfica é a ideal para o propósito do projeto.

Cambria • regular	Cambria • italic	Cambria • bold	Cambria • bold italic
ABCDEFGHIJKLMN	ABCDEFGHIJKLMN	ABCDEFGHIJKLMN	ABCDEFGHIJKLMN
OPQRSTUVWXYZa	OPQRSTUVWXYZa	OPQRSTUVWXYZa	OPQRSTUVWXYZa
bcdefghijklmnopq	bcdefghijklmnopq	bcdefghijklmnopq	bcdefghijklmnopq
rstuvwxyz123456	rstuvwxyz123456	rstuvwxyz123456	rstuvwxyz123456
7890€‰	7890€‰	7890€‰	7890€‰

FIGURA 26
Família Tipográfica
- *Cambria*, Revista TPU
Investigadora, 2017

A *Open Sans* é um tipo de letra sem serifas humanistas, desenhado por Steve Matteson, por volta do ano de 2010, tendo sido encomendado pela *Google*. De acordo com a empresa, caracteriza-se pelas suas formas abertas, eixo vertical e aparência neutra, mas amigável. Optimizada para impressão, *web design* e interfaces móveis, a *Open Sans* é uma das fontes mais populares da *Google*. Tal deve-se, também, às suas excelentes características de legibilidade, tanto em ecrã como em tamanhos reduzidos.

FIGURA 27

Família Tipográfica
- *Open Sans*, Revista TPU
Investigadora, 2017

Open Sans • semibold	Open Sans • bold	Open Sans • bold italic	Open Sans • extrabold
ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZa	ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZa	ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZa	ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZa
bcdefghijklmnopq	bcdefghijklmnopq	bcdefghijklmnopq	bcdefghijklmnopq
rstuvwxyz123456	rstuvwxyz123456	rstuvwxyz123456	rstuvwxyz123456
7890€%	7890€%	7890€%	7890€%

Esta combinação entre duas fontes, uma com serifas e outra sem serifas, gera diferentes ritmos de leitura, contraste e ajuda na hierarquização da informação. Antes de se iniciar o processo de paginação foi essencial hierarquizar todos os elementos da revista, de forma a entender e criar diferentes níveis de títulos e textos.

FIGURA 28

Hierarquias, Revista TPU
Investigadora, 2017

Assim via Lefèbvre o tecnocrata
pretensamente eficaz e deslig
seu papel regulador junto da s
tência e da racionalidade (os
mo (livres das pressões e dos
garantir a legitimidade democ
nocracia está longe de nos for

¹ Lefebvre, Henri (1967),
Vers le Cybernanthrope
(contre les technocrates),
Paris: Denoël/Gonthier, p.19

**Território
e outras f**

1.2. O PLANEAMENTO ENQUANTO PREPARAÇÃO DA TRANSFORMAÇÃO DO TERRITÓRIO

No que diz respeito à estrutura dos artigos, podemos distinguir: o título do artigo e subtítulo (caso exista); nome do autor; dois níveis de títulos (no desenvolvimento do artigo) com subtítulos (caso exista); texto; citações e referências bibliográficas.

HIERARQUIA DOS ELEMENTOS

- › **1. Título do artigo**
 - 1.1 Subtítulo
 - 1.2 Nome do autor
 - 1.2.1 Informações sobre autor
- › **2. Título nível 1**
 - 2.1 Subtítulo
- › **3. Título nível 2**
- › **4. Texto**
 - 4.1 Citações
 - 4.2 Referências bibliográficas
 - 4.2.1 Número das referências
 - 4.3 Legendas das figuras

O tipo de letra *Open Sans* foi a utilizada nos nomes dos artigos, títulos e subtítulos. Os primeiros, com uma variação *Extrabold*, têm um corpo de 22pts e entrelinha de 24pts. No caso destes possuírem subtítulo, utiliza-se um corpo de 10pts, entrelinha 12pts e variação *Bold*. Como complemento ao título, encontra-se o nome do autor e informações sobre o mesmo, possuindo ambas a fonte *Cambria*. O nome do autor, todo escrito em caixa alta, apresenta um corpo e entrelinha de 10pts. A restante informação contém a mesma entrelinha, mas possui um corpo mais pequeno, 7pts.

FIGURA 29
Hierarquia dos elementos,
Revista TPU
Investigadora, 2017



Para os títulos existentes no desenvolvimento do artigo distinguiram-se dois níveis diferentes, sendo que ambos são apresentados em caixa alta. Nos primeiros foi utilizada a variação *Extrabold* com corpo 12pts e entrelinha 14pts. Já no segundo nível, a variação passou para *Bold*, corpo 11pts e entrelinha 14pts. Se possuírem subtítulo, o corpo e a entrelinha têm 11pts e 14pts respetivamente.

No texto integral dos artigos, optou-se pela escolha de um *layout* com apenas uma coluna de texto. A ideia inicial seria utilizar duas colunas, contudo devido à utilização de margens largas, essas colunas ficariam demasiado estreitas, o que dificultaria a leitura. Assim, decidiu-se utilizar uma só coluna, não muito larga, para tornar a leitura mais confortável.

A fonte presente nos textos é a *Cambria*, na variação *Regular* com corpo de 10pts e 16pts de entrelinha. A opção por um corpo de 10pts deveu-se ao facto da altura *x* deste tipo de letra ser largo, conferindo um elevado nível de conforto em termos de leitura. Ou seja, na sua legibilidade um corpo de 10pts equipara-se a um copo maior, devido ao seu desenho altura *x* generosa.

título nível 1 —●

subtítulo —●

texto —●

6. EPÍLOGO

Como (...) Coisas Que Não Existem

No final de 2015, a 31ª Bienal de São Paulo viajou até ao cujo verbo foi deixado em aberto por forma a evocar as m das quais *as coisas que não existem* podem ser tornadas p brasileira propôs-se a usar a arte para expandir o leque ação e intervenção no mundo. No Museu de Serralves, a s

título nível 2 —●

4.1 O PÓRTICO - PORTA DA CIDADE

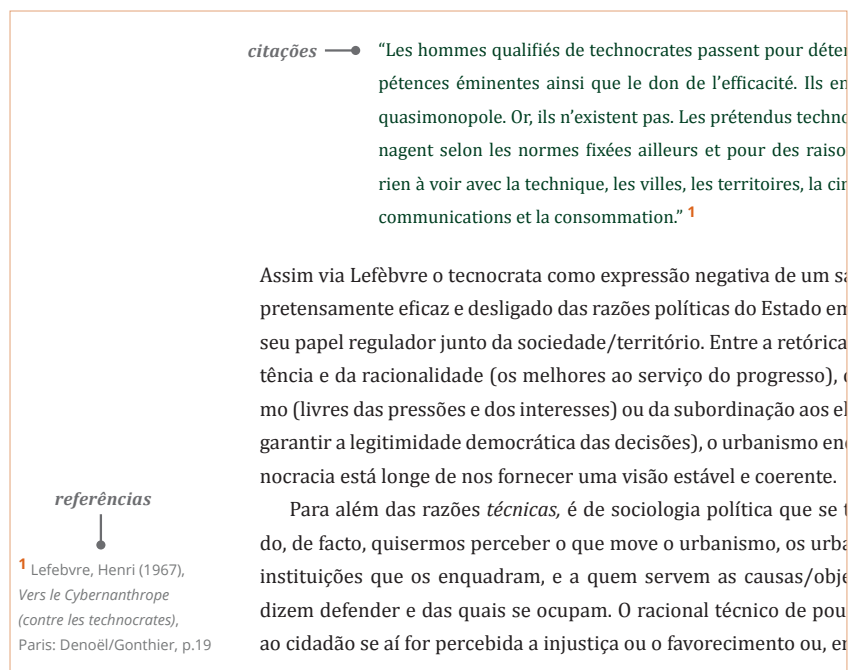
Qualquer lugar tem a dupla função de entrada e de saída. porque constitui um objectivo; lugar de peregrinação, d pular, ou comumente, lugar para abastecimento da popu modo, é signficante a função de lugar "ponto de partida" gada". Esta tensão entre forças centrípetas e centrífugas pórtico, tão claramente explorado por Leon Battista Albe

FIGURA 30
Hierarquia dos elementos,
Revista TPU
Investigadora, 2017

Ao longo dos artigos, encontram-se várias citações realizadas pelos autores. Optou-se por dar um certo destaque às mesmas, com o propósito de criar ritmo à página. Aqui, a fonte *Cambria*, é utilizada na variação *Regular* com corpo de 9pts e 16pts de entrelinha.

Todas estas citações fazem-se acompanhar por uma referência bibliográfica. Estas assumem na publicação um papel discreto, visto tratar-se de uma informação de apoio ao texto geral. Utilizou-se a fonte *Open Sans* na variação *Regular*, com corpo de 7pts e entrelinha de 12pts. As citações e as referências são todas elas numeradas, para esta numeração optou-se pela fonte *Open Sans* na variação *Bold* com 7pts e 12pts de corpo e entrelinha, respetivamente. Por fim, existe ainda ao longo dos artigos legendas das figuras apresentadas, a formatação deste elemento é feita com a fonte *Open Sans*, de corpo 9pts e de entrelinha 9pts.

FIGURA 31
Hierarquia
dos elementos, Revista TPU
Investigadora, 2017



Urbanismo como política pública

que mudanças de azimute?

CRISTINA CAVACO

Arquiteta | Professor Associado

CIAUD, Faculdade de Arquitectura, Universidade de Lisboa

1. INTRODUÇÃO

A história da cidade é tão antiga quanto a história da civilização. A emergência de uma ordem urbana ou proto-urbana está ela presente ao processo social de agrupamento e assentamento humanos, vez ligados ao advento da agricultura, do transporte e armazenamentos e outros bens, à capacidade do Homem se fixar, mas também mover o comércio e assim encontrar condições de sobrevivência (Lévy, 1961; Jacobs, 1969; OECD, 2015). À cidade e à sua história está também inerente uma lógica de poder. A regulação da ordem social, no espaço e tecido urbano, o seu reduto e expressão física e por excelência, o que tem levado diversos autores a refletirem sobre a sua tripla acepção de *urbs*, *polis* e *civitas* (cf. Cavaco, 2009: 22).

FIGURA 32

Entrada de artigo (1:1),

Revista TPU

Investigadora, 2017

Antes do início de cada artigo, em jeito de introdução, encontra-se o resumo e o *abstract*, ambos acompanhados pelas palavras-chave e *key-words*, respetivamente. Numa primeira abordagem, construiu-se um *layout* semelhante aos dos artigos, com apenas uma coluna. Acontece, que tal opção foi reformulada e transformou-se essa única coluna, em duas. Esta decisão foi tomada em prol de uma leitura menos monótona e cansativa e de forma a alcançar diferentes ritmos de leitura. Em relação ao uso da tipografia, encontram-se dois níveis de títulos, um com corpo 12pts e outro com 16pts, mas ambos com a mesma fonte, *Open Sans* na variação *Bold* e entrelinha 16pts.

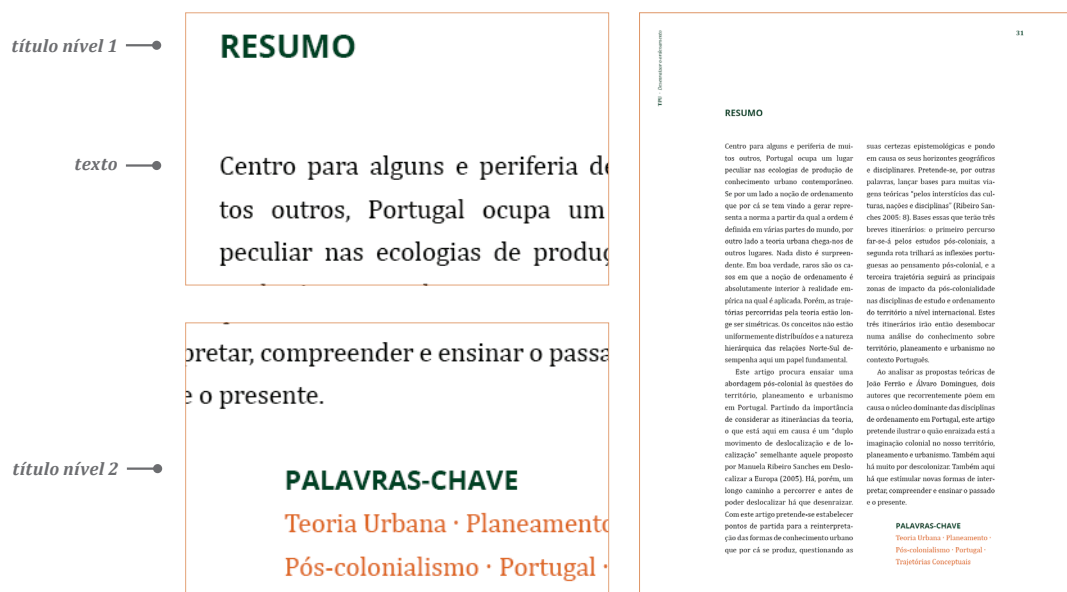


FIGURA 33

Hierarquia dos elementos,
Revista TPU

Investigadora, 2017

Estabilizadas as decisões, após vários exercícios de tentativa erro, seguiu-se a tarefa de localização dos elementos informativos de navegação. Diferentes foram as opções estudadas, sendo que numa primeira fase se escolheu aquela que parecia mais simples e funcional, a de colocar o número de página e o título corrente no cabeçalho. Todavia, uma vez analisada a revista no seu todo, sentiu-se que esta localização, apesar de prática, não era a que se adequava melhor à composição da página. Posto isto, e após várias experimentações alterou-se a posição do título corrente para a lateral esquerda da página. Esta rotação do texto acentua a verticalidade da página, conferindo um maior equilíbrio e harmonia entre elementos. Todos estes elementos, número de página e título corrente possuem a fonte *Cambria* com corpo 7pts.

FIGURA 34
Número de página e título
corrente - proposta
inicial, Revista TPU
Investigadora, 2017

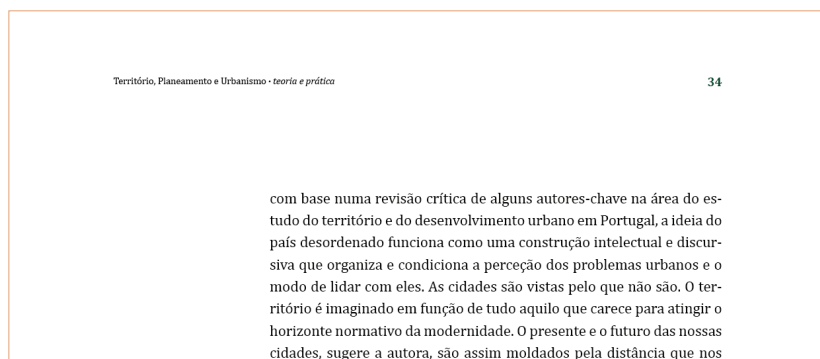
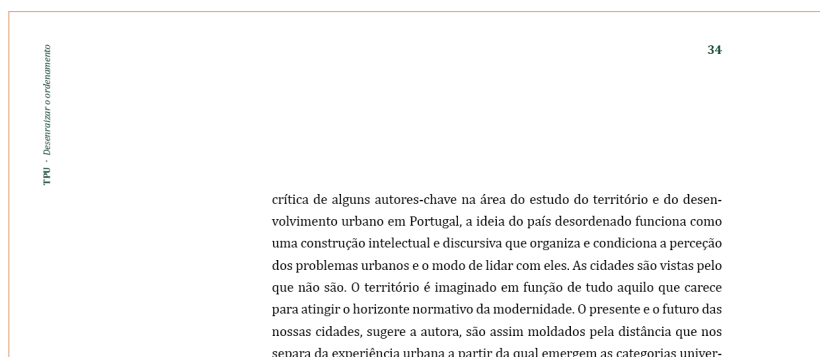


FIGURA 35
Número de página e título
corrente - proposta
final, Revista TPU
Investigadora, 2017



A ficha técnica localiza-se nas primeiras páginas da revista, mais precisamente na segunda página. Aqui, é apresentado o nome da publicação (logo), o conselho editorial, o conselho científico, os designers gráficos, o ISSN, o número e a data de publicação do exemplar. Toda a informação está disposta numa única coluna do lado esquerdo da página.

A apresentação de todos os profissionais que contribuíram para a realização da revista é exibida tipograficamente da seguinte forma: a designação do grupo de trabalho é disposta em caixa alta com a fonte *Open Sans* na variação *Extrabold*, tendo um corpo de 9pts e variação de 11pts; o nome dos autores possui a fonte *Cambria Regular*, e 9pts de corpo e entrelinha; a instituição a que pertence o autor, como está relacionado com a informação anterior, manteve-se a mesma variação e entrelinha, mas diminui-se o corpo para 7pts.

A informação relativa ao ISSN utilizou-se as duas fontes presentes na revista. A palavra “ISSN” é disposta em caixa alta e possui a fonte *Open Sans* na variação *Extrabold*, com corpo de 9pts e variação de 11pts, já no número em si é utilizada a fonte *Cambria* na variação *Regular*, e 9pts de corpo e entrelinha. Por fim, resta-nos o número de edição e data de publicação, o qual tem um corpo de 7pts, entrelinha de 9pts e exibido na fonte *Cambria*, variação *Regular*.

FIGURA 36
Hierarquia dos elementos,
Revista TPU
Investigadora, 2017



O índice é dos primeiros elementos a ser exibidos na publicação, localizando-se imediatamente a seguir à ficha técnica. O objetivo era construir um índice com uma estrutura simples, de leitura fácil e imediata. Foi, assim, dividido em dois grupos, um alusivo ao editorial e à nota introdutória e outro referente aos artigos da revista. Em relação ao primeiro grupo, para os títulos foi utilizada a fonte *Cambria* na variação *Bold Italic*, com corpo de 10pts e entrelinha de 8pts, sendo apresentados em caixa baixa. O nome do autor e respetiva função é composto pela mesma fonte *Cambria* na variação *Regular*, corpo de 8pts e entrelinha de 11pts. No segundo grupo, apresenta-se o nome do artigo em *Open Sans* variação *Bold*, corpo com 11pts e entrelinha de 15pts. Quando os artigos possuem subtítulos, estes são apresentados com um corpo de 8pts, entrelinha 10pts e fonte *Open Sans* na variação *Semibold*. O nome do autor, colocado em caixa alta, tem um corpo de 8pts, entrelinha de 12pts e a sua fonte é a *Cambria* na variação *Regular*.

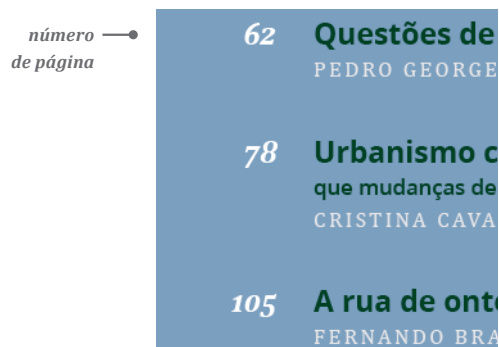
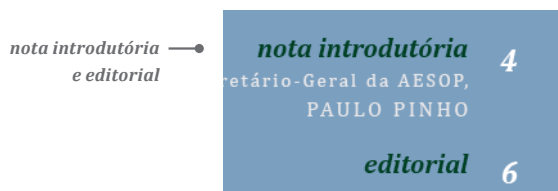


FIGURA 37
Hierarquia dos elementos,
Revista TPU
Investigadora, 2017



FIGURA 38
Hierarquia
dos elementos, Revista TPU
Investigadora, 2017

Analizados todos estes elementos de navegação, falta agora apresentar as páginas relativas à nota Introdutória e ao editorial. A nota introdutória, por um ser texto escrito na primeira pessoa, ou seja, mais pessoal, teria de ser trabalhado segundo essa linha. Posto isto, escolheu-se a fonte *Cambria* na variação *Italic*, de forma a dar alusão a um estilo manual e caligráfico. O corpo do texto possui 10pts e entrelinha de 16pts, tal como acontece em todos os outros textos, incluindo o editorial. Ambos os títulos, nota introdutória e editorial, estão escritos em caixa baixa, sendo utilizada a fonte *Cambria* na variação *Italic Bold* com um corpo de 19pts e entrelinha de 16pts.

título —

nota introdutória

texto —

*É sempre com grande prazer e
nova publicação periódica cieri
Urbanismo e, neste caso, em Po
este tipo de publicações é mani
certamente contribuir para col
atual. Ao nível internacional as*

nota introdutória

É sempre com grande prazer e expectativa que se assiste ao arranque de uma nova publicação periódica científica, no caso do Planeamento do Território e Urbanismo, a saber, em Portugal é o novo periódico, a saber, nacional este tipo de publicações e manifestamente enciosa, pelo que esta publicação vai certamente contribuir para valorizar uma clara linha do pensamento editorial atual, do nível internacional as publicações nacionais, com um caráter mais, digamos, não quer totalmente dominadas pelo Inglês inglês, desde os seus tempos, ainda com algum em papel, as mais recentes, obrigatoriamente excluindo o papel, há por este motivo a presença da palavra já seria de facto, mas garantiria ainda de distorcer valores que os valores muito positivos.

Desde logo, e especialmente no caso editorial de um conjunto muito alargado de investigadores e académicos das várias escolas portuguesas de Planeamento e Urbanismo, representadas na AEDUP - Associação Europeia de Cientistas do Planeamento. No entanto, a missão desta entidade e a sua função, impulsionada por uma iniciativa muito promissora desta associação, facilidade de valorizar o trabalho que a atual periodicidade encerra. Trata-se de uma iniciativa e disponibilidade de uma plataforma científica, partilhada por vários corpos editoriais nacionais, no âmbito de dar espaço e visibilidade à diversidade e à inovação, produzindo conteúdo científico nas várias áreas que concernem a este campo.

Entre todos, não só os vários pontos de vista se enriquecem a sociedade de conhecimento, como também, e sobretudo, a sua perspectiva crítica, se poderão garantir um conhecimento e a reflexão de AEDUP para além das fronteiras nacionais, como um em nome com particular e relevância no mundo lusófono.

A primeira das escolas portuguesas na AEDUP é de longa data, representando um ponto de partida de 80 de anos, quando, através da sua rede, se criou a Fundação da política municipal que, recordo, teve lugar em Darmstadt, em 1987, no caso da primeira edição. Desde então, a primeira portuguesa tem a sua história e história significativas, sendo mesmo das mais representativas de entre as várias escolas, se observarmos os vários entre a elevada natureza de mundo português (7 milhões de alunos, 2 milhões de alunos) e a dimensão relativa de Portugal no espaço europeu.

título —

editorial

texto —

Numa iniciativa inédita, um conjunto de investigadores e académicos de várias escolas portuguesas de Planeamento e Urbanismo, representadas na AEDUP - Associação Europeia de Cientistas do Planeamento e Urbanismo, e, neste caso, em Portugal, este tipo de publicações e manifestamente enciosa, pelo que esta publicação vai certamente contribuir para valorizar uma clara linha do pensamento editorial atual, do nível internacional as publicações nacionais, com um caráter mais, digamos, não quer totalmente dominadas pelo Inglês inglês, desde os seus tempos, ainda com algum em papel, as mais recentes, obrigatoriamente excluindo o papel, há por este motivo a presença da palavra já seria de facto, mas garantiria ainda de distorcer valores que os valores muito positivos.

editorial

Numa iniciativa inédita, um conjunto de investigadores e académicos de várias escolas portuguesas de Planeamento e Urbanismo, representadas na AEDUP - Associação Europeia de Cientistas do Planeamento e Urbanismo, e, neste caso, em Portugal, este tipo de publicações e manifestamente enciosa, pelo que esta publicação vai certamente contribuir para valorizar uma clara linha do pensamento editorial atual, do nível internacional as publicações nacionais, com um caráter mais, digamos, não quer totalmente dominadas pelo Inglês inglês, desde os seus tempos, ainda com algum em papel, as mais recentes, obrigatoriamente excluindo o papel, há por este motivo a presença da palavra já seria de facto, mas garantiria ainda de distorcer valores que os valores muito positivos.

Entre todos, não só os vários pontos de vista se enriquecem a sociedade de conhecimento, como também, e sobretudo, a sua perspectiva crítica, se poderão garantir um conhecimento e a reflexão de AEDUP para além das fronteiras nacionais, como um em nome com particular e relevância no mundo lusófono.

A primeira das escolas portuguesas na AEDUP é de longa data, representando um ponto de partida de 80 de anos, quando, através da sua rede, se criou a Fundação da política municipal que, recordo, teve lugar em Darmstadt, em 1987, no caso da primeira edição. Desde então, a primeira portuguesa tem a sua história e história significativas, sendo mesmo das mais representativas de entre as várias escolas, se observarmos os vários entre a elevada natureza de mundo português (7 milhões de alunos, 2 milhões de alunos) e a dimensão relativa de Portugal no espaço europeu.

Entre todos, não só os vários pontos de vista se enriquecem a sociedade de conhecimento, como também, e sobretudo, a sua perspectiva crítica, se poderão garantir um conhecimento e a reflexão de AEDUP para além das fronteiras nacionais, como um em nome com particular e relevância no mundo lusófono.

Entre todos, não só os vários pontos de vista se enriquecem a sociedade de conhecimento, como também, e sobretudo, a sua perspectiva crítica, se poderão garantir um conhecimento e a reflexão de AEDUP para além das fronteiras nacionais, como um em nome com particular e relevância no mundo lusófono.

Entre todos, não só os vários pontos de vista se enriquecem a sociedade de conhecimento, como também, e sobretudo, a sua perspectiva crítica, se poderão garantir um conhecimento e a reflexão de AEDUP para além das fronteiras nacionais, como um em nome com particular e relevância no mundo lusófono.

Entre todos, não só os vários pontos de vista se enriquecem a sociedade de conhecimento, como também, e sobretudo, a sua perspectiva crítica, se poderão garantir um conhecimento e a reflexão de AEDUP para além das fronteiras nacionais, como um em nome com particular e relevância no mundo lusófono.

Entre todos, não só os vários pontos de vista se enriquecem a sociedade de conhecimento, como também, e sobretudo, a sua perspectiva crítica, se poderão garantir um conhecimento e a reflexão de AEDUP para além das fronteiras nacionais, como um em nome com particular e relevância no mundo lusófono.

Todas estas opções foram tomadas após um enorme exercício de tentativa erro, tendo sido avaliados fatores como a legibilidade e hierarquia das famílias tipográficas. A hierarquia tipográfica assume um papel importantíssimo, uma vez que é ela que ajuda o leitor a localizar-se no texto. Assim, de modo a guiar o leitor pelas páginas da publicação e marcar de modo evidentes os vários níveis de informação existentes, utilizou-se um tipo de letra para os títulos (*Open Sans*) e outra para o texto (*Cambria*). Esta diferenciação dos elementos cria uma maior facilidade da leitura. É possível concluir que as decisões realizadas no que diz respeito à tipografia respeitam aquilo que Bringhurst (2005) defende: deverá cativar o leitor, revelar o seu caráter e significado, tornar clara a ordem estrutural do texto; ligar o texto a outros elementos informativos e conduzir o leitor numa publicação.

Marca Gráfica

O êxito de um sistema de Identidade Visual Corporativa deve-se à coerência existente entre o mesmo e os valores corporativos expressos na missão e posicionamento. Desta forma, e segundo afirma Raposo (2008), o discurso visual deverá adaptar-se a estes elementos.

Uma vez estipulados os objetivos e missão da publicação científica definiu-se a personalidade da marca. Esta foi constituída com base na visão e princípios da revista e aliada aos seus valores funcionais e emocionais. Segundo a escala de personalidade da marca definida por Jennifer Aaker, onde são apresentados vários tipos de caráter (sinceridade, entusiasmo, competência, robustez) definiu-se a personalidade da revista TPU:

- › Bem-sucedida
- › Fidedigna
- › Séria
- › Inteligente
- › Cativante
- › Harmoniosa
- › Moderna

Para Kapferer (2008), um especialista na área do *Branding*, a identidade da marca deve ser representada por um prisma hexagonal. Segundo o autor, a criação de uma identidade bem estruturada é obtida através da interligação entre a personalidade, cultura, mentalização, físico relação e reflexo. Tais elementos revelam os aspetos incorporados dentro da própria marca e aspetos sociais, ou seja, a visão externa. Assim sendo, as seis faces existentes no prisma são as seguintes:

- › Físico – especificidades e qualidades físicas da marca (características objetivas ou emergentes)
- › Personalidade – carácter da marca (revela o tipo de pessoa que seria caso fosse humano)
- › Cultura – conjunto de valores e princípios que comandam a marca nos seus sinais externos (produtos e comunicação)
- › Relação – dimensão social, relação
- › Reflexo – forma como a marca é compreendida pelo consumidor
- › Mentalização – espelho interno dos consumidores, refletindo aquilo que sentem em relação à marca

Com o objetivo de desenvolver uma identidade estruturada e consistente foi construído um prisma de identidade baseado no prisma hexagonal de Kapferer. Este pode ser observado na FIGURA 39.

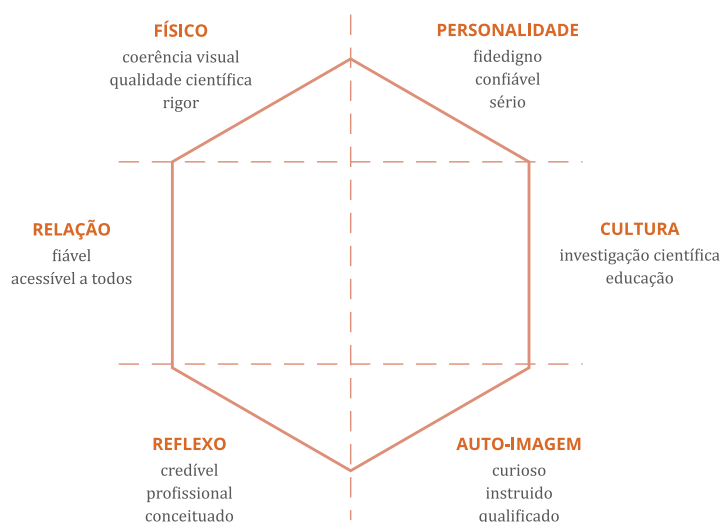


FIGURA 39
Prisma de Identidade
– Revista TPU
Adaptado de Kapferer
(2008, p.43)

FIGURA 40
Imagem Robot
da Marca TPU
Investigadora, 2017

Seguiu-se a construção da imagem de marca pretendida para a revista TPU (FIGURA 40), tendo sido produzida com o objetivo de representar visualmente o carácter e estilo de publicação, o público-alvo, a mensagem, o meio onde se insere, entre outros.



Foram selecionadas imagens referentes à área do urbanismo e da investigação científica, os dois grandes meios envolventes onde se insere a publicação. Essencial foi pensar em formas e elementos que dessem alusão às áreas em questão. No que diz respeito ao urbanismo recolheram-se mapas e plantas que remetem para a ideia de projeto, planeamento urbano e construção. Por sua vez, para a área da ciência optou-se pelas moléculas, como forma de representar o conhecimento e o progresso científico.

Pretendeu-se juntar numa só marca os seguintes valores: Progresso (valor fundamental a transmitir visto tratarmos de uma revista científica cuja missão é difundir o conhecimento); Construção e Planeamento (valor associado às tarefas e funções do urbanista de cidade e tráfego, os quais se dedicam a estudar e conceber planos e modelos que visam o ordenamento do território e planeamento físico, espacial, ambiental, urbano e rural); Multidisciplinaridade (pelo modo como num mesmo projeto estão envolvidas identidades de diferentes sectores e pelo fato do Urbanismo se relacionar com diferentes ramos da ciência); Integridade (essencial será transmitir uma mensagem clara e rigorosa, conferindo à publicação um aspecto credível e confiável).

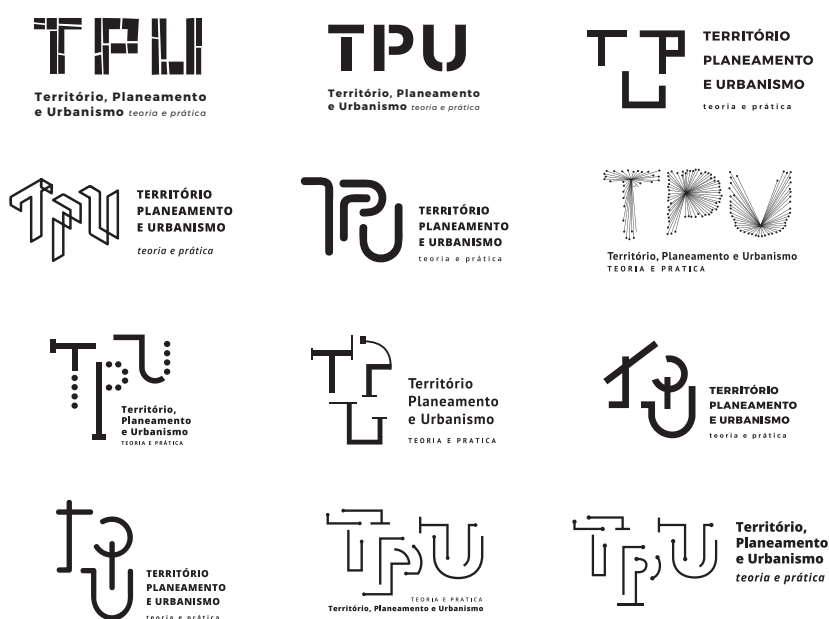


FIGURA 41
Esboços, Marca gráfica TPU

Investigadora, 2017

Estipulados os valores da publicação, e obtida total liberdade criativa por parte dos coordenadores do projeto, procedeu-se ao desenvolvimento de uma imagem que relacionasse todos esses princípios, tal como as formas anteriormente selecionadas: mapas, plantas e moléculas.

Após realizados os primeiros esboços (FIGURA 41) para a marca gráfica e desenvolvida uma primeira proposta que cumpria os requisitos estipulados (FIGURA 42), surgiu uma nova ideia (FIGURA 43) para a representação da marca. Tal ideia ocorreu segundo uma tentativa de representar a analogia entre a ação de projetar, planejar e reordenar cidades com a relação entre o espaço cheio e vazio. Ou seja, ao projetar-se algo novo, o que acontece é que estamos a preencher um espaço desocupado (vazio) com matéria (cheio). Além disso, a cidade está repleta de espaços habitados (cheios) e desabitados (vazios), os quais necessitam de ser planificados e organizados. A par desta lógica “cheio” e “vazio”, a construção do logo foi também inspirada segundo os mapas das cidades, já referidos anteriormente.

As duas propostas desenvolvidas foram apresentadas numa reunião onde estavam presentes todos os membros do conselho editorial. A escolha realizada segundo votos, acabou por recair sobre a segunda proposta, pelo fato de possuir um símbolo mais forte e marcante.

FIGURA 42
Proposta 1,
Marca gráfica TPU
Investigadora, 2017

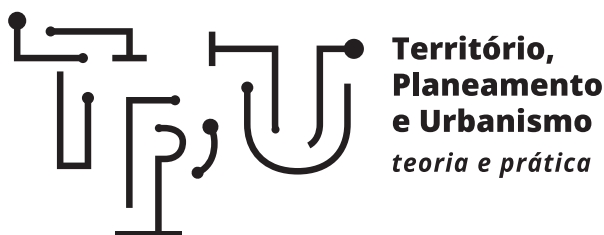


FIGURA 43
Proposta 2,
Marca gráfica TPU
Investigadora, 2017



Após a seleção apercebeu-se que seria necessário simplificar o símbolo, de forma a melhorar a leitura do acrónimo TPU. Houve assim a necessidade de manipular as formas e contraformas das letras, uma vez que estas influenciam o modo de articulação das palavras, determinando a facilidade de leitura do texto.



FIGURA 44
Evolução, Marca gráfica TPU
Investigadora, 2017

Uma vez afinado o símbolo voltou também a aperfeiçoar-se a sua conjugação com o logótipo, com o intuito de formarem um conjunto coeso e harmonioso. De facto a opção em que o símbolo se encontra à esquerda do logótipo é a composição que transmite maior harmonia e equilíbrio entre os elementos.



FIGURA 45
Estudo de conjugações
entre símbolo e logótipo,
Marca gráfica TPU
Investigadora, 2017

Mediante a seleção de cores efetuada anteriormente (cores escolhidas para a integrarem a publicação), selecionou-se o verde para a marca gráfica. Esta cor desempenha um papel fundamental no logo, devendo por isso ser reproduzida o mais fiel possível. O verde possui uma conotação positiva, estando associado usualmente à ideia de natureza, crescimento e renovação. Tais noções vão ao encontro com os valores estipulados para a revista, nomeadamente os de construção e planeamento. Um motivo importante que influenciou a escolha prendeu-se com o facto do logo “viver” do seu contraste entre forma e contra forma. Essencial seria obter um bom contraste que favorecesse a nitidez de contornos diferenciando a figura do fundo, assim apenas tons mais escuros e saturados se adaptariam a uma marca gráfica com tais características.

FIGURA 46
Cor, Marca gráfica TPU
Investigadora, 2017



cor directa	quadricromia	RGB	web hex
Pantone 3435 C	C100 M50 Y100 K50	R0 G64 B35	004022

A última etapa deste processo destinou-se à apresentação da marca gráfica final à coordenadora da revista e respetivo conselho editorial. O logo foi aprovado por considerarem que cumpria os objetivos da comunicação da revista, representando os valores da marca e de todos os que nela trabalham. Esta aprovação e validação por parte da equipa editorial foi de extrema importância, pois simboliza que o projeto possui credibilidade e que atingiu os objetivos idealizados.

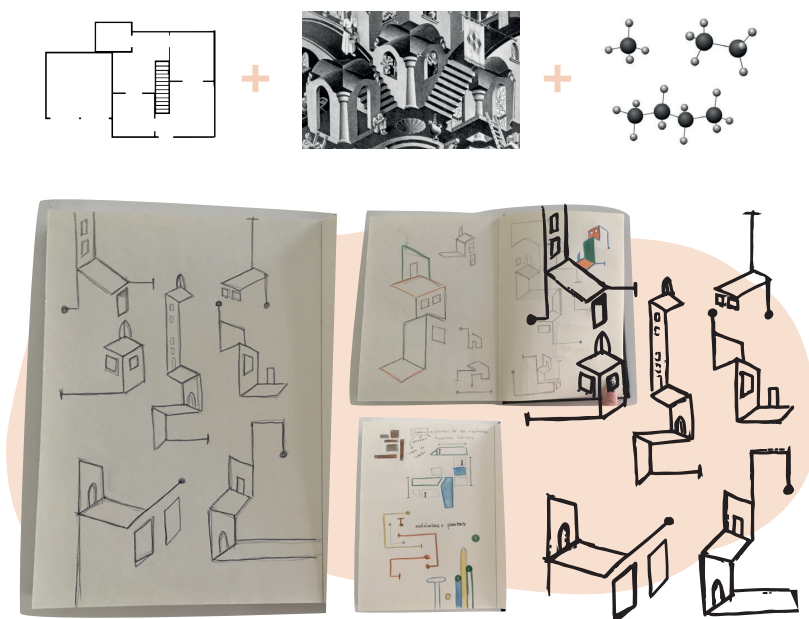
Imagens

Ao longo do projeto editorial é possível distinguir dois tipos de imagens: a ilustrativa (ilustrações realizadas pela mestrande) e a fotográfica (fotografias cedidas pelos autores dos artigos). Tendo em conta que as imagens fazem parte dos elementos visuais da revista, estas necessitam de ir ao encontro do carácter da mesma.

Partindo dos valores já estipulados (progresso, construção e planeamento, integridade e multidisciplinaridade) foram desenvolvidos uma série de esboços à mão (FIGURA 47), de forma a desenvolver uma linguagem e criar uma identidade para a revista.

No que diz respeito às ilustrações, estas conseguem moldar-se a todos os assuntos, permitindo criar uma interpretação muito própria, o que facilita a comunicação da publicação. Essencial foi definir formas que representassem graficamente os seus valores, tendo sido seleccionadas as seguintes: mapas e plantas arquitectónicas – conectadas com o conceito de construção e ordenamento do território; moléculas – associadas à ideia de progresso da ciência e transmissão de conhecimento.

FIGURA 47
Ilustrações - primeiros
esboços, Revista TPU
Investigadora, 2017



Aliadas a estas formas, surgiu o pensamento de criar ilustrações com diferentes ângulos e perspectivas, de forma a representar o valor da multidisciplinaridade. Ou seja, as diferentes perspectivas simbolizam as várias disciplinas que dialogam e se relacionam com o Urbanismo. Elaborou-se uma série de ilustrações distintas no programa *Adode Illustrator*, pensadas não só para serem inseridas na capa do número atual, assim como em futuras edições e peças promocionais da revista (site, cartaz, assinatura de e-mail, entre outros)

Uma vez criada uma linguagem própria e distinta para as ilustrações é possível criar um vasto número de composições diferentes seguindo uma mesma linha de pensamento. Tal contribuirá para a coerência gráfica da publicação, atribuindo-lhe um cunho de singularidade.

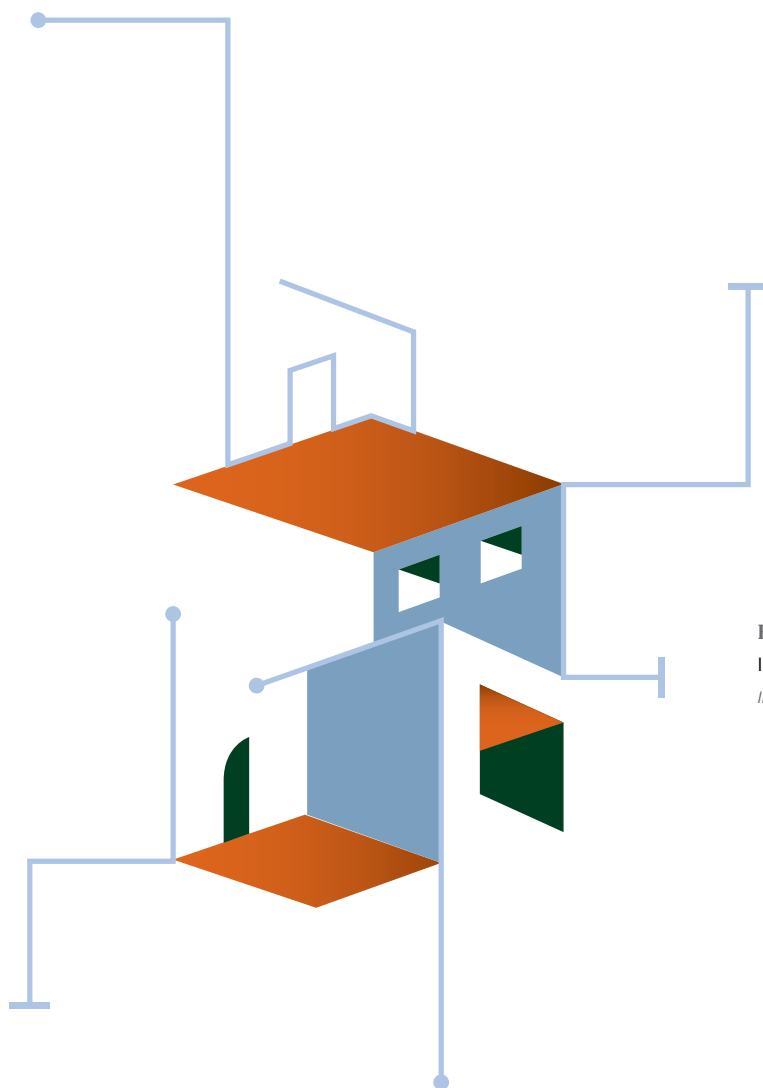
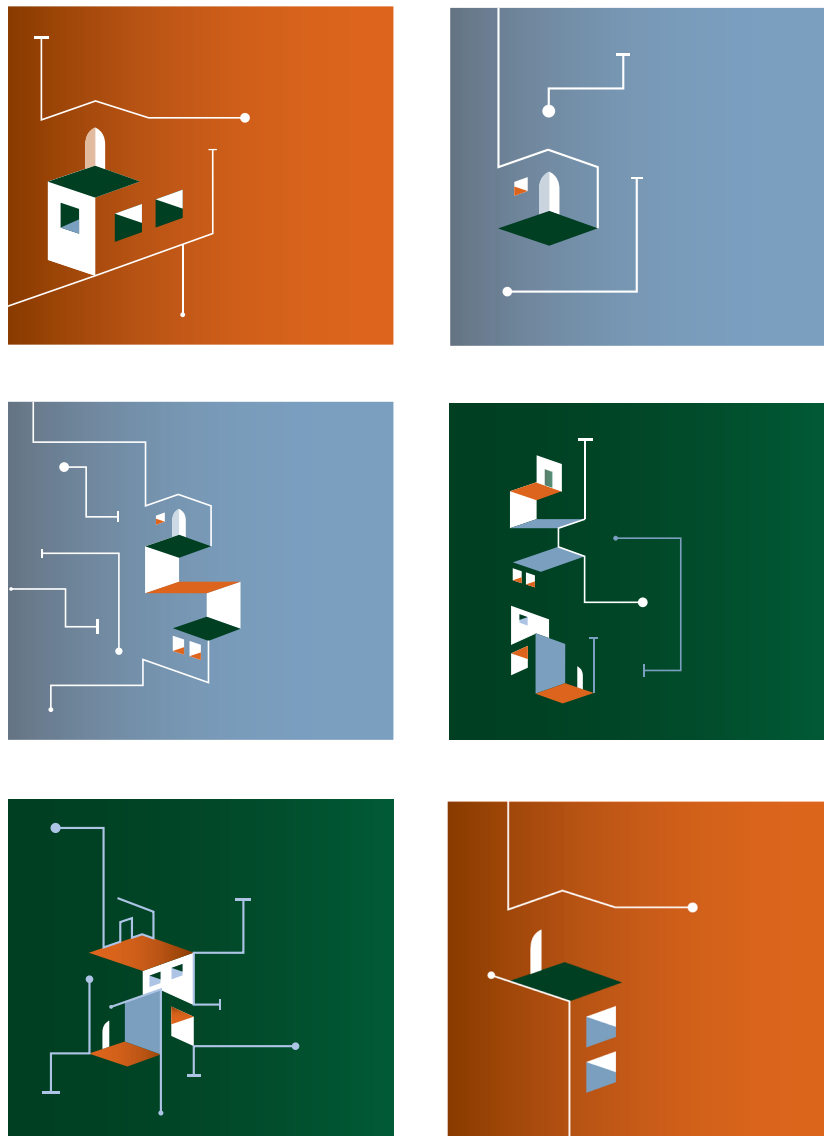


FIGURA 48
Ilustração, Revista TPU
Investigadora, 2017



FIGURA 49

Ilustrações, Revista TPU

Investigadora, 2017

No que diz respeito às imagens fotográficas, estas sofreram alguns ajustes, com o intuito de melhorar a sua qualidade. Através do programa *Adobe Photoshop* corrigiu-se luminosidade e contraste e aplicou-se um filtro de cor verde. O objetivo da aplicação de um filtro de cor, em todas as fotos, passou por conferir uma coerência visual entre as mesmas, assim como uma tentativa de “disfarçar” a má resolução das mesmas.

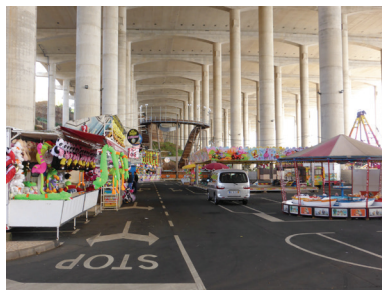


FIGURA 50
Fotografias originais,
Revista TPU

Investigadora, 2017

FIGURA 51
Fotografia após tratamento,
Revista TPU

Investigadora, 2017



Figura 1 | Atividade na rua, informal, Calcutá. Fonte: arquivo do autor.

Esta afirmação é também apoiada por outros pesquisadores que analisaram e compararam ruas em cidades asiáticas e ocidentais, tendo o estudo demonstrado que no processo originalmente designado por “place-making” as atividades da rua e o seu desenho são igualmente importantes (Mateo-Babiano I. & Leda, H. 2005; Edensor, 1989; Fernando 2007; Shuhana & Bashri, 2002). Neste sentido, o desenho da rua precisa de incorporar ambos – o desenho da forma e as atividades.

»

FIGURA 52

Composição de uma página com fotografia, Revista TPU

Investigadora, 2017

Capa e contra-capas

A coerência visual é um aspecto importante de qualquer publicação periódica, não só dentro de cada número, como de número para número. Pretende-se assim, desenvolver uma linguagem clara e cuidada, mantendo a harmonia ao longo dos números da revista.

Com o objetivo de garantir esta continuidade e de criar uma imagem identificável pelo público, o logo da revista será inserido sempre na mesma posição, constituindo-se como uma das suas principais características identificativas.

A capa é o primeiro elemento captado pelo leitor, logo deverá, de forma direta, espelhar o seu caráter. Aqui é possível encontrar elementos como: o logo, o número de edição, a data e o ISSN (ainda por atribuir). Pretende-se que estes elementos sejam constantes, facilmente compreensíveis e coerentes ao longo dos números. Além dos elementos informativos possui uma ilustração alusiva à matéria da revista. Os números futuros possuirão a mesma composição de capa, tendo sido já realizado ilustrações para incorporar nas próximas edições.

Na contracapa encontra-se o logo, o ISSN da revista e uma pequena ilustração. Desenvolvida conforme a linguagem construída anteriormente, esta ilustra uma janela, com o intuito de fazer uma alusão para o número seguinte, como se o leitor pudesse espreitar para a próxima edição.

FIGURA 53
Capa e contra-capas,
Revista TPU
Investigadora, 2017

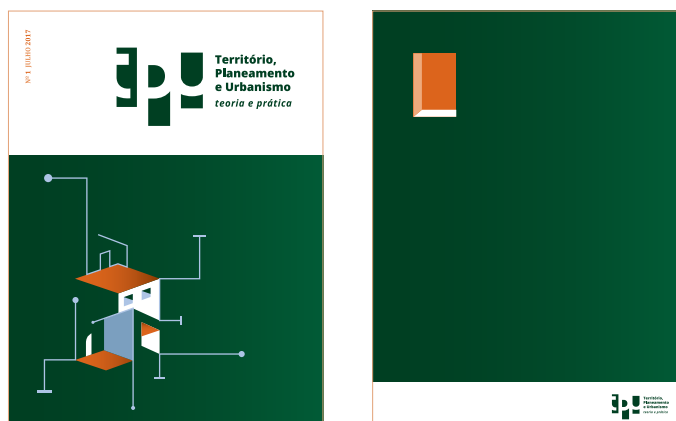


FIGURA 54
Futuras edições,
Revista TPU
Investigadora, 2017



7.4.1. Ativação da Marca

A identidade da revista TPU procura traduzir a investigação no âmbito do urbanismo. Uma vez constituída a imagem da revista, pretendeu-se criar estratégias que dinamizem e contribua para a sua promoção, desenvolvendo consequentemente reconhecimento por parte do público, como um projeto autónomo e singular.

O desenvolvimento de um *website* para a revista foi visto como um meio para disponibilizar e divulgar a informação de uma forma mais qualificada e apelativa. A produção deste elemento foi solicitada pela coordenadora de estágio em prol de uma melhor comunicação da publicação e como um suporte de repositório digital.

Deste modo, em vez de se criar um site que funcionasse meramente como um repositório, optou-se por desenvolver algo mais interessante que promovesse a publicação, convidando os seus utilizadores a conhecerem melhor o seu meio envolvente e tentando fidelizá-los.

Segundo estes fatores delinearam-se os seguintes objetivos:

- › Disponibilização de todo o conteúdo da revista (artigos colocados na íntegra e acessível a todos os utilizadores)
- › Transmissão da sua história e missão (intenção de criar uma relação de proximidade com o utilizador)
- › Apresentação da sua equipa editorial e científica (atribuir credibilidade e qualidade à revista ao mostrar os nomes dos profissionais e investigadores envolvidos no projeto)
- › Atualização de notícias referentes à revista (tentativa de imprimir um maior dinamismo, tornando o site mais versátil)
- › Simplicidade da sua utilização, website prático e intuitivo (objetivo de tornar a navegação fluída e direta)

sobre conselho editorial conselho científico publicações notícias



FIGURA 55

Barra de menus,
website TPU

Investigadora, 2017

Neste sentido, a organização do *website* assentou nas seguintes categorias:

- › Sobre – seção onde se disponibiliza o propósito, intenção e história da publicação.
- › Conselho editorial – apresentação dos nomes da equipa do conselho editorial.
- › Conselho científico – apresentação dos nomes pertencentes ao conselho científico.
- › Publicações – disponibilização da revista (integral e por seções –artigos).
- › Notícias – divulgação das principais notícias no âmbito da investigação em urbanismo (atividades, eventos, conferências, entre outros), assim como indicar as datas importantes de submissão.

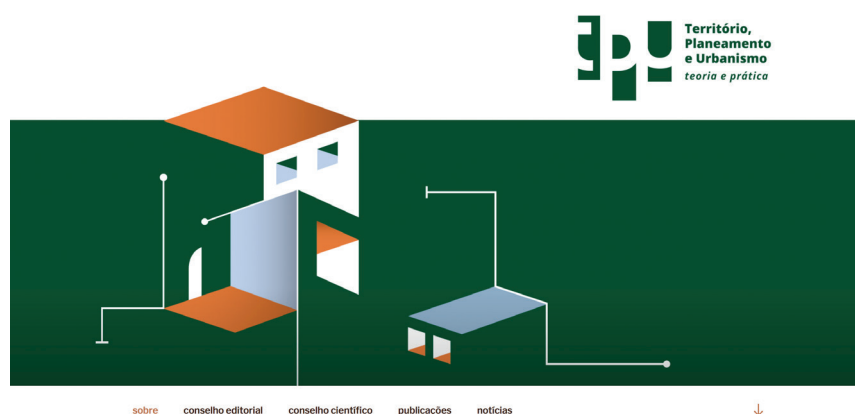


FIGURA 56

Página inicial, *website* TPU

Investigadora, 2017



FIGURA 57

Página "sobre", website TPU

Investigadora, 2017

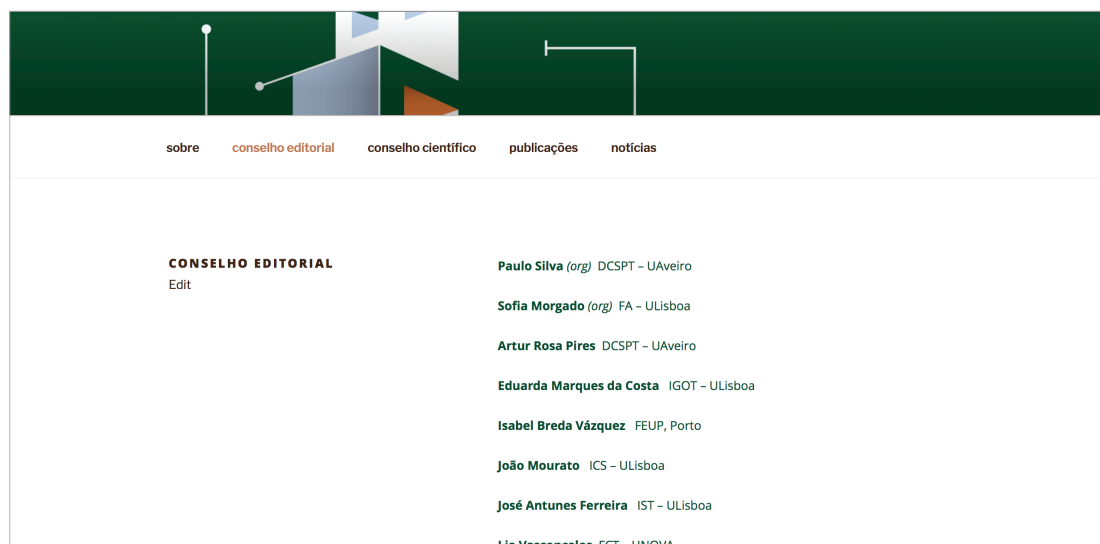


FIGURA 58

Página "conselho editorial",
website TPU

Investigadora, 2017



FIGURA 59
Página "publicações",
website TPU
Investigadora, 2017

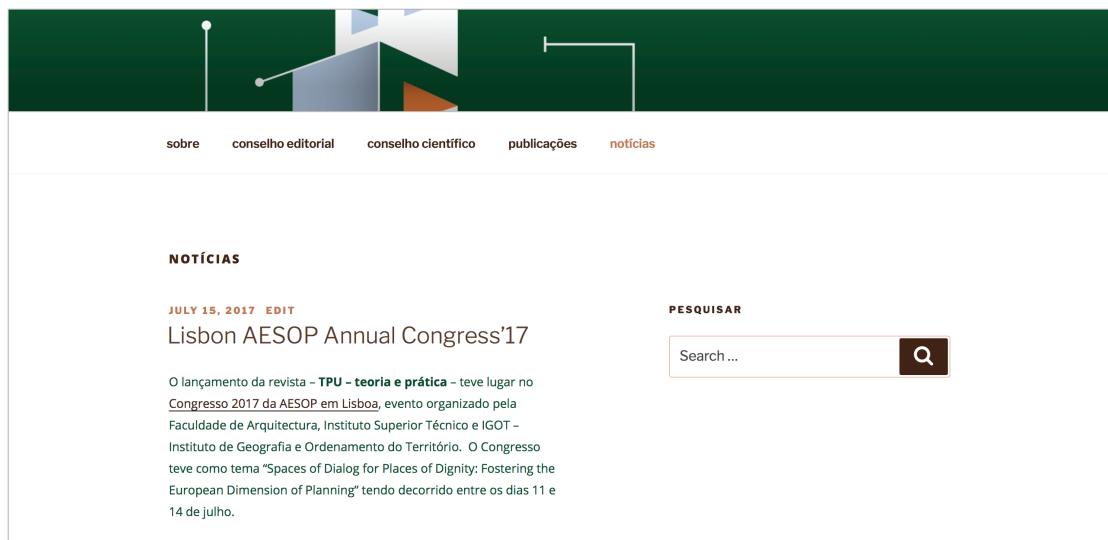


FIGURA 60
Página "notícias",
website TPU
Investigadora, 2017

A simplicidade é a palavra de ordem, ou seja, o elemento base de toda a estrutura. Permite ao utilizador chegar à informação pretendida de uma forma rápida e direta. A navegação deverá ser fluida, de forma a evitar que o utilizador se desoriente. O *site* foi desenhado através da plataforma *Wordpress*, tendo sido construído segundo os valores e conceito presentes na identidade da revista.

O *Wordpress* é uma plataforma de sistema de gestão de conteúdo para a *web*, programado em PHP (Hypertext Preprocessor) com base de dados MySQL (sistema de gestão de base de dados). Este é um software de acesso livre, possuindo uma licença sem fins lucrativos. A sua utilização visa na sua maioria a criação de *sites* e *blogs*, sendo muito adotado por aqueles que pretendem desenvolver um site no âmbito profissional. Tal deve-se à sua capacidade de extensão através de *plug-ins*, temas e programação PHP.

Em prol da criação do *website*, existiu a necessidade da mestranda possuir formação na área do *Wordpress*. Foram ensinadas tarefas como: a instalação da plataforma, a criação de *posts*, páginas e *Plug-ins*, a customização de temas, entre outros diversos recursos essenciais.

No que diz respeito à estrutura do *website* desenvolvido, o utilizador toma contato com uma primeira página onde é apresentado o logo, uma ilustração e a barra de menu. O menu situado abaixo dos restantes elementos acompanha o utilizar durante o movimento de *scroll*, facilitando a navegação no *site*. De um modo rápido e intuitivo, o utilizador ao pressionar nos botões do menu é direcionado para a página pretendida. Houve a necessidade de instalar dois *Plug-ins*: o WPPDF (utilizado na página publicações” com o intuito de criar um *flipbook*, exibindo as páginas da revista como se tratasse um objeto real) e o *Lightbox Gallery* (utilizado na página “notícias” no post “*Lisbon AESOP Annual Congress’17*”, com o objetivo de criar uma galeria de imagens)

Em suma foi criado um *website* simples, mas preciso e objetivo. Acessível a todos os utilizadores e onde é possível obter quaisquer informações sobre a revista TPU.

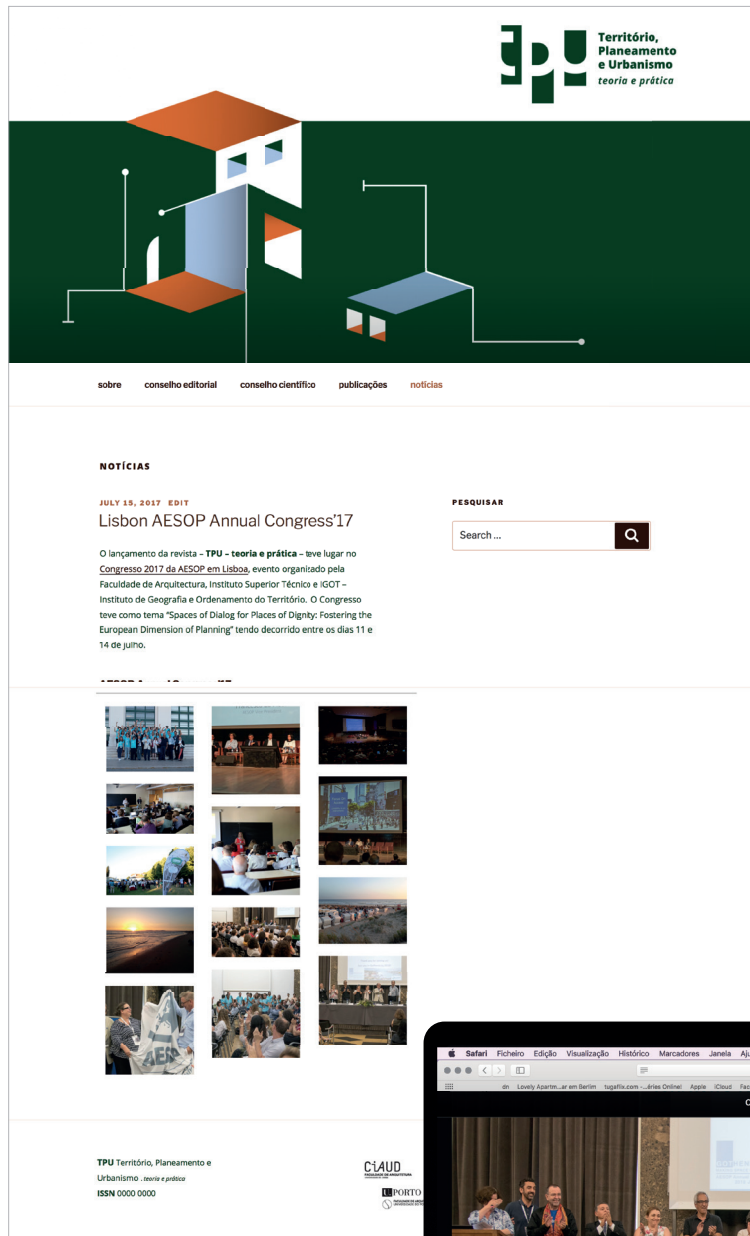


FIGURA 61
 Página "notícias",
 website TPU
Investigadora, 2017

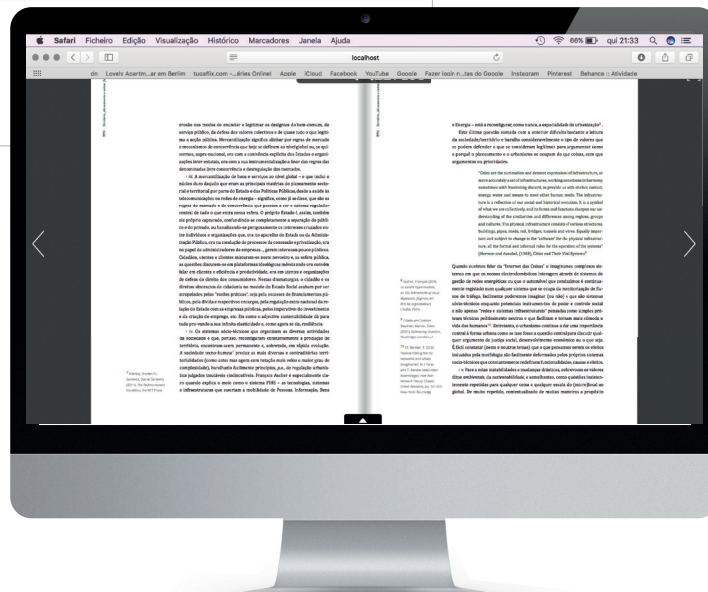




FIGURA 62

Página "publicações",
website TPU

Investigadora, 2017



A par deste elemento de divulgação e ativação da revista, foram desenvolvidos um cartaz para o seu lançamento, uma assinatura de *e-mail* e um manual de normas gráficas (essencial para manter a coerência e estabelecer regras gráficas que devem ser cumpridas). Todos os elementos foram desenvolvidos segundo uma mesma linha, conferindo singularidade e personalidade à marca.

FIGURA 63

Cartaz e assinatura
de *e-mail**Investigadora, 2017*

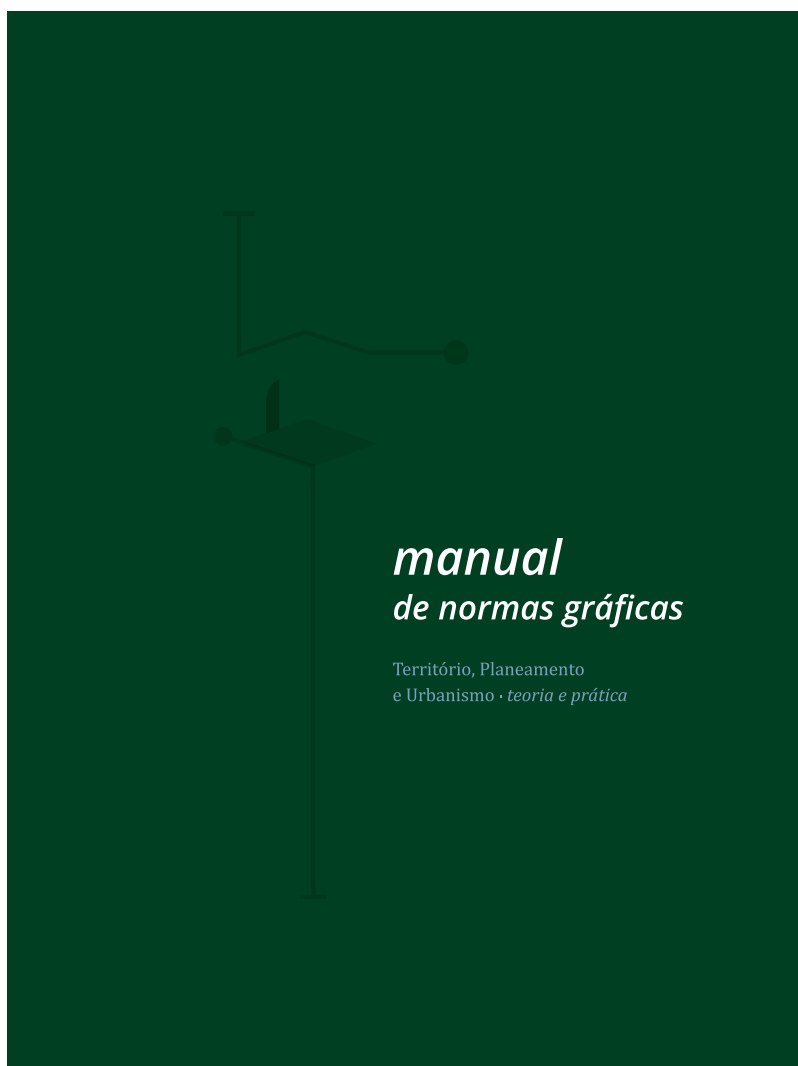




FIGURA 64
Manual de Normas Gráficas
Investigadora, 2017



8. CONCLUSÃO

8.1. Conclusões e Considerações Finais

8.2. Recomendações

8. CONCLUSÃO

8.1. Conclusões e Considerações Finais

O desenvolvimento desta investigação, assente na realização de um estágio profissional, conduziu ao aprofundamento dos conhecimentos da investigadora em duas áreas disciplinares: o design editorial e o urbanismo. No que diz respeito ao âmbito do design editorial, esta pressupôs o envolvimento de diferentes áreas, como o design de identidade e o design de interfaces.

A proposta de atividades de estágio consistiu na realização de um projeto editorial de revista digital, a **TPU: Território, Planeamento e Urbanismo - teoria e prática**. O processo criativo subjacente a um projeto foi posto à prova: a pesquisa, a estruturação de conceitos, a realização de reuniões para expor ideias e o cumprimento de prazos estipulados.

A revista aborda o tema do urbanismo, expondo artigos científicos sobre o território e planeamento urbano. A importância do projeto visa promover a investigação, aproximando diferentes comunidades científicas e profissionais e por sua vez disseminar o urbanismo em Portugal. Esta é uma disciplina que necessita, atualmente, de ser promovida e valorizada entre sociedade. A nível nacional, este tipo de publicações é raro, logo a revista TPU vem contribuir para colmatar esta lacuna no panorama editorial atual.

Consideraram-se certos aspetos importantes para o desenvolvimento de futuras revistas científicas, os quais deverão ser tidos

em conta aquando da criação de uma revista deste tipo. De forma a criar um projeto de sucesso editorial de cariz científico é necessário agregar um conselho editorial e científico de prestígio, multidisciplinar e capaz de reunir, selecionar, tratar e valorizar todo o material temático. Um ponto a ter em consideração, relaciona-se com o facto de que a permanente atualização e tratamento do conteúdo investigativo necessita de tempo e cuidado. Deve-se, deste modo, constituir uma equipa coesa que trabalhe em rede. Além disso, um fator importante que influencia a disseminação de uma publicação diz respeito à disponibilização do conteúdo num repositório digital em acesso livre (*open access*).

Podemos afirmar que o design de comunicação assume um papel importante na divulgação do conhecimento científico, pelo facto de poder contribuir com projetos editoriais que contribuem e valorizam a investigação.

A construção de um projeto editorial de prestígio e qualidade pressupõe a utilização adequada dos elementos textuais e gráficos. A coerência gráfica e linguagem adequada à identidade e aos objetivos da revista são fatores importantíssimos que consolidam o aspeto da mesma, conferindo-lhe credibilidade. A criação de uma identidade própria é bastante valorizada, uma vez que constrói consciência, aumenta o reconhecimento, comunica e, além disso, expressa uma diferença competitiva.

O designer deverá assumir uma estratégia adequada, dando a expressividade necessária para atrair os leitores. Essencial será construir um produto bem paginado, tendo para isso de trabalhar com diferentes elementos: grelhas, tipografia, hierarquia, cores, imagens, entre outros elementos importantes. Estes elementos, uma vez conjugados, ajudam a publicação a contar uma história, atribuindo-lhe um tom e conceito. Outro fator relevante está relacionado com o rápido avanço tecnológico, sendo que o designer deverá estar sempre a par das últimas tecnologias, atualizando constantemente as suas habilidades digitais.

Realizando um balanço em termos de trabalho desenvolvido, é possível afirmar que o projeto da revista TPU, concebido no contexto de estágio profissional foi, sem dúvida, uma mais valia tanto a nível

pessoal como profissional. A experiência e conhecimento do grupo de investigação no âmbito do urbanismo contribuíram para a produção de uma revista credível e coerente, que pode ser tomada como uma referência para as publicações científicas em Portugal.

8.2. Recomendações

Para futuras investigações relacionadas com a área do design editorial, nomeadamente as revistas científicas, foram considerados alguns aspetos que poderão ainda ser investigados e explorados.

Pelo fato da revista estar condicionada ao formato PDF e possuir determinadas regras que não poderiam ser quebradas, ficou por explorar, de uma forma mais aprofundada, o universo digital, nomeadamente a criação de aplicações. O tema de aplicações digitais para revistas poderá ainda ser investigado e analisado. Diversos são os *plug-ins* existentes para *InDesign* que se dedicam ao tema, tendo sido desenvolvidos pela *Adobe*, *WoodWing*, *Mag+*, entre outras identidades. Posto isto, esta habilidade interativa, adicionada à lista das responsabilidades do designer poderá ser um tema a investigar num futuro projeto.

9. ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS

- 9.1. Referências Bibliográficas
- 9.2. Bibliografia
- 9.3. Glossário
- 9.4. Apêndices

9. ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS

9.1. Referências Bibliográficas

ABIKO, Alex, ALMEIDA, Marco, BARREIROS, Mário, *Urbanismo: História e Desenvolvimento*. São Paulo: Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, 1995.

ANTUNES, Adriana, *Revistas científicas: Cosmos digital*. Coimbra: Faculdade de Letras - Universidade de Coimbra, 2010. [Tese de Mestrado]

ASCHER, François, *Novos Princípios do Urbanismo seguido de Novos Comprimentos Urbanos*. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.

BERTIN, Patrícia, FORTALEZA, Juliana, "Paradigma atual da comunicação científica e introdução da revista Pesquisa Agropecuária Brasileira (PAB) no canal eletrônico" in *Perspectivas em Ciência da Informação*. 2:3 (2007) 83-95.

BOMFÁ, Cláudia; CASTRO, João, *Desenvolvimento de revistas científicas em mídia digital - o caso da Revista Produção Online*. Brasília. 33:2 (2004) 39-48.

BRANDÃO, João A. , *Uma gramática do movimento-variáveis estruturais para uma expressão do movimento na comunicação gráfica*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 2012
[Tese de Doutoramento em Design de Comunicação]

BRINGHURT, Robert , *Elementos do Estilo Tipográfico*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

CALDWELL, Cath, ZAPPATERRA, Yolanda, *Design Editorial - Jornais e revistas/ Mídia impressa e digital*. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2014.

CHOAY, Françoise, *O Urbanismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1965.

CHOAY, Françoise , *A Regra e o Modelo - sobre a teoria da arquitectura e do urbanismo*. Portugal : Caleidoscópio- Edição e Artes Gráficas, 2007.

Classificação Portuguesa das Profissões 2010 - 2011. [em linha] Consult. em 02/08/2017. Disponível em www: <http://https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=107961853&PUBLICACOESmodo=2&xlang=pt>.

GAMITO, Margardia , *A Cor na Formação do Designer*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 2005. [Tese de Mestrado]

Glossário do Desenvolvimento Territorial - 2007. [em linha] Consult. em 02/07/2017. Disponível em www: <http://https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=107961853&PUBLICACOESmodo=2&xlang=pt>.

GOITIA, Fernando Chueca, *Breve História do Urbanismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

HASLAM, Andrew , *O livro e o designer II - Como criar e produzir livros*. São Paulo : Rosari, 2010.

KANE, John, *Manual dos Tipos*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2012.

KAPFERER, Jean-Noel, *The New strategic Brand Management - creating and sustaining brand equity long term*. Kogan Page Limited, 2008.

KLANTEN, Robert *et al*, *Turning pages: editorial design for print media*. Berlim: Gestaltem, 2010.

LESLIE, Jeremy , *Novo design de Revistas*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003.

LUPTON, Ellen, *Pensar com Tipos*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

LUPTON, Ellen, *Intuição, ação, criação: graphic design thinking*. Barcelona : Editorial Gustavo Gili, 2012.

LUPTON, Ellen, *Tipos na Tela*. Barcelona : Editorial Gustavo Gili, 2015.

LUPTON, Ellen, PHILLIPS, Jenniefer C., *Novos Fundamentos do Design*. São Paulo : Cosac Naify, 2008.

MACK, Chris, "350 Years of Scientific Journals" in *Journal of Micro/Nanolithography, MEMS, and MOERMS*. 14:1 (2015).

MORENO, Fernanda, ARELLANO, Miguel Ángel, *Publicação Científica em Arquivos de acesso aberto*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio Grande do Sul,. 2015. [em linha] Consult. em 06/05/2017. Disponível em [www:<http://www.ufrgs.br/propesq1/sobrelinks/arquivos/Publicacao_acesso_aberto.pdf>](http://www.ufrgs.br/propesq1/sobrelinks/arquivos/Publicacao_acesso_aberto.pdf).

MULLER-BROCKMANN, Josef, *Sistemas de Grelhas: Um Manual para Designers Gráficos*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2014.

O Dicionário, *Dicionário Ilustrado*. [S.l.]: Porto Editora, 2004. ISBN 84-9789-654-8.

ÖCHSNER, Andreas, *Introduction to scientific publishing: Backgrounds, concepts, strategies*. Heidelberg: Springer, 2013

OWEN, William, *Modern Magazine Design*. Nova Iorque: Rizzoli International Publication, 1991.

Publicação Científica, [em linha] Consult. em 07/04/2017. Disponível em [www:<http://libguides.fe.up.pt/publicacao-cientifica>](http://libguides.fe.up.pt/publicacao-cientifica).

RAPOSO, Daniel, *Design de Identidade e Imagem Corporativa. Branding, história da marca, gestão da marca, identidade visual corporativa*. Castelo Branco : Edições IPCB, 2008.

Seminário RII 2016 | A Formação do Urbanista na Iberoamérica, [em linha] Consult. em 05/06/2017. Disponível em [www:<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.027/760>](http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.027/760).

STUMPF, Ida, "Passado e Futuro das revistas científicas" in *Ciência da Informação*. 25:3 (1996) 383–386.

ULTRAMARI, Clóvis, *Significados do Urbanismo*. 16, n. 25:2009)166–184.

WHITE, Jan V., *Edição e Design*. São Paulo - Brasil: JSN Editora, 2006.

9.2. Bibliografia

ABIKO, Alex, ALMEIDA, Marco, BARREIROS, Mário, *Urbanismo: História e Desenvolvimento*. São Paulo: Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, 1995.

A Quantum City, Barcelona Extensions - Idefons Cerdà - 1859. [em linha]. Consult. em 07/09/2017. Disponível em [www: <http://blogs.ethz.ch/prespecific/2013/05/01/cerda/>](http://www.blogs.ethz.ch/prespecific/2013/05/01/cerda/).

Associação dos Urbanistas Portugueses. [em linha]. Consult. em 07/04/2017. Disponível em [www: <http://www.aup.org.pt>](http://www.aup.org.pt).

ANTUNES, Adriana, *Revistas científicas: Cosmos digital*. Coimbra: Faculdade de Letras - Universidade de Coimbra, 2010. [Tese de Mestrado]

ASCHER, François, *Novos Princípios do Urbanismo seguido de Novos Comprimentos Urbanos*. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.

BERTIN, Patrícia, FORTALEZA, Juliana, "Paradigma atual da comunicação científica e introdução da revista Pesquisa Agropecuária Brasileira (PAB) no canal eletrônico" in *Perspectivas em Ciência da Informação*. 2:3 (2007) 83-95.

BOMFÁ, Cláudia; CASTRO, João, *Desenvolvimento de revistas científicas em mídia digital - o caso da Revista Produção Online*. Brasília. 33:2 (2004) 39-48.

BRANDÃO, João A. , *Uma gramática do movimento-variáveis estruturais para uma expressão do movimento na comunicação gráfica*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 2012 [Tese de Doutoramento em Design de Comunicação]

BRINGHURT, Robert , *Elementos do Estilo Tipográfico*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

CALDWELL, Cath, ZAPPATERRA, Yolanda, *Design Editorial - Jornais e revistas/ Mídia impressa e digital*. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2014.

Cell. [em linha]. Consult. em 26/06/2017. Disponível em [www: <http://www.cell.com/cell/home>](http://www.cell.com/cell/home).

CIAUD, Centro de Investigação em Arquitectura, Urbanismo e Design. [em linha]. Consult. em 25/09/2017. Disponível em [www: <http://ciaud.fa.utl.pt/index.php/pt/>](http://ciaud.fa.utl.pt/index.php/pt/).

CHOAY, Françoise, *O Urbanismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1965.

CHOAY, Françoise, *O urbanismo, utopias e realidade, uma antologia*. São Paulo: Perspectiva, 1965.

CHOAY, Françoise, *A Regra e o Modelo - sobre a teoria da arquitectura e do urbanismo*. Portugal : Caleidoscópio- Edição e Artes Gráficas, 2007.

Classificação Portuguesa das Profissões 2010 - 2011. [em linha] Consult. em 02/08/2017. Disponível em [www: <http://https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=107961853&PUBLICACOESmodo=2&xlang=pt>](http://https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=107961853&PUBLICACOESmodo=2&xlang=pt).

Dialnet, Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia. [em linha]. Consult. em 22/05/2017. Disponível em [www: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/revista?codigo=1760>](https://dialnet.unirioja.es/servlet/revista?codigo=1760).

DGES, Direção Geral do Ensino Superior. [em linha]. Consult. em 12/08/2017. Disponível em [www: <http://www.fa.ulisboa.pt>](http://www.fa.ulisboa.pt).

Elsevier, Cities. [em linha]. Consult. em 24/05/2017. Disponível em [www: <https://www.journals.elsevier.com/cities>](https://www.journals.elsevier.com/cities).

GOT - Revista de Geografia e Ordenamento do Território. [em linha]. Consult. em 22/05/2017. Disponível em [www: <http://cegot.org/ojs/index.php/GOT>](http://cegot.org/ojs/index.php/GOT).

Faculdade de Arquitectura-Universidade de Lisboa. [em linha]. Consult. em 12/08/2017. Disponível em [www: <http://www.fa.ulisboa.pt>](http://www.fa.ulisboa.pt).

Finisterra- Revista Portuguesa de Geografia. [em linha]. Consult. em 23/05/2017. Disponível em [www: <http://revistafinisterra.wixsite.com/finisterra-cegt>](http://revistafinisterra.wixsite.com/finisterra-cegt).

GAMITO, Margardia, *A Cor na Formação do Designer*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 2005. [Tese de Mestrado]

Glossário do Desenvolvimento Territorial - 2007. [em linha] Consult. em 02/07/2017. Disponível em http://https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=107961853&PUBLICACOESmodo=2&xlang=pt.

GOITIA, Fernando Chueca, *Breve História do Urbanismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

HASLAM, Andrew, *O livro e o designer II - Como criar e produzir livros*. São Paulo: Rosari, 2010.

JUTE, André, *Grelhas e estruturas do design gráfico*. Lisboa: Descartes, Representações e Edição, 1999.

KANE, John, *Manual dos Tipos*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2012.

KAPFERER, Jean-Noel, *The New strategic Brand Management - creating and sustaining brand equity long term*. Kogan Page Limited, 2008.

KLANTEN, Robert *et al*, *Turning pages: editorial design for print media*. Berlim: Gestaltem, 2010.

LESLIE, Jeremy, *Novo design de Revistas*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003.

LUPTON, Ellen, *Pensar com Tipos*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

LUPTON, Ellen, *Intuição, ação, criação: graphic design thinking*.
Barcelona : Editorial Gustavo Gili, 2012.

LUPTON, Ellen, *Tipos na Tela*. Barcelona : Editorial Gustavo Gili, 2015.

LUPTON, Ellen, PHILLIPS, Jenniefer C., *Novos Fundamentos do Design*.
São Paulo : Cosac Naify, 2008.

MACK, Chris, "350 Years of Scientific Journals" in *Journal of Micro/
Nanolithography, MEMS, and MOERMS*. 14:1 (2015).

MORENO, Fernanda, ARELLANO, Miguel Ángel, *Publicação Científica
em Arquivos de acesso aberto*. Rio de Janeiro: Universidade Federal
do Rio Grande do Sul,. 2015. [em linha] Consult. em 06/05/2017.
Disponível em [www:<http://www.ufrgs.br/propesq1/sobrelinks/
arquivos/Publicacao_acesso_aberto.pdf>](http://www.ufrgs.br/propesq1/sobrelinks/arquivos/Publicacao_acesso_aberto.pdf).

MULLER-BROCKMANN, Josef, *Sistemas de Grelhas: Um Manual para
Designers Gráficos*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2014.

Murbs. [em linha]. Consult. em 25/09/2017. Disponível em [www:
<http://ciaud.fa.utl.pt/index.php/pt/>](http://ciaud.fa.utl.pt/index.php/pt/).

O Dicionário, Dicionário Ilustrado. [S.l.]: Porto Editora, 2004.
ISBN 84-9789-654-8.

ÖCHSNER, Andreas, *Introduction to scientific publishing: Backgrounds,
concepts, strategies*. Heidelberg: Springer, 2013

Ordem dos Arquitectos. [em linha]. Consult. em 06/04/2017. Disponível
em [www: <http://www.arquitectos.pt>](http://www.arquitectos.pt).

OWEN, William, *Modern Magazine Design*. Nova Iorque: Rizzoli
International Publication, 1991.

PANERA, Philippe, MANGIN, David, *Proyectar la Ciudad*. Madrid: Celeste Ediciones, 2002.

Publicação Científica. [em linha] Consult. em 07/04/2017. Disponível em [www:<http://libguides.fe.up.pt/publicacao-cientifica>](http://libguides.fe.up.pt/publicacao-cientifica).

RAPOSO, Daniel, *Design de Identidade e Imagem Corporativa. Branding, história da marca, gestão da marca, identidade visual corporativa*. Castelo Branco : Edições IPCB, 2008.

Revista Portuguesa de Estudos Regionais. [em linha] Consult. em 22/05/2017. Disponível em [www:<http://www.apdr.pt/siteRPER/PT/revista.html>](http://www.apdr.pt/siteRPER/PT/revista.html).

SAMARA, Timothy , *Construção e Desconstrução*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

SECCHI, Bernardo, *La città del ventesimo secolo*. Roma-Bari: Editori Laterza, 2005.

SECCHI, Bernardo, *Prima lezione di urbanistica*. Roma-Bari: Editori Laterza, 2000.

Seminário RII 2016 / A Formação do Urbanista na Iberoamérica. [em linha] Consult. em 05/06/2017. Disponível em [www:<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.027/760>](http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.027/760).

Science Direct, Cities. [em linha] Consult. em 23/05/2017. Disponível em [www:<http://www.sciencedirect.com/science/journal/02642751?sdc=1>](http://www.sciencedirect.com/science/journal/02642751?sdc=1).

Scielo Portugal, GOT - Revista de Geografia e Ordenamento do Território. [em linha]. Consult. em 22/05/2017. Disponível em [www:<http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_issues&pid=2182-1267&lng=pt&nrm=i>](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_issues&pid=2182-1267&lng=pt&nrm=i).

STUMPF, Ida, "Passado e Futuro das revistas científicas" in *Ciência da Informação*. 25:3 (1996) 383–386.

TWEMLOW, Alice, *Para que serve o design gráfico?* Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2007.

ULTRAMARI, Clóvis, *Significados do Urbanismo*. 16, n. 25:2009)166–184.

VIGANÒ, Paola, *La città elementare*. Milano: Skira, 1999.

WHITE, Jan V., *Edição e Design*. São Paulo - Brasil: JSN Editora, 2006.

WILLBERG, Hans Peter, FORSSMAN, Friedrich, *Primeiros auxílios em tipografia: Consejos para diseñar con tipos de letra*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002.

9.3. Glossário

Comunicação científica, comunicação de resultados de pesquisas à comunidade de científica e às partes interessadas, o que facilita a criação e disseminação de conhecimentos.

Layout, esboço onde é apresentada toda a distribuição dos elementos gráficos que fazem parte do trabalho.

Revisão por pares, processo utilizado na publicação de artigos científicos e na concessão de recursos para pesquisas, o qual consiste em submeter o trabalho científico ao escrutínio de um ou mais especialistas, na maioria das vezes anónimo ao autor.

Revista indexada, revista que faz parte de uma base de dados, significando isto, que foi sujeita a um processo de seleção e análise.

Open Access (acesso livre), disponibilização livre e irrestrita de recursos académicos e científicos, encontrando-se registada em suporte digital e disponibilizada on-line.

Ordenamento do território, gestão da interação entre o homem e o espaço natural, consistindo no planeamento das ocupações, no potencial do aproveitamento das infraestruturas existentes e no assegurar da preservação de recursos limitados.

Web, termo originário da expressão inglesa *World Wide Web*, que significa rede a nível mundial.

9.4. Apêndices

9.4.1. Revista TPU: Território, Planeamento e Urbanismo · teoria e prática

9.4.2. Ativação da Marca

